

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro

Érica Nascimento Silva

2017

Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro

Érica Nascimento Silva

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).
Orientador: Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes

Rio de Janeiro
Março de 2017

N724f

Nascimento Silva, Érica Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro / Érica Nascimento Silva. -- Rio de Janeiro, 2017. 148 f.

Orientadora: Célia Regina dos Santos Lopes. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras Vernáculas, 2017.

1. Imperativo de segunda pessoa no português brasileiro. 2. Variação. 3. Tradição Discursiva. 4. Frequência de ocorrência e de tipo. I. Regina dos Santos Lopes, Célia, orient. II. Título.

Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro

Érica Nascimento Silva

Orientadora: Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Presidente, Professora Doutora Célia Regina dos Santos Lopes

Professora Doutora Professora Doutora Márcia Cristina de Brito Rumeu – UFMG

Professora Doutora Juliana Barbosa de Segadas Vianna – UFRRJ

Professor Doutor Leonardo Lenertz Marcotulio

Professora Doutora Silvia Regina de Oliveira Cavalcante – UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro
Março de 2017

SILVA, Érica Nascimento. Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2017.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo fazer um estudo sociolinguístico acerca do imperativo associado ao subjuntivo (*você*) e indicativo (*tu*) – nos termos de Scherre (1998) – no português brasileiro em cartas pessoais. Pretendemos, dessa forma, traçar diacronicamente o comportamento dos pronomes de 2ª pessoa no modo imperativo considerando trabalhos que tratam da inserção de *você* no português brasileiro. É virtude da entrada de *você*, como atestam vários trabalhos – Souza (2012), Duarte (1993, 1995), Lopes (2008) –, o quadro pronominal sofreu algumas mudanças, visto que essa forma passou a ocorrer em contextos antes destinados a *tu*. Nesse sentido, a nossa hipótese é de que o modo imperativo subjuntivo e indicativo ao longo dos séculos XIX e XX acompanhou a evolução histórica do quadro pronominal do PB com a entrada de *você*. Para tanto, consideraremos a teoria da Sociolinguística Variacionista Laboviana (LABOV, 1994) como um aporte teórico para apontar os fatores linguísticos e extralinguísticos que estariam influenciando no uso do imperativo de *tu* ou de *você* nas cartas. Além disso, verificaremos se fatores discursivos estariam atuando na escolha das formas variantes. Considerando, assim, que o modelo epistolar apresenta estruturas cristalizadas, usaremos os conceitos de Tradições Discursivas (KABATEK, 2006), a fim de testar a nossa hipótese de que elementos discursivos nesse gênero carta são importantes para o fenômeno analisado. Como ferramenta metodológica utilizaremos o programa estatístico Goldvarb X, com o objetivo de fazer uma análise quantitativa e, a partir disso, qualitativa, dos dados da amostra. Em função dessa análise quantitativa e qualitativa, usaremos, ainda, conceitos de *type* e *token* (BYBEE, 2010), para refinar a análise a partir da identificação da frequência dos itens verbais imperativos. Os resultados observados nessa tese mostram que o modo imperativo associado ao subjuntivo e indicativo está intrinsecamente relacionado à modificação do sistema pronominal provocado pela inserção de *você* e a questões discursivas referentes a construções formulaicas condicionadas pelo gênero textual carta.

SILVA, Érica Nascimento. Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2017.

Abstract

The present paper aims to do a sociolinguistic study about the imperative forms associated to the subjunctive (*você*) and indicative (*tu*) – in Scherre's terms (1998) – in Brazilian Portuguese in personal letters. We intend to, diachronically, trace the behaviour of the second-person imperative pronouns, taking in consideration works that deal with the insertion of *você* in Brazilian Portuguese. Because of the insertion of *você* in Brazilian Portuguese, as various works will attest – Souza (2012), Duarte (1993, 1995), Lopes (2008) –, the pronominal board had some changes, as this form came to occur in contexts that were mostly connected to *tu*. In this sense, our hypothesis is that subjunctive and indicative imperative modes through centuries XIX and XX followed the historic evolution of the pronominal board of Brazilian Portuguese with the entry of *você*. In order to accomplish the hypothesis, we will take account of the Labovian Sociolinguistic Variationist Theory (LABOV, 1994) as a theoretical support to point out the linguistic and extralinguistic factors that could influence the use of the imperative of *tu* or *você* in the letters. Furthermore, we will verify whether discursive factors could be acting in the variant form's choice. Considering as the epistolary model shows crystalized structures, we will use the concepts from Discursive Traditions (KABATEK, 2006), to test our hypothesis that discursive elements in this letter genre are important to the analyzed phenomenon. As a methodologic tool, we will use the statistical software Goldvarb X, aiming to perform a quantitative – and, further, a qualitative one – analysis of the sample data. Still, in this analysis affairs, we will use the concepts of type and token (BYBEE, 2010) to refine the analysis at the frequency identification of the imperative verbal items. The results of this thesis show that the imperative mode associated to the subjunctive and indicative is deeply related to the changes to the pronominal system caused by the insertion of *você* and by discursive matters about formulaic constructions conditioned by the letter genre.

SILVA, Érica Nascimento. Formas imperativas de segunda pessoa no português brasileiro. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2017.

Resumen

Este trabajo hace un estudio sociolingüístico a cerca del imperativo asociado con subjuntivo (*você*) y con indicativo (*tu*) – según los términos de Scherre (1998) – en el portugués brasileño (PB), en cartas personales. De este modo, pretendemos describir diacrónicamente el comportamiento de los pronombres de 2ª persona en el modo imperativo, teniendo en cuenta trabajos sobre la inserción del *você* en el PB. A causa de la entrada de *você*, como lo demuestra Souza (2012), Duarte (1993,1995) y Lopes (2008), el cuadro pronominal sufrió algunos cambios, ya que esa forma pasó a ocurrir en contextos antes destinados a *tu*. Con eso, nuestra hipótesis es la de que los modos imperativo, subjuntivo e indicativo, a lo largo de los siglos XIX y XX, acompañaron la evolución histórica del cuadro pronominal del PB con la aparición del *você*. Para ello, consideramos la teoría de la Sociolingüística Variacionista de Labov (LABOV, 1994) como un aporte teórico para señalar los factores lingüísticos y extralingüísticos que influirían en el uso del imperativo de *você* o de *tu* en las cartas. Además, verificamos si factores discursivos están actuando en la elección de las formas variantes. Así, considerando que el modelo epistolar presenta estructuras cristalizadas, usamos conceptos de Tradiciones Discursivas (KABATEK, 2006), con el objetivo de testar nuestra hipótesis, o sea, de que elementos discursivos en el género carta son importantes para el fenómeno analizado. Como herramienta metodológica, utilizamos el programa estadístico Goldvarb X, con la finalidad de analizar los datos de la muestra cuantitativamente y, a partir de eso, cualitativamente. En función de los análisis cuantitativo y cualitativo, usamos, todavía, conceptos de *type* y *token* (BYBEE, 2010), refinando el análisis a partir de la identificación de la frecuencia de los ítems verbales imperativos. Los resultados observados en este trabajo muestran que el modo imperativo asociado con subjuntivo y con indicativo está intrínsecamente relacionado a la modificación del sistema pronominal provocado por el apareamiento de *você* y las cuestiones discursivas referentes a construcciones formulaicas condicionadas por el género textual carta.

Dedico esta tese à minha mãe, pessoa mais importante ao longo da minha jornada na maratona da vida.

Agradecimentos

Agradeço sempre a Deus por ter me dado força para concluir esta etapa importante da minha vida, porque só com a ajuda Dele foi possível eu continuar perseverando nessa vida acadêmica.

Agradeço à minha mãe Clézia, por estar sempre ao meu lado me incentivando e me abraçando em todos os momentos difíceis da vida. Além disso, foi a pessoa por trás de todas as minhas conquistas, visto que sempre foi meu auxílio em todo o período em que pude me dedicar à minha formação acadêmica, sendo financeiramente ou com palavras de estímulo.

Agradeço à Célia, orientadora-mãe com quem convivo há 9 anos. Mais do que orientadora é uma pessoa humana, mas que não abre mão de dar broncas ou elogiar quando necessário. Sem sombras de dúvida eu não teria uma vida acadêmica se não fosse pela ajuda e paciência que a Célia dispensou a mim durante toda essa minha caminhada da iniciação científica na graduação até o doutorado.

Agradeço ao meu irmão Marcelo por seu incansável apoio e incentivo, sempre me lembrando de que eu sou capaz de atravessar as dificuldades.

Agradeço aos meus demais familiares que torceram por mim.

Agradeço aos bons amigos que me acompanharam durante os muitos períodos em que eu sumia por conta da tese, incentivando e mandando boas vibrações. Agradeço em especial ao Caio, meu amigo-irmão, sempre disposto a enxugar minhas lágrimas; à Elaine, por seus conselhos e momentos em que me ouviu com atenção; à Ana, amiga sincera que, mesmo de longe, se prestava a dar atenção às minhas aflições; à Rachel, por ter me acolhido com tanta doçura e gentileza quando estava prestes a desabar. Aos amigos Kit, Bê e Amarelo por nunca reclamarem de eu encher a paciência deles falando do doutorado e dos meus problemas relacionados a ele. Aos amigos Antônio Carlos, Vanda, Gee, Joyce e Paula por estarem do meu lado e se alegrarem com as minhas vitórias.

Agradeço em especial ao meu amigo Murilo por suas muitas contribuições ao meu trabalho, seja me ajudando diretamente na tese, ou me abraçando nos momentos de desespero e ficando feliz comigo nos dias alegres. Figura carimbada nesse meu percurso, tendo sempre uma mão estendida para me resgatar de pensamentos desesperados.

Agradeço os professores que tive ao longo da jornada do doutorado por agregarem conhecimentos que se tornaram imprescindíveis para a elaboração desta tese.

Agradeço a todos os amigos que fiz no Instituto Federal Fluminense – campus Quissamã, tanto do corpo docente como do discente, pela compreensão e ajuda sempre que precisei. Aos alunos das minhas turmas de 1ª ano de Eletromecânica e de Informática e as duas de PROEJA.

Agradeço à CAPES pelo financiamento de quase todo o período em que fiz o doutorado. Sem essa ajuda financeira certamente este trabalho não seria possível.

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

(Mensagens – Fernando Pessoa)

SINOPSE

Varição das formas imperativas de segunda pessoa ao longo do século XIX ao XX. O imperativo de segunda pessoa do singular em cartas pessoais.

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Percurso histórico do imperativo	9
2.1. O que dizem as gramáticas? Do latim ao português	9
2.2. De Vossa Mercê a você	14
2.3. Estudos sobre o imperativo	17
2.3.1. Aspectos extralinguísticos	17
2.3.2. Aspectos linguísticos	19
2.3.3. Aspectos discursivos.....	22
3. Pressupostos teóricos e metodológicos.....	25
3.1. A Teoria da Variação	26
3.2. Regra de frequência	30
3.3. Tradição Discursiva.....	32
3.3.1. A origem das tradições discursivas	32
3.3.2. Definições de TD.....	36
3.4. O gênero carta.....	38
3.5. A amostra analisada: descrição do <i>corpus</i>	41
Casimiro De Abreu	42
Cupertino do Amaral	43
Avós Christiano e Bárbara Ottoni.....	43
Família Pedreira Ferraz-Magalhães	43
Oswaldo Cruz	44
Land Avellar	44
Jayme-Maria “Casal dos Anos 30”	45
Washington Luís	45
Brandão.....	45
Frazão Braga.....	46
Família Teixeira.....	46
Cartas a Rui Barbosa.....	46
3.5 - Grupos de fatores controlados.....	46

3.5.1 - Variáveis linguísticas	47
3.5.2 - Variáveis extralinguísticas	50
4. Análise da expressão do imperativo indicativo (de <i>tu</i>) e subjuntivo (de <i>você</i>) em cartas na longa duração: 1841-1981	52
4.1. Os resultados do imperativo subjuntivo (de <i>você</i>) e indicativo (de <i>tu</i>): panorama geral dos grupos de fatores selecionados por fase	57
4.2. Paralelismo discursivo	60
4.3. Conjugação verbal	64
4.3.2.1 - Frequência de tipo e de ocorrências nas 4 fases postuladas: resultados dos verbos de 1ª conjugação.....	71
4.3.2.2 - Frequência de tipo e de ocorrências nas 4 fases postuladas: resultados dos verbos de 2ª conjugação.....	84
4.3.2.3 - Frequência de tipo e de ocorrências nas 4 fases postuladas: resultados dos verbos de 3ª conjugação.....	91
4.4. Regularidade verbal	96
4.5. Tipo de oração	120
4.6. Número de sílabas.....	125
5. Conclusão.....	136
Referências bibliográficas.....	142

Índice de figuras, gráficos, quadros e tabelas

Figura 1 A posição da TD dentro do sistema linguístico	33
Figura 2 Evocação	37
Gráfico 1 Imperativo de tu e você ao longo dos anos	53
Gráfico 2 Tu e você ao longo do século XIX e XX - Extraído de Machado (2011).....	54
Gráfico 3 Tu e você ao longo do século XIX e XX - Adaptado de Souza (2012)	55
Quadro 1: Construção do imperativo no latim	10
Quadro 2: Presente e perfeito (subjuntivo) e imperativo.....	10
Quadro 3: 3Estruturação do imperativo afirmativo e negativo em português segundo Bechara (2009, p. 237)	12
Quadro 4 Contextos que favorecem o imperativo de tu e o imperativo de você (SCHERRE, 2007, p. 207).....	22
Quadro 5 Estrutura das cartas	40
Quadro 6 Amostra analisada	42
Quadro 7 - Fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados	59
8 Quadro dos fatores que favorecem à ocorrência de imperativo indicativo e subjuntivo	98
9Localização na carta: menos e mais dialógico.....	134
Tabela 1- Ocorrências de imperativo nas cartas.....	52
Tabela 2: Rodada geral: paralelismo discursivo (valor de aplicação você)	62
Tabela 3: Paralelismo discursivo: rodadas parciais (valor de aplicação você).....	63
Tabela 4: Rodada geral: conjugação verbal (valor de aplicação você).	66
Tabela 5: Rodada parcial: conjugação verbal (valor de aplicação imperativo de você) 70	
Tabela 6: Lista de palavras por fases (1ª conjugação).....	73
Tabela 7 Ocorrências e tipos de verbos de 1a conjugação da fase 1	74
Tabela 8 Ocorrências e tipos de verbos de 1a conjugação da fase (2)	77
Tabela 9 Ocorrências e tipos de verbos de 1a conjugação na fase (3)	80
Tabela 10 Ocorrências e tipos de verbos de 1a conjugação na fase (4)	83
Tabela 11: Ocorrências e tipos de verbos de 2a conjugação por fases.....	85
Tabela 12: Ocorrências e tipos de verbos de 3a conjugação por fases.....	91
Tabela 13 Regularidade verbal/saliência fônica: rodada geral (valor de aplicação você)	99
Tabela 14 Rodada parcial: grupo regularidade do verbo (valor de aplicação você)	100
Tabela 15 Grupo tipos de oração: rodada geral (valor de aplicação você).....	122
Tabela 16 Tipo de oração: rodada parcial (valor de aplicação você)	123
Tabela 17: Grupo número de sílabas: rodada parcial (valor você).....	126

Tabela 18 Gênero: rodada geral (valor de aplicação você)	129
Tabela 19 Gênero: rodada parcial (valor de aplicação você)	130
Tabela 20 Secção da carta: rodada parcial (valor de aplicação você)	134

1. Introdução

O imperativo é uma forma verbal, considerada um modo verbal à parte, que é comumente empregada em atos de fala de caráter exortativo em que um locutor, numa dada situação interacional, exprime um ato diretivo a um interlocutor. Esse ato pode ter diferentes nuances, sendo seu sentido atrelado pragmaticamente a um contexto de interação normalmente em que ocorre um tom imperioso, a grosso modo, uma ordem, um pedido, um apelo.

Do latim ao português, o modo imperativo sofreu alterações tanto em sua constituição quanto aos seus valores com perda e manutenção de suas propriedades originais a partir de outras mudanças que operaram no português, principalmente, no quadro de pronomes de 2ª pessoa.

Atualmente, há, pelo menos, duas formas imperativas de segunda pessoa em português. A forma básica oriunda do paradigma original, chamada aqui e nas descrições linguísticas-gramaticais de *imperativo indicativo* ou *imperativo de tu* (*Fala rápido, come ligeiro e pede dinheiro ao seu pai*), além da forma que emerge a partir da inserção de *você* como pronome de segunda pessoa: o *imperativo subjuntivo* ou *imperativo de você* (*Fale rápido, coma ligeiro e peça dinheiro ao seu pai*).

As descrições gramaticais apresentam soluções próprias para dar conta da inserção da forma imperativa subjuntiva, considerada por alguns autores como forma supletiva de imperativo, uma vez que se implementa a partir da emergência de *você* como pronome de 2ª pessoa do singular (doravante, 2SG). A forma variante do imperativo afirmativo e negativo associado a *você* corresponde inteiramente ao subjuntivo, enquanto o imperativo indicativo advém do presente do indicativo sem o *-s* -. (cf. BECHARA, 2009; CEGALLA, 1990). Sendo assim, Cunha & Cintra (1985) consideram que esse modo verbal só apresenta formas próprias para o modo imperativo no tempo afirmativo, sendo o negativo, por isso, formado a partir do subjuntivo.

A partir desses questionamentos sobre à origem e formação do modo imperativo em português, muitos trabalhos têm sido produzidos, a fim de investigar os possíveis condicionamentos linguísticos e extralinguísticos que determinam a variação das duas formas imperativas de 2SG em uso no português brasileiro (doravante PB) (cf. SCHERRE, 2007, 2002, 2001, 1998; CARDOSO, 2009, entre outros estudos). Scherre

(1998) aponta aspectos referentes ao tipo de verbo – regularidade, número de sílabas, conjugação verbal – como elementos importantes na análise. Não há, no entanto, até o momento, nenhum trabalho que mapeie o modo imperativo de 2SG associado ao subjuntivo e ao indicativo diacronicamente considerando sua relação com a inserção de *você* no português brasileiro e é nesse ponto que o nosso trabalho se insere.

Conforme afirmam alguns estudos acerca da entrada de *você* no sistema pronominal do PB, – Duarte (1995, 1993), Machado (2011), Rumeu (2008) Souza (2012) – foi em meados da década de 1930 que esse pronome passou a ser utilizado nos contextos antes ocupados por *tu* resultando, assim, na suplantação de uso dessa nova forma em relação à anterior. Nesse sentido, este trabalho busca investigar se há alguma possível correlação entre a inserção de *você* no PB e o emprego das formas variantes de imperativo ou se os fenômenos são independentes entre si com um percurso histórico à parte.

Assim, o objetivo desse trabalho é analisar o imperativo de *tu* e de *você* ao longo de pouco mais de 100 anos (1860 – 1980), a fim de observar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação entre uma ou outra forma imperativa. Interessa-nos, assim, observar a variação apontando a frequência dessas formas em todo o período analisado para identificar a possível relação entre produtividade de uso e momento histórico. Utilizamos, para isso, uma amostra composta de 524 cartas pessoais de diferentes famílias ilustres e não ilustres originárias principalmente do Rio de Janeiro.

Para tanto, faremos uso do aporte teórico variacionista (LABOV, 1994), a fim de apontar os fatores que estariam condicionando o escrevente na escolha de uma forma ou de outra. Em função da natureza do *corpus* e de se tratar de um estudo de mudança na longa duração, faz-se necessário a quantificação através do programa estatístico *Godvarb X*, para, numa etapa seguinte, observar os dados de maneira pormenorizada. Com o intuito de fundamentar a explicação de base variacionista quantitativa, levaremos em conta as discussões de Bybee (2003) sobre frequência de ocorrência (*token*) e de tipo (*token*) para identificar se há relação entre a frequência e o uso das variantes imperativas. Procura-se observar se houve, ou não, um aumento generalizado de uma das formas imperativas variantes em termos de ocorrências gerais de uso ou se o processo de variação/mudança se relaciona a determinados itens verbais que sempre foram mais produtivos ao longo do tempo. Ainda é preciso ter em conta que, por se tratarem de cartas, gênero que apresenta estruturas fixas – saudação inicial, núcleo e saudação final – torna-se necessário uma análise mais cuidadosa e criteriosa das formas imperativas de *tu* e de *você* que ocorrem

repetidas vezes em construções cristalizadas típicas do modelo epistolar, como: *aceite, mande, receba*. Utilizaremos, por isso, conceitos da Tradição Discursiva (KABATEK, 2006), a fim de observar se a alternância do imperativo de *tu* e de *você* nas cartas é realmente um caso de variação ou está associado a uma construção formulaica influenciada pelo gênero textual carta.

Partimos, assim, das seguintes questões que vão nortear o nosso trabalho:

- 1) A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa – de *tu* e de *você* – ao longo do século XIX-XX acompanhou as mudanças ocorridas no quadro pronominal do PB de 2 SG a partir da inserção de *você* na posição de sujeito por volta das décadas de 1930-1940 como apontam diferentes estudos (DUARTE, 1995; SOUZA, 2012; RUMEU, 2008)?
- 2) O emprego do imperativo de *tu* e de *você* tem uma evolução independente das formas do paradigma de *tu* e *você*, ou seja, o uso desse modo verbal teve um desenvolvimento à parte nesse processo de implementação de novas formas de segunda pessoa no Brasil?
- 3) A frequência de uso de uma ou outra forma variante de imperativo de 2SG está associada à estruturação das cartas pessoais com relação a construções fixas, funcionando como uma Tradição Discursiva (KABATEK, 2006)?
- 4) O predomínio de uma estratégia imperativa ou outra ao longo do tempo está relacionado a itens verbais específicos (*types*) ou ao aumento generalizado de número de ocorrências (*tokens*) das formas variantes? O número de ocorrências (*tokens*) de cada item verbal (*type*) foi sempre o mesmo ao longo do período analisado?
- 5) Os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a escolha do falante/escrevente pelas formas variantes de imperativo no presente são os mesmos no passado, em particular, nos últimos 100 anos de produção escrita? Trata-se de um processo de variação estável ou de mudança em progresso?

Para dar conta dessas questões e dos objetivos apresentados, estruturamos o trabalho em quatro capítulos, além dessa introdução que corresponderia ao capítulo 1. O capítulo (2) apresenta uma descrição do imperativo a partir das visões das gramáticas históricas, descritivas e normativas, a fim de apontar os valores assumidos por esse modo

verbal e discutir acerca da sua origem desde o latim. Nessa seção há ainda diferentes estudos sobre o fenômeno em questão que nos guiará em toda a análise.

No terceiro capítulo são apresentados os pressupostos teóricos da Teoria da Variação (LABOV, 1994) em que este trabalho se apoia com o objetivo de verificar os fatores sociais e linguísticos que influenciam na variação das formas imperativas. Além disso, são descritos aspectos concernentes à Tradição Discursiva (KABATEK, 2006), considerando ainda o conceito de *type* e *token* (BYBEE, 2003). Além disso, mostramos as opções metodológicas concernentes à ferramenta utilizada para a análise – *Goldvarb X* – descrevendo brevemente todos os grupos de fatores já testados, ou não, em diferentes trabalhos já feitos sobre o tema.

Na seção seguinte, capítulo (4), mostramos os nossos resultados com base na metodologia quantitativa, acompanhada de uma análise qualitativa dos dados. São discutidos os dados considerando o contexto em que estão inseridos bem como os aspectos linguísticos e sociais que norteiam a análise. As hipóteses básicas e a descrição detalhada de cada grupo de fatores selecionado são discutidas durante a apresentação dos resultados.

O último capítulo é destinado a apresentar as considerações finais com a síntese dos resultados que encontramos com todas as discussões levantadas ao longo da tese. Buscamos responder todas as questões levantadas inicialmente e no desdobramento do trabalho apresentando as conclusões a que chegamos na tese.

2. Percurso histórico do imperativo

2.1. O que dizem as gramáticas? Do latim ao português

No latim clássico, havia formas específicas para o imperativo afirmativo ou positivo, uma vez que, desde o indo-europeu, o imperativo tinha valor apenas de ordem e súplica. Não havia, desse modo, uma forma própria para o chamado imperativo negativo pelo fato de tal modo verbal não funcionar para proibição. Dessa forma, como será mostrado mais adiante, a leitura de proibição era expressa a partir de outras estratégias, como por exemplo, o emprego do subjuntivo ou pelo acréscimo de partículas negativas (*ne* e *nolo*): *nec uos quidem iudices... morte temueritis* “não temais a morte, vós também, juízes” (partícula *nec* seguida pelo perfeito do subjuntivo).

Assim, o imperativo afirmativo ou positivo apresentava dois tempos verbais – o presente e o futuro – apenas nas segundas pessoas – tanto do plural quanto do singular. A sua formação iniciava-se pela supressão da última sílaba do infinitivo mantendo-se assim na 2ª pessoa do singular do imperativo presente (*amare* ‘amar’ – amaØ ‘ama tu’) ou acrescentando-se desinências nas outras pessoas. Na 2ª pessoa do plural do imperativo presente, acrescentava-se *-te* (*amare* ‘amar’ – amate ‘amai vós’) com a alteração da vogal *-e-* para *-i-* breve nos verbos de 3ª conjugação: *lege* (tu) “lê” e *legite* (vós) “lede” (ALMEIDA, 2000, p.246). Já o imperativo futuro era formado com o acréscimo das desinências *-to*, *-tote* e *-nto*, respectivamente, na 2ª do singular, na 2ª do plural e na 3ª do plural, conforme aponta Almeida (2000, p. 246).¹ O quadro a seguir ilustra essas duas formas de imperativo a partir da sua formação básica do infinitivo:

¹ As formas médias do imperativo a partir da desinência *-tor* – mais frequente no período arcaico só ocorre em poesias (FARIA, 1958, p. 382).

Infinitivo	Imperativo Presente (2ª p. sing.)	Imperativo Presente (2ª p. pl.)	Imperativo Futuro (2ª p. sing.)	Imperativo Futuro (2ª p. pl.)	Imperativo Futuro (3ª p. pl.)
amare	ama	amate	amato	amatote	amanto
delere	dele	delete	deleto	deletote	delento
legere	lege	legite	legito	legitote	legunto
capere	cape	capite	capito	capitote	capiunto
audire	audi	audite	audito	audito-te	audiunto

Quadro 1: Construção do imperativo no latim

Em termo de valor de uso, o imperativo presente latino era de emprego mais geral para ordens e pedidos de execução imediata, ao passo que o imperativo futuro tinha um uso bastante restrito no latim com ordens a serem cumpridas a partir de um determinado tempo. Seu uso era obrigatório em textos jurídicos (FARIA, p. 381-382).

Como mencionado anteriormente, o sentido de proibição poderia ser expresso por recursos supletivos. Almeida (2000, p. 246) mostra que para a 2ª pessoa do singular e do plural se empregava o perfeito do subjuntivo com a partícula de negação *ne/nec*, já para as outras pessoas era empregado o presente do subjuntivo, conforme pode ser observado no quadro a seguir:

Presente do subjuntivo	Perfeito do subjuntivo	Imperativo negativo
amem ames amet amemus ametis ament	amaverim amaveris amaveriti amaverimus amaveritis amaverint	nec amaveris nec amet nec amemus nec amaveritis nec ament
deleam deleas deleat deleamus deleatis deleant	deleverim deleveris deleverit deleverimus deleveritis deleverint	ne deleveris ne deleat ne deleamus ne deleveritis ne deleant

Quadro 2: Presente e perfeito (subjuntivo) e imperativo.

Cabe destacar que, além de serem empregadas no imperativo negativo, as formas de subjuntivo também podiam ser usadas com valor de imperativo afirmativo em contextos bastante específicos segundo Faria (1958, p.382). Estão, nesse caso, ordens para terceira pessoa, construções de sujeito indeterminado com segunda pessoa de uso clássico e segunda pessoa propriamente dita em linguagem familiar.

Em suma, as gramáticas latinas descrevem o seguinte comportamento para o imperativo:

- Presença de apenas dois tempos do imperativo afirmativo/positivo: presente (+ geral) futuro (+ restrito a textos jurídicos);
- Existência de marca desinencial específica somente para o imperativo afirmativo de 2ª pessoa (singular e plural);
- Imperativo negativo sem morfologia própria, ou seja, a proibição de atos podia ser expressa a partir do emprego do subjuntivo ou de partículas negativas;
- Subjuntivo presente também funcionava como um recurso supletivo de “imperativo” para denotar ordem na terceira pessoa, na segunda pessoa em contextos familiares e em construções de sujeito indeterminado.

Algumas dessas propriedades latinas se mantiveram no português, embora outras tenham sofrido alterações em função da inserção de um novo pronome para expressão da 2ª pessoa seja no singular seja no plural com o desuso de *vós: você(s)*. Está, no primeiro caso, o fato de o português apresentar formas próprias de imperativo afirmativo apenas para as segundas pessoas, sendo que para as demais pessoas a formação do imperativo ocorre a partir do presente do subjuntivo (BECHARA, 2009, p. 237). Como acontecia em latim, o imperativo negativo do português não apresenta forma própria, empregando-se, nesse caso, as formas correspondentes ao presente do subjuntivo antecedidas de *não*. O quadro abaixo esquematiza a constituição do imperativo no português:

Imperativo afirmativo		Imperativo negativo		
_____	eu	_____	_____	eu
canta	tu	não	cantes	tu
cante	você, o senhor	não	cante	você, o senhor
cantemos	nós	não	cantemos	nós
cantai	vós	não	canteis	vós
cantem	vocês, os senhores	não	cantem	vocês, os senhores

Quadro 3: 3Estruturação do imperativo afirmativo e negativo em português segundo Bechara (2009, p. 237)

Como se observa no quadro (3) há duas formas para referência à segunda pessoa, tanto no imperativo afirmativo quanto no negativo. No imperativo afirmativo, tem-se a forma relacionada a *tu* que, nas gramáticas tradicionais do português, é descrita em função de sua associação ao presente do indicativo. A forma relacionada a *você/o senhor* estaria, também de acordo com a GT, associada ao subjuntivo (BECHARA, 2009, p. 237; ROCHA LIMA, 1970, p. 118-119; CEGALLA, 1990, p. 166). Assim, para formar o imperativo afirmativo de 2ª pessoa, tanto do singular (*tu*) quanto do plural (*vós*), retira-se o *-s* final das formas do presente do indicativo: *tu amas* > *amas-* > *ama* (*tu*); *vós amais* > *amais-* > *amai* (*vós*). Para *você(s)*, parte-se das formas do presente do subjuntivo sem modificações. As primeiras pessoas – plural e singular –, segundo Rocha Lima (2003, p. 129), não costumam ser utilizadas.

Embora as gramáticas tradicionais citadas expliquem a formação do imperativo afirmativo a partir do presente do indicativo e do subjuntivo, Cunha e Cintra (1985, p. 465) assumem uma posição diferente mais próxima à origem latina propriamente dita. Os autores afirmam que o imperativo não deriva de nenhum outro modo verbal, mas sim que o mesmo tem formas próprias para as segundas pessoas e, para as demais, tanto para o imperativo afirmativo quanto para o negativo, faz-se uso do subjuntivo. Tal contradição pode estar relacionada à homofonia que ocorreu entre as formas imperativas e indicativas, a partir da queda do *-t* final na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo ainda em latim (FARACO, 1986, p. 5). Para o autor, com essa queda na terceira pessoa as duas formas ficaram idênticas: *ama* (imperativo afirmativo) e *ama* (presente do indicativo) < *amat*.

Não só há uma diferença entre a forma relacionada ao imperativo de *tu* e a

forma do imperativo de *você*, como também a visão tradicional costuma atribuir valores distintos para o emprego de uma estratégia ou outra de 2ª pessoa do singular, como será discutido a seguir.

Em termos gerais, o imperativo é apresentado como um modo verbal em que se exprime ordem, pedido, desejo, súplica e exortação (PERINI, 2003, p. 257; PEREIRA; 1932, p. 498; PEREIRA, 1923, p. 101; BUENO, 1963, p. 129). Segundo Pereira (1932, p. 498), o tom de voz pode determinar o que o emissor quer de fato comunicar ao receptor da situação interacional. Cunha & Cintra (2013, p. 496) destacam que mesmo um imperativo utilizado junto a expressões de cortesia como *por favor*, *por gentileza*, *digne-se de*, *tenha bondade de* pode soar de maneira rude, seco ou insolente a depender do tom de voz, por isso a entoação, dentro de uma situação de fala é de grande importância.

Alguns autores, como Pereira (1932, p. 498-499), afirmam existir uma diferença quanto ao emprego do imperativo de *tu* (indicativo) e o de *você* (subjuntivo). O autor destaca, por exemplo, que no português o subjuntivo era utilizado no lugar do indicativo para atenuar o tom imperioso das sentenças, dando, assim, as mesmas, um valor mais polido. Essa ideia de que o subjuntivo atenua uma “ordem imperativa” também já estava presente em sua gramática de 1923 (p. 509-510). Outros autores confirmam essa premissa de que o imperativo associado ao indicativo está relacionado a situações de proximidade e informalidade, enquanto o subjuntivo, a contextos interacionais mais formais e assimétricos.

Além de mencionar sobre o abrandamento do uso do subjuntivo no lugar no imperativo, Pereira (1932) afirma que esse modo verbal pode ser substituído por outros tempos a depender da sentença. Assim, o imperativo pode ser substituído por formas de futuro em preceitos categóricos, como em “não matarás” e “não furtarás” e pelo infinitivo em enunciações de ordens e desejos vagos, como em “passar bem” e “direita, volver”. Bechara (2009, p. 281) destaca que o infinitivo pode ser utilizado no lugar do imperativo não necessariamente para obter essa noção de vagueza da ordem e do desejo. Barros (1985, p. 152-153) também menciona que os substitutos do imperativo são atenuantes desse modo verbal: uma maneira de deixar o discurso impositivo mais suavizado. Assim, o autor enumera uma série de alternativas ao imperativo, como: frases nominais – *Silêncio! Avante! Fogo! Socorro!*; uso de indicativo – *O senhor me conta amanhã sobre o que versou a conversa com o Secretário*; e uso do verbo “querer”

em frases interrogativas – *Quer me fazer um favor?*.

2.2. De Vossa Mercê a você

Como pudemos observar, o imperativo relacionado a *tu* e *você*, no português, não têm a mesma origem, visto que, segundo as gramáticas citadas, o primeiro vem desde o latim e o outro seria oriundo de uma estratégia supletiva de subjuntivo, existente em latim em outro contexto. Vale ressaltar, no entanto, que tal diferenciação entre o imperativo associado a *tu* e a *você* parece não estar relacionada somente as origens dessas duas formas. O fato de *você* ter se constituído como uma estratégia de segunda pessoa tendo sua origem numa forma de tratamento – *Vossa Mercê* – poderia ser um outro fator relevante no que diz respeito aos valores que o imperativo associado ao indicativo (*tu*) e ao subjuntivo (*você*) assumem no período e *corpus* analisados. Dessa forma, um dos aspectos mais relevantes para o estudo aqui proposto é discutir essa distinção de valores do imperativo de *tu* e imperativo de *você* considerando estudos acerca da formação e entrada de *você* no quadro pronominal do português brasileiro.

Como discutido anteriormente, o latim apresentava apenas duas pessoas de referência à segunda pessoa: *tu* (para relações de intimidade) e *vós* (para relações de cortesia). *Vós*, em referência a um único interlocutor, era a estratégia utilizada para se referir a membros da nobreza em Portugal, mas, conforme aponta Cintra (1986), a partir do século XIV ao XV, esse pronome passou a ser, cada vez, menos utilizado em detrimento de formas nominais de tratamento, tal como *Vossa Alteza*, *Vossa Senhoria* e *Vossa Mercê*. Domingos (2001, p. 21) afirma que os interlocutores podem ser identificados a partir das formas de tratamento utilizadas:

—Trata-se de pronomes com os quais se estabelece uma relação direta entre falantes e ouvintes expressando distanciamento ou não entre eles. (...) O valor de tratamento igualitário ou de superior para inferior ou de inferior para superior, ou mesmo de [+ intimidade], de insulto, de [+afetividade], de modéstia, de ordem, encontrado neste trabalho, faz- nos afirmar que pronome de tratamento e a representação no discurso do ser-social. Somente o uso determina a regra. As normas são sociais. Tu e vos, nos textos analisados, não são nomes, mas representações sociais ou psicológicas. (DOMINGOS, 2001, p.21.).

A forma de tratamento *Vossa Mercê*, conforme aponta Faraco (1996), na segunda metade do século XV, era uma estratégia linguística para marcar social e

hierarquicamente a posição do rei em relação aos seus subordinados, visto que era utilizado apenas em referência ao monarca. Essa estratégia de marcar distanciamento social através das formas de tratamento, no entanto, sofreu uma série de mudanças resultantes das transformações da sociedade portuguesa já a partir do final do século XV.

As monarquias europeias, incluindo a portuguesa, foram fortalecidas com o apoio direto de comerciantes que, no século XV, viriam a compor uma nova camada social. A partir desse período, com a expansão marítima, surgiu uma nova camada social – a burguesia –, que viria a se fortalecer ainda mais no século seguinte com as conquistas mercantis do estado português. Dessa forma, a sociedade sofreu uma mudança em sua estrutura passando a contemplar essa nova classe emergente que ansiava em não fazer parte da plebe, já que dispunham de capital mercantil advindo das navegações portuguesas. A burguesia, assim, passou a também ser uma camada social que exigia o uso de *Vossa Mercê*, a fim de marcar sua distinção hierárquica fazendo, desse modo, com que tal forma de tratamento tivesse seu uso expandido e, conseqüentemente, seu significado, espreado. *Vossa Mercê*, assim, foi gradativamente perdendo seu caráter cerimonioso que marcava a posição de prestígio do interlocutor, passando a ser um pronome de referência de segunda pessoa que se opunha ao informal *tu*.

Com a expansão de seu uso, a forma de tratamento *Vossa Mercê*, que antes tinha função de distinção social, passou a ser utilizada por pessoas que não compunham nem a burguesia e nem a nobreza. Assim, tal estratégia, por ser cada vez mais frequente sofreu uma série de erosões fonéticas até chegar à forma *você*. A partir do século XIX, no entanto, *você* passa a ser usado de maneira distinta no Português brasileiro, em relação ao português europeu, já que passa a co-ocorrer em contextos do pronome *tu*, como atesta Soto (2001, p. 241) em análise de cartas oitocentistas e novecentistas. A autora constata, na amostra analisada, que *você* apresenta traços de conservadorismo e inovadorismo. O caráter conservador é verificado nas correspondências da Condessa Berral a D. Pedro II, o imperador, em que ela faz uso de *você* ainda com um tom cerimonioso para se referir a realeza da aristocracia brasileira. Já o uso inovador de *você* pode ser observado nas cartas pessoais trocadas em 1904 e 1906 com os amigos baianos Rui Barbosa e Jose Marcelino (senador e governador da Bahia, respectivamente), em que o pronome é empregado com um tom mais intimista, conforme Menon (2006).

Em trabalho feito a partir de uma amostra que contempla um período de cem anos (séculos XIX e XX de cartas pessoais da família Pedreira Ferraz – Magalhães), Rumeu (2008, p. 246) aponta o emprego mais frequente de *você*, mesmo em cartas íntimas escritas por mulheres. Esse uso de *você*, segundo a autora, poderia estar motivado ao fato de tal pronome ter um caráter mais indiretivo e distanciador, comportamento esse esperado para uma mulher do início do século, que tinha de se resguardar socialmente dos membros masculinos. O mesmo observou Lopes e Machado (2005) em análise feita com base em cartas pessoais do casal de idosos Christiano Benedicto Ottoni e Barbara Balbina de Araújo Maia Ottoni em fins do século XIX. Novamente, a remetente feminina apresentou um uso mais produtivo de *você*. Esses resultados comprovam que a forma inovadora *você* no final do século XIX, embora tenha sofrido um processo de desbotamento semântico, apresenta um caráter híbrido, pois tanto podia assumir um tom cerimonioso como ocorria em variação com o pronome *tu* íntimo

E virtude da entrada de *você* no português brasileiro, como atestam vários trabalhos – Souza (2012), Duarte (1993, 1995), Lopes (2008) –, o quadro pronominal sofreu algumas mudanças, visto que essa forma pronominal passou a ocorrer em contextos antes destinados a *tu*. Duarte (1993, 1995), em trabalho com base em peças teatrais portuguesas do século XIX e XX sinaliza que, em meados da década de 1930, a forma pronominal *você* suplanta *tu* em termos de frequência de uso. Souza (2012), em estudo feito a partir de cartas pessoais do século XIX ao XX, constata que no início do período analisado *tu* era a forma mais recorrente como estratégia de segunda pessoa. Com a virada do século XX, *você* passa a coexistir com *tu* em contextos similares de uso. Já entre o período de 1940 e 1970, *você* passa a ser mais frequente que *tu*, já que se torna um pronome de uso menos marcado sendo – em virtude do desbotamento semântico sofrido ao logo dos anos –, mais comum em diferentes situações.

Os trabalhos sobre a inserção de *você* no quadro pronominal de 2ª pessoa mostram que tal forma inovadora perde gradativa, mas não completamente, o caráter de deferência advindo do tratamento *Vossa Mercê*, assumindo, ao longo do século XX, os contextos de intimidade típicos de *tu*. *Você* funciona como uma forma híbrida e polifuncional com a manutenção de propriedades originais do antigo tratamento nominal e assunção do valor simétrico de *tu*. Interessa-nos observar, entretanto, se tal

caráter da forma *você* se reflete, ou não, em seu uso como forma imperativa. Uma das questões a ser investigada é se os valores atribuídos ao imperativo ao longo do século XX acompanharam a evolução histórica dos valores assumidos pelo tratamento *você* observados nos estudos feitos até aqui. Existe uma mudança correlacionada ou são alterações paralelas? Os valores do imperativo de *tu* e *você* seguiram a mesma trajetória histórica?

Na próxima seção, será feita uma breve incursão pelos trabalhos de linhas teóricas diferentes acerca dos valores que esse modo verbal foi assumindo ao longo do século XVIII ao XX.

2.3. Estudos sobre o imperativo

2.3.1. Aspectos extralinguísticos

Em trabalho utilizando quatro peças teatrais do século XVIII – sendo três portuguesas e uma luso-brasileira –, Sampaio (2004) buscou traçar a ocorrência da expressão do imperativo no português brasileiro a partir dos pressupostos funcionalistas. Para tanto, a autora analisou os contextos discursivos e pragmáticos em que o imperativo ocorria, bem como a relação entre a forma de tratamento dispensada pelo emissor ao destinatário. Os resultados apontaram que, nas duas peças teatrais da primeira metade do século, as escolhas das formas imperativas estavam relacionadas aos papéis sociais estabelecidos entre os interlocutores. Assim, o uso do imperativo relacionado a *tu* mostrava-se produtivo em relações entre casais namorados/esposos, de pai e filhas, entre amigos e de inferior para superior para demonstrar desdém (84 ocorrências). Já o uso de imperativo com as formas treatmentais *Vossa Mercê* ou *Senhor* abrangia os contextos em que não havia intimidade, como em relações de superior para inferior, de sobrinho para tio e de homem para mulher (83 ocorrências). No caso de *vós*, o uso do imperativo relacionado à segunda pessoa do plural era mais comum entre membros do alto escalão do exército e da aristocracia (12 ocorrências). Já nas outras peças teatrais da segunda metade do século XVIII os resultados encontrados foram: imperativo relacionado a *tu* (37 ocorrências) entre casais de namorados, entre amigos e nas relações de superior para inferior; imperativo relacionado à forma de terceira pessoa (*Vossa Mercê*, *V. Senhoria*, *Senhor* e *você* – 15 ocorrências) entre casais de namorados, amigos e em relações simétricas e assimétricas.

A autora destaca, no entanto, que na segunda metade do século XVIII, esse *você* já assumia uma característica híbrida, uma vez que não distinguia mais classes sociais tal qual *Vossa Mercê*, no período analisado. Apesar de o valor de *você* já mostrar desbotamento em relação à forma tratamental que lhe deu origem, ainda assim, os interlocutores, nas peças analisadas, apresentam uniformidade no tratamento no que diz respeito ao imperativo. Assim, a autora levanta a hipótese de que a ausência de variação no imperativo de formas relacionadas a *tu* e a *você* não ocorrem nessa amostra devido ao estágio de gramaticalização de *você*.

Em um estudo sociofuncionalista utilizando-se do romance traduzido *Vinhas da Ira*, tomado, muitas vezes como o falar gaúcho da época (final da década de 1930), Reis (2003) faz uma análise acerca da manifestação do imperativo associado ao indicativo (*tu*) e subjuntivo (*você*), a fim de verificar a variação entre as duas formas em diferentes relações sociais entre os personagens do *corpus*. Os resultados obtidos na análise da autora mostram que o imperativo associado ao indicativo seria manifestado com mais frequência em relações de proximidade, ao passo que o subjuntivo, em relações socialmente mais distantes, como pode ser observado no fragmento a seguir:

Os resultados apontaram para o seguinte comportamento: comandos dirigidos a personagem-suposto-manipulado de papel sociopessoal de [> autoridade], com tratamento respeitoso, foram mais recorrentes na variante subjuntiva, como, por exemplo, de filhos/mãe, fiéis/reverendo. Já comandos dirigidos a personagem-suposto-manipulado de papel sociopessoal de [> proximidade] e de relação de [> intimidade], como entre iguais (irmãos, marido/mulher, amigos), foram mais frequentes na variante indicativa. (REIS, 2003, p. 204)

A variação entre as formas relacionadas ao imperativo de *tu* e a *você*, conforme o resultado da autora, seria condicionada por fatores pragmáticos. A relação social entre os interlocutores incide diretamente na escolha da estratégia utilizada por parte do emissor. A partir desse resultado, poderia se hipotetizar que o uso do imperativo de *você* seria utilizado em contextos de distanciamento também em virtude da sua origem (*Vossa Mercê*), ao contrário de *tu*, que, como pronomes de referência de segunda pessoa desde o latim, seria a estratégia frequente em relações de maior intimidade entre os interlocutores. Podemos, a partir das descrições feitas até aqui sobre análises diacrônicas da expressão do imperativo, considerar que há uma possível relação entre o papel social dos indivíduos e o uso das formas imperativas de segunda pessoa *tu* e *você*. Assim podemos observar a relação entre o uso do imperativo associado ao

subjuntivo com a forma de tratamento *Vossa Mercê*, mostrando que em contextos de proximidade entre os interlocutores a estratégia utilizada é o imperativo de *tu* e em de distanciamento, o imperativo de *você*.

2.3.2. Aspectos linguísticos

Alguns trabalhos vêm apontando fatores linguísticos com relação ao verbo – Scherre (2007), (2002), (2001), (1998), Cardoso (2009) – que são relevantes para a análise do imperativo. Partindo disso, os grupos que têm sido testados com relação ao imperativo são: conjugação verbal, regularidade e número de sílabas do verbo no infinitivo. Para isso partem do *Princípio da Marcação*, de Givón (2001), a fim de observar questões estruturais com relação ao verbo imperativo, observando distinções entre formas mais regulares/menos regulares; vogal precedente à forma conjugada do verbo no imperativo [+ aberta]/[- aberta] e verbos com oposição mais – *faz/faça, diz/diga* – ou menos marcadas – *vá/vai, dá/dê* –, conforme Naro (1981 *apud* CARDOSO, 2009). Para Givón (2001), estruturas mais marcadas tendem a ser mais extensas, cognitivamente mais complexas e ter formas mais salientes.

Considerando a conjugação, tomando como base o *Princípio da Marcação* (GIVÓN, 2001), trabalhos como Cardoso (2009), Alves (2009) e Scherre (2001) chegam a resultados que confirmam a hipótese de que verbos de 1ª conjugação favoreceriam o imperativo de *tu*, ao passo que a 2ª e 3ª conjugações, o imperativo de *você*. Isso se deve ao fato de a 1ª conjugação ser a mais frequente, o que faz com que essa categoria de verbos seja a mais acessível cognitivamente ao falante. Assim, quanto menos frequente a forma verbal, mais requer do usuário da língua esforço cognitivo para usar tal estrutura e, por isso, essa se torna mais marcada, como as formas verbais de 2ª e 3ª conjugações. Nesse sentido, a 1ª conjugação, que é menos marcada, favoreceria o imperativo de *tu* que, ao contrário do imperativo de *você*, é uma forma própria do imperativo de 2 SG desde o latim (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 1985).

Analisando histórias em quadrinhos do Menino Maluquinho, Alves (2009, p.10), partindo das hipóteses de Scherre acerca da relevância da conjugação verbal para a análise do imperativo associado ao subjuntivo e indicativo, observa resultados já esperados. O autor verifica que a 1ª conjugação favoreceu ao imperativo de *tu*, com peso relativo de .58, enquanto as 2ª e 3ª conjugações desfavoreceram a ocorrência dessa forma, com .20 e .31, respectivamente.

Esse grupo de fator foi testado em alguns trabalhos – Cardoso (2009), Scherre (2001, 2002, 1998) – que mostram que a saliência fônica dos verbos no imperativo de 2ª pessoa do singular é um aspecto relevante a ser controlado. Com relação à regularidade do verbo, os resultados de trabalhos – Cardoso (2009), Scherre (2001, 2002, 1998) – apontam que verbos mais marcados (com relação à regularidade e saliência fônica) tendem a favorecer a ocorrência de imperativo de *você*, ao passo que as formas mais gerais e menos marcadas, favorecem o imperativo de *tu*. Nos verbos regulares de 1ª conjugação, mesmo em áreas geográficas em que há a preferência pelas formas imperativas subjuntivas, a frequência de imperativo de *tu* é maior que de *você* (SCHERRE, 2001, p.8). Os resultados de Scherre (2001, p.9) indicam que verbos como *olhar* (duas sílabas, vogal precedente mais aberta) e *deixar* (duas sílabas, vogal precedente menos aberta) apresentam alta frequência de imperativo de *tu*, enquanto *esperar* (três sílabas, vogal precedente mais aberta) e *imaginar* (três sílabas, vogal precedente menos aberta) apresentam uma ocorrência inferior a 50% de imperativo indicativo. Por outro lado, o peso relativo de verbos irregulares menos marcados – *dá/dê* – apresentam favorecimento no imperativo de *você* (SCHERRE, 2001, p. 10).

O aspecto referente à vogal imediatamente precedente à forma conjugada [+ aberta] ou [- aberta] tem sido tratado nos estudos como a manifestação de um paralelismo formal, visto que o que se percebe é uma harmonização vocálica (SCHERRE, 1998, p. 38). Em trabalho com base em língua falada, Scherre (1997) observa nos resultados que os dados com verbos em que a vogal imediatamente precedente à forma conjugada é mais aberta favoreceriam o imperativo de *tu*, conforme mostram as seguintes frequências e pesos relativos: *fala/fale* 93% / 0,64, *olha/olhe* 92% / 0,68 e *espera/espere* 81% / 0,60. Por outro lado, verbos que apresentam a vogal menos abertas apresentam os resultados: *manda/mande* 77% / 0,34, *tenta/tente* 86% / 0,37, *conta/conte* 82% / 0,46, *vira/vire* 73% / 0,30 e *usa/use* 67% / 0,23. Esses resultados mostram a tendência de o usuário da língua utilizar formas similares, sejam elas fonéticas ou discursivas, mecanicamente através de um princípio mental associativo que visa manter a coesão do discurso. Essa posição é corroborada por Scherre (1988, p.301; 385-6 *apud* SCHERRE, 1998), como podemos observar no fragmento abaixo.

(...) em verdade, a forma de atuar da variável Paralelismo formal mostra que os falantes são compelidos a usar formas semelhantes por algum princípio mental associativo, que pode estar ligado a uma das formas da mente humana operar, refletido no comportamento humano em geral.

Esse aspecto do paralelismo é o que condiciona o usuário da língua a escolher a mesma forma antecedente, como observou Scherre (2003) com base no quadrinho da Turma da Mônica e Jesus (2006) com uma amostra composta a partir de diálogos dos personagens da novela *Senhora do Destino*. No primeiro estudo, a autora verifica que formas imperativas associadas ao indicativo favorecem a presença de formas referentes a ao pronome *tu*, conforme apontam a frequência de 88% e peso relativo de .81. Por outro lado, as formas de imperativo subjuntivo desfavorecem a ocorrência de imperativo indicativo, 24% e .14. Jesus (2006, p. 97) chega a resultados semelhantes ao observar que o imperativo indicativo explícito tanto na fala do emissor quanto do interlocutor são contextos favorecedores dessa forma com peso relativo e frequência respectivamente de 90% / .76 e 82% / .62. Já quando há a ocorrência de imperativo subjuntivo na fala do personagem ou na do interlocutor, o imperativo indicativo não é favorecido, conforme mostram os pesos relativos: .16 e .36.

Com relação ao número de sílabas do verbo no infinitivo, Scherre (2004, p. 247) aponta o favorecimento do imperativo de *tu* em verbos no infinitivo com até duas sílabas enquanto os de mais sílabas favorecem o imperativo de *você*. Partindo do *Princípio da Marcação*, verbos mais extensos tendem a favorecer a forma mais marcada que, no caso, é o imperativo de *você*, ao passo que o menos marcado, o imperativo de *tu*.

Assim, a tabela a seguir de Scherre (2007, p. 207) apresenta de maneira resumitiva com base em diversos estudos sobre o imperativo os contextos que favorecem à ocorrência da forma imperativa associada ao indicativo e ao subjuntivo

Tendem a favorecer relativamente formas imperativas associadas ao indicativo – imperativo de <i>tu</i> (<i>deixa/recebe/abre/dá/diz/vai</i>)	Tendem a favorecer relativamente formas imperativas associadas ao subjuntivo - imperativo de <i>você</i> (<i>deixe/receba/abra/ dê/diga/vá</i>)
1) eventos de fala menos formais e de natureza explicitamente mais dialógica	1) eventos de fala mais formais e de natureza explicitamente menos dialógica
2) Construções afirmativas	2) Construções com negação pré-verbal
3) Contexto com <i>tu</i> explícito no contexto na fala de Recife ou sem <i>você</i> explícito no contexto na fala de Campo Grande	3) Contexto com <i>você</i> explícito no contexto próximo
4) Construções com pronome na forma reta em posição de objeto: <i>deixa eu ir/chama ele</i>	4) Construções com pronome na forma oblíqua em posição de objeto: <i>deixe-me ir/chame-o/aproxime-se</i>
5) Paradigmas irregulares com posição menos marcada: <i>dá/dê; vai/vá; vem/venha; põe/ponha</i>	5) Paradigmas irregulares com posição mais marcada: <i>faz/faça; diz/diga; sê/seja</i>

6) Verbos de até duas sílabas: <i>dar, ir, vir, ter, por; olhar, deixar, falar, ficar, abrir</i>	6) Verbos de mais de duas sílabas: <i>esperar, apertar, perguntar, desculpar, respirar, imaginar, aproveitar</i>
7) Verbos regulares da primeira conjugação com vogal precedente aberta: <i>fala/ olha/espera</i>	7) Verbos regulares da primeira conjugação com vogal precedente fechada: <i>use/ abuse/ imagine</i>
8) Formas verbais em série precedidas de formas associadas ao indicativo (<i>deixa/ recebe/ abre/ dá/ diz/ vai</i>)	8) Formas verbais em série precedidas de formas associadas ao subjuntivo (<i>deixe/ receba/ abra/ dê/ diga/ vá</i>)
9) Falantes mais jovens	9) Falantes menos jovens
10) No Rio de Janeiro, falantes menos escolarizados; em Salvador e Recife, falantes mais escolarizados	10) No Rio de Janeiro, falantes mais escolarizados. Em Salvador Recife, falantes menos escolarizados

Quadro 4 Contextos que favorecem o imperativo de tu e o imperativo de você (SCHERRE, 2007, p. 207)

2.3.3. Aspectos discursivos

Aspectos interacionais acerca da expressão do imperativo ainda não estão claros, mas, num primeiro momento, não parecem ter relação tão direta com esse modo verbal. Em Scherre (2007, p. 205) encontra-se o seguinte fragmento:

Assim, embora fortes e evidentes no uso de tu/você a depender da região, os aspectos sociointeracionais parecem não ser decisivos na variação do imperativo gramatical singular no português brasileiro falado, como foi para o latim e como ainda é para o português europeu. O que queremos enfatizar neste momento é que, dada a ampla variação entre tu e você no Brasil, é perfeitamente razoável a existência da variação de *deixa* vs. *deixe*; *recebe* vs. *receba*; *abre* vs. *abra*; *dá* vs. *dê*; *diz* vs. *diga*; *vai* vs. *vá*, sem ligação evidente com os contextos de tu e você em função de maior ou menor distanciamento. Além do mais, é importante ressaltar, novamente, que verdades sincrônicas e diacrônicas convergiram para a associação que a tradição gramatical faz entre as formas imperativas do tipo *deixa/recebe/abre/dá/diz/vai* e o modo indicativo (considerando ou não a eventual supressão do –s final), embora diacronicamente tenha havido a convergência entre terceira pessoa do indicativo e forma imperativa derivada do infinitivo.

Para a autora, aspectos sociais e interativos, como muitas pesquisas têm demonstrado, parecem não ser o fator de maior relevância no uso do imperativo associado ao indicativo e ao subjuntivo. Vale ressaltar, no entanto, que é importante controlar o contexto interacional de ocorrência do imperativo – incluindo o mapeamento dos pronomes –, sobretudo em amostras em que há a variação entre *tu* e *você*, pois, como destaca Scherre (2012, p. 18), essa alternância pode influenciar na escolha de determinada estratégia utilizada pelo falante.

Em estudo acerca da expressão do imperativo em músicas de Chico Buarque de

Hollanda – compositor carioca – Mattos e Wickert (2003, p.36) apontam alguns fatores que se mostraram relevantes para o aumento da forma associada ao indicativo, tais como: ordem, com 73%; presença do pronome *tu/teu* no contexto, com 96%; a época de ruptura política, com 84%; e o conteúdo romântico das músicas com 81%. É um trabalho que tenta apresentar mais o contexto interacional e discursivo no que diz respeito ao modo imperativo.

Em trabalho com cartas pessoais passivas de Clarice Lispector, cartas comerciais, bilhetes e e-mails de arquivos de alunos e seus respectivos responsáveis, Lima-Hernandes *at al* (2002) buscou observar a variação entre as formas imperativas de *tu* e *você*. Os resultados a que as autoras chegam revelam uma variação muito sutil, com amplo predomínio de imperativo subjuntivo em relação ao indicativo conforme apontam respectivamente o número a seguir: carta pessoal, 64 (94%) contra 4 (6%); bilhete 25 (89%) contra 3 (11%) e e-mail 28 (93%) contra 2 (8%) (LIMA-HERNANDES, 2001, p. 5). Em busca das diferenças entre os diferentes gêneros analisados, as autoras propuseram uma análise medindo o grau de imperatividade dos documentos para verificar se os tipos de discursos neles contidos – imperativo propriamente dito, proibição, exortação, opção, premonitivo, conselho, súplica – condicionariam o uso de uma variante ou de outra. As autoras concluem afirmando que o imperativo subjuntivo é utilizado para deixar clara a imperatividade da sentença, evitando, assim, que essas assumam um caráter assertivo. Além disso, elas observam que o gênero parece ter algum papel na questão do uso do imperativo.

Com base nos estudos apresentados torna-se imprescindível observar o imperativo subjuntivo e indicativo considerando questões linguísticas que permeiam características do verbo, extralinguísticas e discursivas, visto que o uso dessas variantes pode ser influenciado por esses fatores. Os resultados dos estudos têm mostrado grande relevância na questão de verbos marcados e não marcados para a análise, por isso levantamos essas hipóteses também na amostra utilizada no nosso trabalho.

Ademais, como observado, os estudos não apresentam de maneira clara se há a correlação entre o uso de formas de segunda pessoa – *tu* e *você* – na posição de sujeito e o modo imperativo associado ao indicativo e ao subjuntivo, por isso a incursão temporal ao longo de um século faz-se necessária a fim de verificar o processo evolutivo desse pronome nesse modo verbal.

O aspecto discursivo também parece ser importante para análise e alguns estudos já vêm apontando nessa direção, mas ainda precisa de mais estudos que possam trazer contribuições sobre a influência desse aspecto na escolha das variantes imperativas por parte do escrevente. Nesse sentido, perceber as estruturas da carta e descrever o comportamento das formas imperativas nas seções que compõem o gênero epistolar.

3. Pressupostos teóricos e metodológicos

Esta seção está organizada da seguinte forma: pressupostos teóricos, *corpus* e metodologia. Serão apresentados primeiramente, portanto, as teorias que embasam esta análise – Teoria da Variação (LABOV, 1994), Regra de frequência (BYBEE, 2003) e Tradições Discursivas (KABATEK, 2006).

Para tanto, partimos dos pressupostos básicos de variação e mudança discutidos por Labov (1994), uma vez que estamos considerando que as formas imperativas de *tu* (também chamadas aqui de indicativas) e de *você* (forma verbal subjuntiva) correspondem a um fenômeno variável condicionado por fatores linguísticos e extralinguísticos. Além disso, para fundamentar a explicação de base variacionista, levamos em conta na análise das formas imperativas de 2ª pessoa do singular nas cartas analisadas as discussões de Bybee (2003) sobre frequência de ocorrência (*token*) e de tipo (*token*). O intuito era observar se houve ou não um aumento generalizado de uma das formas imperativas variantes em termos de ocorrências gerais de uso ou se o processo de variação/mudança se circunscrevia a determinados itens verbais que sempre foram mais produtivos ao longo do tempo. Como a distribuição de frequência é um dos critérios que define formas marcadas e não marcadas na língua em uso, resgatamos o princípio de marcação de Givón (1995, 2001). Para o autor formas marcadas seriam menos frequentes e mais salientes estrutural e cognitivamente que as formas não-marcadas correspondentes. Ressaltam-se ainda, questões de natureza discursiva para a compreensão do uso das formas imperativas, uma vez que as construções ou itens lexicais podem ser estruturas cristalizadas típicas do modelo epistolar (tradições discursivas) e não exatamente uma variável motivada por fatores sociais e linguísticos.

A partir do embasamento teórico, será descrito o *corpus* que serviu de base para o estudo na longa duração e a metodologia de análise dos dados. Com a breve descrição dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, apresentamos os aspectos que foram considerados, a fim de determinar as motivações que expliquem à alternância das variáveis imperativas em questão.

3.1. A Teoria da Variação

A Sociolinguística Variacionista surge por volta da década de 1960, período em que vigoravam a concepção de língua advindas das teorias linguísticas gerativista e estruturalista, trazendo alguns aspectos inovadores na área. A diferença da sociolinguística em relação às correntes anteriores está na concepção de língua adotada, vista, a partir de então, como um sistema heterogêneo sobre a qual incidem pressões sociais que agem no processo de variação e mudança da mesma. Tal consideração vai de encontro às postulações do estruturalismo saussuriano e do gerativismo, visto que nessas teorias assume-se que a língua é um sistema homogêneo e abstrato (LABOV, 2008, p. 218), logo excluem-se motivações sociais que estariam influenciando em questões linguísticas.

Essa consideração de que a língua é um sistema heterogêneo é o que embasa a teoria da sociolinguística, já que, conforme Labov (1994), a variação e a mudança são características inerentes à língua, sendo esse resultado da atuação desses dois aspectos. Nesse sentido, entender uma língua significa considerar as mudanças e variações em curso, assumindo que essas ocorrem de maneira gradual.

Os procedimentos da linguística descritiva se fundamentam na concepção de língua como um conjunto estruturado de normas sociais. Foi útil no passado considerar essas normas como invariantes, e compartilhadas por todos os membros da comunidade de fala. Entretanto, estudos mais acurados do contexto social em que a língua é usada mostram que muitos elementos da estrutura linguística estão envolvidos numa variação sistemática que reflete tanto mudanças temporais quanto processos sociais extralinguísticos (LABOV, 1968, p.110)

A variação linguística, assim, seria condicionada por fatores externos e internos à língua devendo essa, por isso, ser analisada a partir de observações do seu contexto social e da percepção do seu comportamento sistemático. É levantando essa questão que Lucchesi (2004) apresenta a maneira como os dados são analisados à luz da sociolinguística:

Era preciso considerar a variação como parte integrante do sistema linguístico para que ela constituísse objeto de análise linguística sistemática; rompendo, assim, com a visão estruturalista de que o sistema linguístico seria o domínio da invariância. A tarefa de determinar a sistematicidade da variação levantava a necessidade de se

considerar os chamados fatores externos na análise linguística, pois o que era, no plano estritamente linguístico, aleatório tornava-se sistemático quando correlacionado com fatores sociais estilísticos. (LUCCHESI, 2004, p.166)

A sociolinguística, em suma, pode ser considerada uma subárea da linguística, cujo objetivo é observar as possíveis correlações entre variação-mudança e aspectos linguísticos e sociais. A partir disso, investiga-se se o fenômeno analisado apresenta uma variação estável ou se constitui uma mudança em curso, bem como discutem-se os fatores externos e internos à língua que condicionam a variação. O maior objetivo da sociolinguística é, portanto, observar a variação linguística considerando que “*as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes*”, conforme aponta Calvet (1993, p.12).

Essa visão sociolinguística é considerada no estudo de Bernstein (1992), sociólogo da educação, que investiga a relação entre produção linguística e aspectos sociais dos falantes. Assim, o autor observa que as classes operárias apresentam um fracasso escolar expressivo se comparada à classe média americana. Partindo disso, o autor propõe a existência dos códigos elaborados e estritos. O primeiro estaria relacionado às estruturas mais complexas na língua, como, por exemplo, o uso variado de elementos gramaticais e linguísticos e construções com mais arranjos sintáticos. O segundo, por outro lado, abarcaria estruturas mais simples, com um arcabouço vocabular mais limitado e, por isso, com repetições mais frequentes. O autor, assim, chega à conclusão de que o fato de as crianças da classe trabalhadora usarem muito mais códigos estritos se comparadas às da classe média deve-se a questões de ordem social e esse seria o fator determinante para explicar o fracasso escolar. O contexto social, portanto, seria um elemento importante no desenvolvimento cognitivo das crianças de forma que essa questão estaria estritamente relacionada a aspectos do déficit linguístico mais evidentes na classe trabalhadora.

Partindo desse estudo de Bernstein (1992) pode-se observar de que forma a sociolinguística é importante para apontar os aspectos sociais condicionantes ao uso que se faz de elementos linguísticos e também para entender a organização da própria sociedade. É nisso também que a sociolinguística se diferencia de teorias anteriores, tal como o estruturalismo, visto que a historicidade é um elemento importante para explicar fenômenos linguísticos. Dessa forma aspectos universais e fisiológicos referentes à língua são postos como pontos secundários frente a função histórica que a língua

apresenta, como aponta Labov (1982, p. 20 – 21).

[...] a doutrina defende que as coisas não são idênticas: explicações baseadas em princípios universais da natureza humana ou a relativamente constante fisiologia dos seres humanos não são suficientes para explicar eventos históricos. Isso implica que as condições iniciais e os ambientes contextuais de um conjunto de mudanças linguísticas são significativamente diferentes de um outro conjunto.

Labov, principal nome da linguística variacionista, aponta a importância da observação do contexto social na compreensão do sistema linguístico, contrapondo-se à visão anterior de que a língua compunha um sistema unitário, homogêneo e autônomo. Para Labov, no entanto, a língua é um organismo vivo passível de mudanças e variações a depender da necessidade do falante. Assim, como a língua tem como princípio básico a variação e mudança, a Sociolinguística Variacionista tem como objetivo compreender essas transformações por que passa o sistema linguístico.

Esse caráter heterogêneo dos sistemas é resultado de combinações e alternâncias de arranjos de subsistemas que atuam simultaneamente. Dentro de um sistema, então, é possível haver co-ocorrências de códigos regulares entre duas estruturas integradas, cujas categorias não se mesclam aleatoriamente com outras da língua ou de outros sistemas linguísticos. Para ilustrar isso, Weinreich, Labov & Herzog (2006, p. 104) apontam que em crioulo jamaicano há a possibilidade de uso de *im tired a tired* ou em inglês-padrão *he's tired, that's all*, mas nunca *he's tired a tired*. A partir dessa ideia de que surge o conceito de *variável linguística* que, segundo Weinreich, Labov & Herzog (2006, p. 105) é “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra”. Inserido em uma variável estariam as variantes que, conforme afirma Tarallo (1986, p. 8)

variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de *variável linguística*²

As variantes de uma mesma variável podem competir em um mesmo contexto ocasionando duas possibilidades: alternância indefinida das duas variantes ou

² Obviamente que essa ideia inicial de que as variantes linguísticas teriam o mesmo valor de verdade se referia, em um primeiro momento da teoria, a fenômenos fonéticos. Com a aplicação dos preceitos variacionistas a fenômenos morfossintáticos tal perspectiva foi relativizada, principalmente, a partir dos questionamentos de Lavandera (1984).

sobreposição de uma variante sobre a outra.

Para Labov (2006) o fenômeno variável tem que ter alta frequência e estar condicionado a fatores sociais e linguísticos. Dessa forma, para tal investigação é necessário que haja um grande número de dados quantitativos, que essa variável apresente uso real e que os fatores sejam independentes entre si. A variação, por isso, é a etapa que antecede a mudança e está condicionada a questões de frequência. Essa mudança linguística quando ocorre, no entanto, não é repentinamente, mas sim gradual apresentando, por isso, diferentes estágios no decorrer desse processo. Para que essa mudança linguística ocorra devem ser considerados cinco problemas empíricos:

1. Problema das restrições (*constraints problem*): remete a questões referentes à definição das condições que favorecem ou restringem as mudanças linguísticas.
2. Problema da transição (*transition problema*): considera o percurso feito pelo fenômeno linguístico até o estado de mudança.
3. Problema do encaixamento (*embedding problem*): apoia-se no estruturalismo diacrônico em que se afirma que a mudança linguística só pode ser compreendida considerando a inserção do fenômeno no sistema linguístico.
4. Problema da avaliação (*evaluation problem*): refere-se à avaliação feita pelo indivíduo da variação seguida de mudança na língua. O indivíduo, num primeiro momento, não teria consciência da mudança em curso, tendo assim um papel avaliativo da variável a ser utilizada à medida em que a variação se torna mais evidente.
5. Problema da implementação (*actuation problem*): para a compreensão da mudança linguística nesse aspecto é necessário levantar a seguinte questão: *Por que uma dada mudança linguística ocorreu em um determinado momento e lugar e não em outro?*

A partir dessas considerações da sociolinguística, pretendemos analisar missivas particulares, a fim de apontar se aspectos sociais e linguísticos estariam atuando na variação das formas imperativas associadas ao indicativo e ao subjuntivo. Dessa forma, torna-se necessário observar os contextos de uso das variáveis que estariam condicionando o missivista a utilizar uma ou outra variável. Na seção em que se

apresentam os grupos de fatores analisados, serão destacados os aspectos linguísticos e extralinguísticos que foram controlados na análise do fenômeno. Como estamos assumindo que o imperativo de 2ª pessoa é um fenômeno variável da língua em uso, adotamos, como se discute a seguir, alguns preceitos básicos da teoria funcional relacionados a questões de frequência e o princípio da marcação.

3.2. Regra de frequência

Segundo o quadro teórico funcionalista, a gramática é um conjunto de regularidade suscetível a pressões cognitivas e mudanças, por isso, aberta, condicionada por frequência de uso. Para Hopper (1998) a gramática é emergente, visto que nunca está completa, apresentando, assim, variações. Dessa forma, para o funcionalismo a língua está condicionada à interação social e cognitiva, por isso seu uso depende do contexto comunicativo em que as expressões linguísticas estão inseridas.

Partindo da teoria funcionalista, Givón (2001) aponta o *Princípio da Marcação* em que relaciona critérios de complexidade estrutural e cognitiva com frequência de uma determinada estrutura linguística. Essa associação entre complexidade e frequência da estrutura demanda ainda fundamentação cognitiva, comunicativa, sociocultural e neurológica. Assim Givón apresenta três critérios para a identificação de estruturas mais e menos marcadas: complexidade estrutural (a categoria marcada tende a ser mais complexa ou com uma extensão maior que a estrutura não-marcada); complexidade cognitiva (a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a categoria não marcada) e distribuição de frequência (a categoria marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não marcada). A frequência, segundo o autor, portanto, é um importante elemento para identificar estruturas mais marcadas, pois são menos produtivas que as menos marcadas. A saliência fônica e a estrutura da categoria do item lexical podem atuar na categorização dessa oposição como será mostrado na discussão e análise dos resultados obtidos.

Ao discutir os mecanismos de mudança na gramaticalização, Bybee (2003) defende que a regra de frequência é um elemento atuante na transformação de elementos linguísticos em morfemas ou construções gramaticais. A autora, assim, aponta que a frequência atua diretamente nas mudanças em que há gramaticalização, uma vez que itens

repetidos diversas vezes tornam-se mais gramaticais e sofrem com um desbotamento semântico, assumindo usos mais gerais. Assim, a autora distingue dois métodos que são relevantes para a análise linguística: frequência de ocorrência (*token*) e frequência de tipo (*type*).

A frequência de ocorrência refere-se normalmente a uma palavra ou morfema que aparece ao longo do texto enquanto a de tipo tem relação com a frequência de um padrão particular. Como exemplo a autora aponta que *broke* (passado de *break*) num determinado *corpus* ocorre 66 vezes por milhão enquanto que *damaged* ocorre 5 vezes por um milhão (BYBEE, 2003, p. 604). A frequência de ocorrência (*token*) de *broke*, assim, é mais alta que a de *damaged*. Com relação à frequência de tipo (*type*), o tempo passado com terminação em *-ed*, como em *damaged*, é mais produtivo com ocorrência em mil verbos. Um padrão como *broke* tem uma frequência de tipo inferior a de *-ed*, visto que ocorre apenas em poucos verbos (*spoke, wrote, rode*), conforme aponta Bybee (2003, p. 605).

A autora aponta ainda que a frequência de tipo (*type*) pode ser aplicada à noção de gramaticalização e usa até como exemplo a expressão *be going to* que significava, no inglês de Shakespeare, um sujeito animado se deslocando para algum lugar, ou seja, tinha de ser um ser animado fazendo um movimento dinâmico. Com o espraiamento frequente do seu uso em outros contextos, essa expressão passou a ser utilizada com objetos e coisas não dinâmicas para indicar um deslocamento temporal e não mais espacial. Isso ocorre em função da repetição de um determinado padrão que passa a ter seu sentido esvaziado, tendo, assim, seu uso disseminado para outros contextos.

A compreensão da frequência de ocorrência e de tipo auxilia a verificar se uma determinada construção, em que as variantes são empregadas, constituem-se, de fato, contextos de variação, visto que a repetição de elementos contribui para a formação de TDs, como será discutido mais adiante. Outro aspecto relevante dessa perspectiva é procurar observar se o aumento da frequência das formas variantes de *tu* (indicativo) e de *você* (subjuntivo) ao longo do tempo está associada a uma mudança de comportamento no imperativo de segunda pessoa ou se trata de um processo estável que se manteve com as mesmas formas verbais. A proposta do trabalho procura integrar, assim a teoria variacionista a aspectos de frequência para descrever quantitativa e qualitativamente os fatores que condicionam o uso do imperativo de *tu* e de *você* ao longo de todo o período analisado. Como o *corpus* de análise é constituído por cartas escritas – gênero em que emergem aspectos de oralidade em um texto marcado por uma estruturação formulaica

tradicional – fez-se necessário refletir sobre os preceitos das Tradições Discursivas. Na seção seguinte, mostraremos a pertinência dessa perspectiva para a análise do fenômeno em questão.

3.3. Tradição Discursiva

3.3.1. A origem das tradições discursivas

As tradições discursivas – ou TD's – originaram-se de estudos filológicos alemães tendo como base as concepções de língua de Coseriu. Segundo o autor, a língua/linguagem é uma manifestação da capacidade humana de se comunicar a partir de signos linguísticos – que é universal – comum a todos os indivíduos conforme à norma estabelecida historicamente. Dessa forma, os romanistas alemães aceitam que há três níveis de falar, como aponta Kabatek (2006, 1):

Trata-se da distinção entre o nível universal do *falar em geral*, esse nível que é comum a todos os seres humanos e anterior à diferenciação babilônica das línguas; aqui encontra-se o dispositivo geral do homem para falar, para comunicar-se por meio de signos linguísticos que designam o mundo da experiência. O segundo nível é o histórico, das *línguas* como sistemas de significação historicamente dados, atualizados, no terceiro nível, em *textos* ou discursos concretos.

O primeiro nível apresenta a comunicação como sendo uma habilidade inerente ao ser humano que, por meio de designações de signos, faz atualizações de atos de fala conforme à necessidade do falante ou da situação. Nesse nível, encontram-se as ações não especificamente históricas que abarcam as questões relativas às referências de objetos, predicções, a contextualização e a localização espacial e temporal de elementos no enunciado, conforme apontam Koch & Oesterreich (2006, 3). Já no segundo nível que seria o histórico, deve-se considerar dois aspectos: a língua como um sistema gramatical e lexical e as tradições discursivas. Assim, o primeiro aspecto dentro do nível histórico refere-se às línguas históricas, tais como o inglês, o espanhol, o português e o sistema de norma de cada língua individual, assim, como as variedades das mesmas. O segundo aspecto diz respeito às tradições discursivas que são independentes das línguas históricas e podem ser postas em prática em diferentes textos, como gêneros (novela, jornal, carta), atos de fala e maneirismos (modo de falar) – (KOCH & OESTERREICH, 2006, 3). E por

fim o nível individual que considera o discurso como uma enunciação particular e única através da qual a língua se manifesta.

Assim, pode-se considerar as palavras de Coseriu (1988, 70-71):

1. O falar representa aspectos universais genericamente humanos; ela o ‘falar em geral’. Todos os seres humanos adultos e normais falam. Inclusive o silêncio está em uma relação direta com o falar, pois silenciar significa ‘parar de falar’ ‘(ainda) não falar’ [...].
2. Cada falar é falar uma determinada língua em particular. Na verdade, fala-se sempre em uma determinada tradição histórica [...].
3. O falar é sempre individual, e notadamente em duas perspectivas: por um lado é sempre realizado por um indivíduo; não é um ato em coro. Cada um fala por si, e também no diálogo o papel do falante e do ouvinte é tomado em intercâmbio. Por outro lado, é individual na medida em que acontece respectivamente em uma determinada situação única. Para a denominação desse ato individual em uma determinada situação proponho – do francês discours – o termo ‘discurso’.

Essas atividades linguísticas juntas compõem o ponto de partida da TD e atuam concomitantemente, conforme pode ser visto nas postulações anteriores de Coseriu (1988), já que advêm de atos concretos. Dessa forma, uma língua é um sistema linguístico depende do texto para se manifestar, como pode ser observado no esquema abaixo.

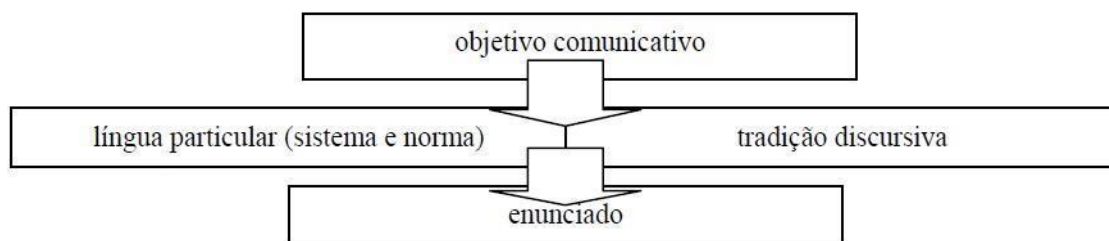


Figura 1 A posição da TD dentro do sistema linguístico

Assim, para definir o que seria TD, visto que houve vários estudos alocando de maneira diferente esses níveis, é necessário, primeiramente, conceituar historicidade.

Antes mesmo ao conceito de TD, Coseriu (1979), na teoria da linguagem, já utilizava o termo historicidade definindo-o a partir dos atos de fala. Dessa forma, o autor conceituou historicidade nos atos de fala de três maneiras: historicidade linguística, historicidade como tradição e historicidade como algo que faz parte da história.

A historicidade da língua diz respeito à língua que é aprendida pelo indivíduo de maneira singular e que está inserida dentro de uma comunidade. A língua seria a representação histórica da comunidade internalizada no indivíduo através dessa língua singular sendo essa perpassada através da linguagem, como bem aponta Coseriu (1979, p. 121):

pois tudo que ali é criado deve ser denominado por meio da linguagem e é transmitido como conhecimento por meio da linguagem

O homem, então, só é um indivíduo a partir da representação dele feita através da linguagem, por isso sua existência está a isso condicionada. Essa história do próprio homem é a que ocorre primariamente transformando-o e ser comunitário e pressupondo outras tradições culturais.

O segundo tipo de historicidade refere-se a repetição cultural de determinados elementos tradicionais da comunidade, incluindo os linguísticos. No que diz respeito à linguagem, essa repetição cultural da tradição é responsável por evocar determinados textos, ampliando-os ou particularizando-os conforme à necessidade do contexto. O fragmento a seguir de Kabatek (2003, p. 3) aponta como ocorre essa historicidade.

No que se refere à linguagem como objeto fala-se aqui de textos que estabelecem uma relação de tradição com outros textos. Essa pode dar-se, por um lado, pela repetição de uma determinada finalidade textual ou de um determinado conteúdo, e por outro lado, pela repetição de certos traços formais. A recorrência de formas textuais compreende uma escala contínua a partir de marcações de tradição mínimas – algo como uma determinada denominação textual ou uma determinada fórmula em um texto ainda não fixado – passando por uma organização formal contínua até chegar a uma completa fixidez do texto.

Pode-se dizer que a repetição de determinados textos ou elementos textuais advém de uma tradição da comunidade sendo esse um dos aspectos que atuam decisivamente para a rigidez ou não de um texto. Ainda que haja uma rigidez quanto à forma e aos elementos linguísticos presentes num texto, há espaço para a criatividade

de quem o produz. No caso de uma carta, há estruturas que são típicas a esse tipo e gênero textual presentes tanto na saudação inicial quanto na despedida, mas isso não impede que o conteúdo seja livre. Há, no entanto, textos que são mais fixos quanto à forma, como, por exemplo, os textos jurídicos, como petições, que têm uma estrutura rígida que não permite muitas variações. Essa historicidade, portanto, manifesta-se na repetição de termos que, no caso da língua, elementos linguísticos.

O terceiro tipo de historicidade refere-se ao texto que não se repete, ou seja, que estão relacionados a acontecimentos individuais e únicos. Dessa forma, esse texto realizado estaria situado em algum acontecimento histórico sendo, por isso, de interesse mais precisamente de estudos filológicos tradicionais.

A pressuposição de que a língua individual antepõe o segundo tipo de historicidade refere-se ao fato de que, embora a língua se manifeste através de textos, esses, para serem compostos, adotam uma determinada língua. Assim, um texto escrito em alemão, inglês, espanhol ou português, apesar de estar dentro de uma tradição textual escrita, é antes um texto escrito numa língua cultural. A partir disso, poderiam ser abordados os atos de fala textos que são repetidos, na maioria das vezes, por mera tradição, como mostra o fragmento a seguir:

Mas quando os atos de fala em uma comunidade não são históricos no sentido de “pertencente à língua”, eles só podem ser históricos no sentido do segundo nível, ou seja, tradicionais e acessórios. Ou seja, na realização desses atos, os falantes vinculam-se a determinadas tradições. Essas tradições ou são formalmente definíveis, a saber, quando para a expressão de um determinado ato de fala em uma comunidade é comum uma determinada forma textual, ou elas ainda são definidas de maneira mais precisa, quando um determinado ato de fala é expresso através de um determinado texto particular, uma fórmula por exemplo. (KABATEK, 2004, p. 5)

Por mais que haja em uma determinada língua construções capazes de evocar um ato de fala, é a tradição da repetição que vai fazer com que uma dada estrutura seja utilizada. Como exemplo, pode-se citar a saudação matinal no português “bom dia” em detrimento de construções não usuais como “desejo-lhe um bom dia” que a partir de um ato de fala é expresso de maneira fixa através de uma construção pronta. É nessa abordagem que se pode falar do conceito de tradição discursiva, já que ela evoca elementos da língua repetidos tradicionalmente.

3.3.2. Definições de TD

Em uma primeira conceitualização sobre TD, poder-se-ia dizer que essa é um modo tradicional de dizer coisas, podendo a mesma abarcar pequenas estruturas fixas, até gêneros textuais e textos literários complexos. Então uma expressão como “bom dia” é uma TD que remete à um cumprimento diurno que as pessoas utilizam repetidamente. Pode-se dizer, assim, que o traço repetidor temporal é um aspecto importante no que diz respeito à definição de TD, pois é essa que garante que uma determinada construção ou texto vai de fato se tornar um modo de se falar sobre algo. A repetição por si só, no entanto, não garante que determinado texto constitui uma TD. Para ser considerada como tal, o texto deve, primeiramente, ser linguístico, sendo assim, toda e qualquer manifestação cultural artística como pinturas, por exemplo, por mais que se constitua uma tradição tendo sua forma repetida e desenvolvida por diferentes pessoas, não é uma TD por não ser uma repetição linguística. Apesar dessa exigência linguística, nem toda repetição, mesmo que linguística, constitui uma TD. Assim, mesmo verbos como “ser” ou “estar” e conectores como “que”, que são repetidos muitas vezes diariamente por diferentes pessoas não formam uma TD. Sendo assim, é importante ressaltar o terceiro aspecto importante para que uma repetição seja uma TD: o conteúdo do texto repetido. Uma breve saudação como “oi” é uma TD porque é um texto repetido tradicionalmente em um determinado contexto ao contrário de repetições meramente linguísticas. Dessa forma, nem toda repetição de um ou mais elementos linguísticos formam uma TD, mas para que essa exista, é necessário que haja a repetição de algo.

O aspecto que grande importância na constituição de uma TD refere-se ao conteúdo do texto, já que esse mesmo sendo algo repetido reiteradamente, não a forma por si só. Para que haja uma TD é necessário que ocorra uma evocação de um determinado tipo de texto a partir de um dado contexto situacional, como pode ser observado no fragmento abaixo:

Considerar a TD só desde o seu lado textual unicamente tem em conta um aspecto dela, precisamente o aspecto que nos interessa, mas que não é explicável sem a contrapartida que o evoca. A saudação, por exemplo, é

evocada por uma situação concreta que se repete: o mencionado encontro evoca outros encontros nos quais se pronunciava a mesma sequência de palavras. (KABATEK, 2006, p. 6)

Essa evocação é feita a partir de uma situação concreta por meio do qual um texto é tradicionalmente manifestado. Assim, uma situação em que o canal seja o telefone ou uma carta, por exemplo, vai evocar determinados elementos linguísticos, tais como “alô” e “prezado senhor”, que são tradicionalmente utilizados nesses tipos de texto.

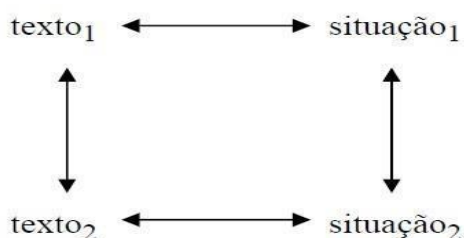


Figura 2 Evocação

A partir dessas considerações, Kabatek (2006, p. 7) apresenta uma definição de TD:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

A Tradição discursiva, portanto, seria a manifestação real de uma determinada estrutura que é evocada dentro de um contexto situacional, pragmático, podendo até se manifestar a depender da variedade linguística utilizada. Percebe-se, no entanto, que, em virtude da dificuldade de definição exata da TD e de sua delimitação, essa possa ser confundida com o gênero discursivo.

As TDs têm como uma de suas características o fato de possuir o princípio de composicionalidade tradicional em que uma série de tradições se aglutinam em um

mesmo texto. Assim, a TD tem um caráter pormenorizado em relação ao gênero, já que pode ser meramente uma estrutura dentro de um texto. Embora o gênero seja a manifestação histórica, social de um texto para fins comunicativos, e esse caráter histórico esteja presente também nas TDs, eles diferem basicamente porque esses pode apresentar um ou vários elementos linguísticos fossilizados dentro de um gênero. Em suma, como aponta Kabatek (2010, p. 10): “todos os gêneros são tradições discursivas, mas nem todas as tradições discursivas são gêneros.”

Dessa forma, as TDs podem até equivaler a um gênero, mas, de uma maneira geral, acabam constituindo parte ou seção de um determinado texto que, de tanto ser repetido, tornou-se uma estrutura mais fixa, como ocorre no caso das cartas. Pretendemos, com as TDs, assim, responder as seguintes questões: Há alguma relação discursiva referente à estruturação das cartas pessoais e o uso de imperativo de *tu* ou de *você* na amostra analisada? Se houver relação, de que maneira as TDs atuam na escolha do escrevente por uma forma imperativa ou outra? Para responder essas questões e observar o comportamento das formas variantes, no entanto, é necessário considerar as frequências dos itens, a fim de compreender se essas frequências se relacionam a aspectos referentes à complexidade ou não da estrutura ou eventualmente mostram um imperativo cristalizado em determinada parte mais fixa da carta, funcionando, ele mesmo como uma tradição discursiva que se repete. Na seção seguinte, será apresentada brevemente a composição da amostra utilizada no estudo.

3.4. O gênero carta

Há uma dificuldade em se definir o que é gênero, pois, a depender do quadro teórico que se utiliza, esse pode apresentar diferentes visões a partir de aspectos enunciativos, funcional ou comunicativo. Por isso não há um consenso acerca do conceito de gênero sendo esse estudado à luz das questões que se quer responder.

Dessa forma, para este trabalho consideramos que gênero é uma prática social constituído a partir da história. Assim, o gênero se apresenta com uma estrutura cristalizada que, nem por isso, é composta de formas imutáveis, como atesta Bakhtin (1997, p. 301).

“Utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma

norma padrão e relativamente estável estruturação”
(BAKHTIN, 1997, p.301)

Souto Maior (2001) aponta ainda que o gênero pode apresentar subgêneros, tal qual o modelo epistolar, considerando o assunto abordado na missiva – comercial, religioso, tratado. Embora esses subgêneros sigam a organização textual da carta, essa variação quanto aos subgêneros não está relacionada apenas a questões de conteúdo da missiva, mas também à distância entre os interlocutores que atuam em um determinado documento, como aponta Bazeman (2006).

Do seu amplo uso no mundo clássico, podemos ver como a carta, uma vez criada para mediar a distância entre dois indivíduos, fornece um espaço transacional aberto, que pode ser especificado, definido e regularizado de muitas maneiras diferentes. As relações e transações em curso são mostradas para o leitor e o escritor diretamente através das saudações, das assinaturas e dos conteúdos da carta. Além do mais, cartas podem descrever e comentar – frequentemente de modo explícito – a relação entre os indivíduos e a natureza da transação corrente [...] a organização e as transações podem alcançar distâncias maiores, como também os laços sociais entre os indivíduos podem ser reforçados e até criados através de relações indiretas com outras pessoas. (BAZEMAN, 2006c, p. 87-88).

As relações entre os interlocutores, dessa forma, são estabelecidas também a partir de elementos presentes no texto, tais como a saudação tanto final quanto inicial. Apesar dessa estrutura relativamente fixa, a carta é um gênero textual que apresenta o grau de intimidade entre os interlocutores, sendo, por isso um importante documento para observar as relações sociais de uma época, uma vez que contém também local e data em que a missiva foi escrita.

Em função disso, a carta apresenta uma estrutura facilmente reconhecida, pois apresenta uma organização, segundo Marcuschi (2001), composta de datação, saudação inicial, corpo do texto e saudação final. Tomando-se como exemplo uma missiva analisada neste trabalho, temos a seguinte estrutura:

Rio de Janeiro 16 de Fevereiro de 1937	LOCAL / DATA
Minha querida noivinha amar-te e o meu dever.	SAUDAÇÃO INICIAL
Espero que esta te vá encontrar em perfeita saúde.	CAPTAÇÃO DA BENEVOLÊNCIA

<p>Recebi hoje pelo Nelzinho uma carta tua , que muito alegrou-me já sei que passas-te um domingo igual o que passei ,</p> <p>Só nossos corações e que podem definir a dor que trazemos neles , mas não há de ser nada , a Victoria nos espera , e haveremos de ser muitos felizes , haveremos de fazer o nosso ninho , tal qual as pombas nos ga-lhos da felicidade , descansaremos nossos corações e viveremos somente um para</p> <p>[pag]</p> <p>o outro .</p> <p>Em minha há qualquer cousa que me é difícil de adivinhar modificaram por comple-to , sei apenas que foram contar , que me viram terça feira de carnaval na praça Onze de 11 Junho , com um bloco de moças dentro de um onibus , e que as moças estavam fantasiadas de vermelho .</p> <p>Peço-te desculpas desta ser pequena pois não tenho tempo para mais , estou servindo-me da hora de fazer pagamentos nos bancos , não posso perder tempo .</p> <p>Tu bem sabes que não é por minha vontade , porque já que não posso estar junto de ti , então passaria o dia todo</p> <p>[pag]</p> <p>escrevendo-te</p>	NÚCLEO
<p>Lembranças , muitos beijos e abraços deste teu louquinho apaixonado noivinho</p>	SAUDAÇÃO FINAL
<p>Jayme O. Saraiva</p>	ASSINATURA
<p>Sabado estarei a tua espera no local aonde combinamos</p>	OBSERVAÇÃO

Quadro 5 Estrutura das cartas

A carta acima foi retirada da amostra do casal dos anos de 1930, residentes no Rio de Janeiro, que trocam cartas amorosas ao longo de 36-37. A carta, tendo como remetente Jayme, apresenta uma estrutura básica de todos os elementos encontrados nas missivas do *corpus* analisado, segundo a organização prevista por Marcotulio (2009). Assim, há inicialmente à datação com a identificação do local em que a missiva foi escrita. Em seguida, há a saudação inicial em que, costumeiramente, faz-se uso de vocativos que estabelecem o grau de proximidade entre os interlocutores, numa relação tal qual: [+]

solidária, + íntima, - formal, - distante, + simétrica] (BRAVO; BRIZ, 2004, p.80). A capitação da benevolência é a parte do texto em que o remetente deseja bom estado de saúde ao seu interlocutor sendo essa, de uma maneira geral, uma estrutura mais fixa na carta. O núcleo, diferindo do restante da missiva, é a parte da carta em que o remetente tem maior liberdade de escrever visto que é onde o assunto da carta será abordado sem nenhuma estrutura prévia estabelecida. A saudação final, tal qual a inicial, consiste em uma despedida que também reflete o grau de intimidade entre os interlocutores. E, por fim, o *post scriptum* apresenta observações que não se enquadram no corpo do texto e em nenhuma estrutura da missiva. São, em geral, lembretes que o remetente coloca fora do espaço textual da estrutura da carta.

Para esta análise, no entanto, não utilizaremos todas as estruturas tal como descritas, visto que essa organização se faz ausente em muitas missivas do *corpus*. Em função disso, dividimos a amostra analisada em: saudação inicial, núcleo, saudação final e *post scriptum*.

3.5. A amostra analisada: descrição do *corpus*

Para este trabalho utilizou-se um *corpus* composto de um total de 524 cartas distribuídas entre o período que vai de 1840 a 1980. O *corpus* está organizado a partir dos nomes das famílias que congregam cartas trocadas entre amigos e/ou familiares: conforme aponta o quadro a seguir:

FAMÍLIA/GRUPO	PERÍODO	QUANTIDADE
Casimiro de Abreu	1857-1859	11
Cupertino do Amaral	1873-1895	23
Avós Ottoni	1879-1889	41
Família Pedreira Ferraz-Magalhães	1884-1948	81
Oswaldo Cruz	1889-1915	27
Land Avellar	1907-1917	50
Jayme-Maria "Casal dos anos 30"	1936-1937	97
Washington Luís	1940-1952	28
Brandão	1966-1972	20
Frazão Braga	1956-1980	118
Família Teixeira	1937-1939	11
Rui Barbosa	1866-1899	17
Total	1857 - 1980	524

Quadro 6 Amostra analisada

Casimiro De Abreu

Nascido em 4 de janeiro de 1839 na cidade de Silva Jardim, Casimiro José Marques de Abreu foi um dos grandes poetas da segunda geração do Romantismo no Brasil. Embora tenha obtido reconhecimento literário apenas de forma póstuma, Casimiro produziu grande parte de sua obra nos anos em que viveu em Portugal, onde encontrou influência no meio intelectual e artístico. Além disso, é o patrono da cadeira de número seis da Academia Brasileira de Letras.

Casimiro de Abreu faleceu em outubro de 1860 e hoje a cidade onde viveu boa parte de sua vida leva seu nome, no Estado do Rio de Janeiro. A amostra de cartas utilizada é composta por onze cartas², escritas no intervalo dos anos 1857 e 1859. Todas elas foram endereçadas a seu pai e tratam de eventos cotidianos e ocasiões em sua vida.

Cupertino do Amaral

Antônio Felizardo Cupertino do Amaral nasceu em 1852, no Rio de Janeiro. Filho do Comendador Antônio José Cupertino do Amaral e de Joana Cândida Melo do Amaral, formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo. Ocupou cargos diversos durante os anos finais do Império, dentre eles o de Secretário de Gabinete do Ministro da Justiça e Negócio Interiores. Faleceu em 1906, também no Rio de Janeiro.

Foram analisadas vinte e três cartas, sendo que parte delas foram escritas por Antônio para sua esposa e filhas e as demais, cartas enviadas a Antônio por sua mãe, sua prima e por dois amigos.

Avós Christiano e Bárbara Ottoni

Christiano Benedito Ottoni nasceu em Minas Gerais em 1811 e faleceu no Rio de Janeiro em 1896. Irmão de Teófilo Ottoni, Christiano foi responsável pela implementação das estradas de ferro que ligaram o sul do país a Minas Gerais e São Paulo, transpondo a Serra do Mar. Foi Capitão-Tenente da Marinha, engenheiro, professor de Matemática, diretor da Estrada de Ferro Dom Pedro II e senador tanto do Império quanto da República. Casou-se com sua prima, Bárbara Balbina de Araújo Maia, com quem teve quinze filhos, dos quais apenas seis sobreviveram.

As quarenta e uma cartas utilizadas são do casal Christiano e Bárbara para seus netos, Misael e Christiano.

Família Pedreira Ferraz-Magalhães

Nascido no Rio de Janeiro em 1826, João Pedreira Couto Ferraz se formou em Direito na Academia de Olinda em 1848. Foi Secretário do Supremo Tribunal Federal durante cinco décadas e casado com Elisa Amália de Oliveira Bulhões a partir de 1856. Tiveram seis filhos, dentre eles Zélia, que eventualmente se casaria com Jerônimo de Castro Abreu Magalhães e formaria outro ramo na família: os Pedreira Ferraz-Magalhães.

Por sua vez, Jerônimo nasceu em Magé, no Estado do Rio de Janeiro, em 1851, embora tenha sido criado e educado em Portugal. Estudou em Lisboa e, posteriormente, na Alemanha. Após seu retorno para o Brasil, em 1875, cursou Engenharia Civil e se casou com Zélia Pedreira de Abreu Magalhães, em 1876, com quem teve treze filhos.

Foram utilizadas oitenta e uma cartas desta família, no espaço entre 1870 e 1940. Compreende-se neste acervo cartas de diversos membros da família, em que se contemplam assuntos e relações igualmente diversos. De maneira geral, as cartas versam sobre a distância e as saudades que os membros sentiam, principalmente dos pais Jerônimo e Zélia, após seus respectivos falecimentos.

Oswaldo Cruz

Oswaldo Gonçalves Cruz, natural de São Luís do Paraitinga, em São Paulo, nasceu em agosto de 1872. Formou-se em 1892, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e deixou um legado indiscutível enquanto cientista, bacteriologista, epidemiologista e sanitarista tendo, inclusive, fundado o Instituto Soroterápico Nacional, atual Fundação Oswaldo Cruz. Também literato, Oswaldo Cruz ocupou a cadeira número cinco na Academia Brasileira de Letras. Foi casado com Emília da Fonseca e com ela teve seis filhos.

As vinte e sete cartas analisadas foram escritas por diferentes membros da família de Oswaldo Cruz e compreendem o período de 1889 a 1915.

Land Avellar

Alarico Land Vellar nasceu no município de Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro, em 1892. Filho do proprietário da Gazeta de Petrópolis, Alarico teve seis irmãos e estudou em Petrópolis. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1906 e trabalhou tanto na Rede Ferroviária Federal quanto na Companhia Cantareira Viação Fluminense.

Foram analisadas cinquenta cartas escritas pela família Land Avellar entre os anos de 1907 e 1917. Em maioria, as cartas são escritas pela mãe de Alarico, Helena, falando sobre a vida em Petrópolis e questões familiares.

Jayme-Maria “Casal dos Anos 30”

As noventa e sete cartas trocadas pelo casal de noivos Jayme e Maria se apresentam como uma rara oportunidade de visualizarmos um contexto diferente daquele normalmente compreendido por cartas obtidas através de museus ou de acervos de famílias proeminentes na sociedade. Redigidas entre 1936 e 1937, as cartas trocadas por Jayme de Oliveira Saraiva e Maria Ribeiro da Costa denotam duas pessoas simples, sem elevado grau de instrução. Entretanto, é possível perceber os traços socioculturais de ambos através de suas escritas. Enquanto Jayme demonstrava um domínio mais próximo à norma culta, provavelmente proporcionado por seu trabalho no comércio, Maria possuía escrita próxima à oralidade, denotando o pouco contato com a escrita devido aos seus afazeres domésticos.

Washington Luís

Washington Luís Pereira de Souza nasceu em Macaé, em outubro de 1869, e faleceu em agosto de 1957. Foi advogado, historiador e político, sendo o décimo terceiro presidente do Brasil e o último presidente da República Velha.

Foram analisadas cinco cartas escritas por ele para um primo, uma prima e um amigo. Todas as cartas são datadas da década de 1940.

Brandão

Francisco de Carvalho Soares Brandão Neto nasceu no Rio de Janeiro, em 1904. Foi promotor e subprocurador em São Paulo e, alguns anos depois, retornou ao Rio de Janeiro, onde se casou com Maria Martins Penna, com quem não teve filhos.

Após se associar ao Colégio Brasileiro de Genealogia, dedicou-se aos estudos na área e escreveu o livro *Glorioso Passado*, com o auxílio do amigo Heitor Lyra.

As vinte cartas analisadas foram redigidas por Francisco, durante 1966 a 1972, ao amigo Heitor a respeito da genealogia da família Soares Brandão.

Frazão Braga

Cartas remetidas pelo casal Elza Braga e Washington Frazão Braga trocadas entre o período de 1960 a 1980 em diferentes localidades, tais como Minas, Paris e Estados Unidos. O conteúdo das missivas, de maneira geral, tratava de assuntos corriqueiros que contava o dia-a-dia dos remetentes quando distantes dos seus cônjuges. A maior parte das missivas foram escritas no período em que Elza se encontrava em Paris ajudando a filha que residia nesse país, local onde a esposa de Washington Braga permaneceu por vários meses seguidos.

Família Teixeira

A família Teixeira consiste em cartas trocadas por um casal de noivos, Yedda e Odécio, durante o período que vai de 1937 a 1940. Utilizaram-se 11 cartas tendo todas elas conteúdos amorosos e de saudade escritas pelo casal de noivos.

Cartas a Rui Barbosa

Esse acervo consiste em 17 cartas remetidas a Rui Barbosa durante o final do século XIX e início do XX. As missivas abordavam na maior parte assuntos políticos, visto que Rui Barbosa era detentor do título de Conselheiro – oriundo do período imperial – e senador durante o período republicano.

3.5 - Grupos de fatores controlados

Assumindo que se trata de um fenômeno variável a ser analisado basicamente a partir dos princípios da Sociolinguística Quantitativa Laboviana, foram previstos, com base em diversos estudos sobre o tema, grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam ajudar a compreender o processo de variação/mudança das formas variantes de imperativo de 2ª pessoa do singular. Os dados foram extraídos das 500 cartas de

diferentes famílias que viveram grande parte da vida no Rio de Janeiro ao longo de mais ou menos 100 anos (de 1840 a 1980). Os dados levantados nas cartas foram submetidos ao pacote de programas estatístico GOLDVARB-X. Além dos percentuais de frequência, foram realizadas rodadas estatísticas binárias para identificar os grupos de fatores favorecedores de uma ou outra forma variante. O valor de aplicação nas rodadas binárias nas diversas amostras foi o imperativo de *você* (subjuntivo).

A seguir serão apresentados, de maneira breve, os grupos de fatores testados. Optou-se, todavia, por indicar as hipóteses de cada grupo com detalhes na seção relativa aos resultados obtidos, para facilitar a compreensão da análise dos grupos efetivamente selecionados pelo programa de regras multivariadas.

3.5.1 - Variáveis linguísticas

a) Tratamento empregado nas cartas

A hipótese que norteia este grupo refere-se à uniformidade de tratamento por parte dos escreventes das cartas. Buscamos observar se as formas pronominais utilizadas nas diferentes posições sintáticas correspondem às mesmas do imperativo, por isso controlamos as cartas com uso exclusivo de *tu*, cartas com uso exclusivo de *você* ou cartas com variação entre *tu/você* como sujeito. Dessa forma, esperamos que a ocorrência de *tu* e *você* na posição de sujeito influencie no uso do imperativo associado a essa ou aquela forma, mantendo a simetria do tratamento empregado na carta.

b) Paralelismo discursivo

Para este grupo levantamos a hipótese de que em contextos de imperativo indicativo e de subjuntivo, a fim de manter a harmonia discursiva das formas empregadas ao longo das missivas, seriam utilizados, respectivamente, pronomes referentes a *tu* e *você*. Para tanto, analisamos os seguintes contextos de ocorrência de formas imperativas: primeira ocorrência, forma precedida de imperativo de *você*, forma precedida de imperativo de *tu* e ocorrência isolada.

c) Conjugação dos verbos

Os grupos referentes a conjugação, regularidade e número de sílabas do verbo apoiam-se no *Princípio de Marcação* de Givón (2001). A ideia geral é que formas mais

simples estrutural e cognitivamente tendem a ser mais produtivas na língua, ao passo que as categorias mais complexas ocorrem em menor frequência. Alguns trabalhos, como Scherre (2007) e Cardoso (2009), verificaram que a conjugação verbal influencia no uso do imperativo associado ao indicativo e ao subjuntivo. Verbos de primeira conjugação e segunda conjugação, assim, favoreceriam o imperativo relacionado a *tu* enquanto às demais conjugações, ao imperativo de *você*.

d) Regularidade dos verbos

Verbos de primeira conjugação com a vogal precedente [+ aberta] favorecem à ocorrência de indicativo – *fala/olha*. Demais conjugações favorecem o subjuntivo. Essa regra muda um pouco, no entanto, no caso de verbos com saliência fônica mais marcada – *faz/faça* – em que prevalece o subjuntivo e nas menos marcadas – *vai/vá* -, o indicativo:

1) Paradigma regular menos marcado – 1ª. conjugação vogal precedente [+aberta] (*fala/fale; olha/olhe; espera/espere*)

2) Paradigma regular menos marcado - 1a. conjugação vogal precedente [-aberta] (*manda/mande; conta/conte; tenta/tente; vira/vire; desculpa/desculpe*)

Avisa com certeza se você vem sexta feira, sim? Recebi hoje carta da Rozinha estam bons. (Família Land Avelar, 05-10-1909)

3) Paradigma irregular Oposição menos marcada – (*dá/dê; vai/vá; sai/saia; vem/venha; põe/ponha*)

4) Paradigma irregular Oposição mais marcada – (*faz/faça; traz/traga; diz/diga; vê/veja; pede/peça; sê/seja*)

5) Oposição menos marcada - paradigma especial (*esquece/esqueça; corre/corra; segue/siga; sobe/suba*)

e) Número de sílabas dos verbos na forma infinitiva

O número de sílabas dos verbos é relevante para a análise, uma vez que Scherre et al. (1998) constataram que os monossílabos favorecem a ocorrência de imperativo associado ao indicativo (*tu*), enquanto os polissílabos, ao subjuntivo (*você*). Os dissílabos e trissílabos estariam em um meio-termo, podendo aparecer tanto relacionado ao imperativo indicativo quanto ao subjuntivo.

f) Tipo de oração

Os grupos referentes ao tipo de oração, tipo de oração encaixada e posição da oração encaixada apoiam-se na ideia de que formas subjuntivas são prototípicas de contextos de encaixamento (CAMARA JR, 2006). Assim, a hipótese em que esse grupo se baseia aponta que orações isoladas / coordenadas, matrizes tendem a favorecer o imperativo de *tu*, enquanto que as encaixadas, de *você*. Nesse grupo as orações dividem-se em: isolada, matriz e encaixada.

g) Tipo de oração encaixada

Esse grupo é organizado em orações completivas, relativas e adverbiais e tem como objetivo verificar a relação entre estruturação sintática da sentença e a forma imperativa empregada, como mostram os exemplos a seguir.

- **acceite** um abraço do irmão (Carta 49-AA-15-05-1913) – oração isolada
- [*você **resolva** com elle alguma couza*] e me *communique*. (carta 45-AA-26-09-1910) – oração coordenada
- [**Confirme**] *o que o Maia disser* (carta 45-AA-26-09-1910) – oração completiva
- [**Compre** um chapéo bom] *que dure e seja distincto*. (Carta 20-AA-28-09-1915D) – oração relativa
- *Si você resolver estudar Eduardo Prado*, [**envie**-me perguntas sobre o que deseja saber (Rio – 26 – Out 65) – oração adverbial

Sabendo-se, assim, que orações encaixadas são as que mais favorecem à forma subjuntiva, por ser uma construção prototípica desse modo verbal (CAMARA JR, 2006), esperamos que o imperativo de *você* ocorra predominantemente nas completivas, ao

passo que as relativas e adverbiais, apresentem o imperativo de *tu*.

h) Posição da oração encaixada

Como a oração mais encaixada é que construção que mais favorece o imperativo de *você*, esperamos que as pospostas à principal apresentem mais a forma subjuntiva e a anteposta, a indicativa. Os exemplos a seguir ilustram a maneira como esse grupo foi codificado.

- *Quando a Madre Cassina estiver ahi [agradeça por mim tudo quanto faz por Leonor]* – oração encaixada anteposta
- *[Avisa com certeza] se você vem sexta feira, sim?* – oração encaixada posposta

3.5.2 - Variáveis extralinguísticas

a) Gênero

Trabalhos como de Rumeu (2008) assinalam que a mulher tende a usar a forma associada a *você* na posição de sujeito mais do que os homens não meramente pelo caráter inovador do pronome, mas por esse ser originado da forma de tratamento *Vossa Mercê*. O uso de *você* pelas mulheres, portanto, estaria relacionado ao fato de essa forma pronominal ser menos íntima e invasiva, dada a sua origem, indo ao encontro do comportamento reservado que era esperado para esse gênero no início do século XX. Dessa forma, controlamos o gênero dos remetentes, a fim de verificar se o uso de imperativo de *tu* e de *você* ocorre da mesma maneira que a verificada na posição de posição de sujeito – Souza (2012), Machado (2011), Duarte (1995) – que apontam para um uso majoritário da nova forma pronominal em meados do século XX.

b) Período das cartas

Como alguns trabalhos já têm demonstrado, o imperativo associado ao indicativo parece ter seu uso gradativamente aumentado ao longo dos anos. Esse grupo visa a apontar se de fato o imperativo no início do século já tinha um comportamento distinto da posição de sujeito não tendo, assim, uma relação direta com a forma pronominal de segunda pessoa utilizada nesse contexto. Esperamos nesse grupo que as cartas de

períodos mais recuados no tempo apresentem formas de imperativo indicativo mais frequente e, nos mais recentes, de subjuntivo, acompanhando a entrada de *você* no paradigma pronominal do PB.

c) Seção da carta

Em função de o material analisado tratar-se de cartas, fez-se necessário verificar as ocorrências das formas imperativas de segunda pessoa conforme a posição em que ocupam na missiva. Dessa forma, todas as cartas foram divididas em núcleo, saudação inicial/saudação final e *post scriptum*. A hipótese que norteia esse grupo advém de trabalhos como de Scherre (2007, p. 207) em que a autora aponta que eventos de natureza menos dialógica tendem a favorecer a ocorrência de imperativo subjuntivo, por isso espera-se que essa forma seja mais frequente nas estruturas mais fixas, como a saudação inicial e saudação final.

4. Análise da expressão do imperativo indicativo (de *tu*) e subjuntivo (de *você*) em cartas na longa duração: 1841-1981

Os resultados a seguir foram obtidos através de uma análise qualitativa e quantitativa que visava a observar a expressão do imperativo em missivas particulares de diferentes famílias ao longo de 100 anos de produção escrita. Para tanto, utilizou-se um *corpus* composto de um total de 500 cartas distribuídas entre o período que vai de 1840 a 1980. A partir da submissão dos dados encontrados nessas missivas ao programa estatístico *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), verificaram-se 787 ocorrências de formas imperativas, sendo 400 dados de imperativo indicativo (de *tu*) e 387 dados imperativo subjuntivo (de *você*), conforme mostra a tabela a seguir.

Subjuntivo (<i>você</i>)	Indicativo (<i>tu</i>)
387	400
49,2%	50,8%
787	
100%	

Tabela 1- Ocorrências de imperativo nas cartas

Vê-se assim na totalidade dos dados analisados uma distribuição equilibrada das variantes de imperativo de 2 SG quando é levada em conta a amostra geral. Em função desse resultado global, cabe-nos observar se tal comportamento regular de praticamente 50% para cada forma variante do imperativo se deu dessa mesma forma ao longo do tempo. Em função desse aparente equilíbrio no uso das variantes de imperativo de *tu* e de *você*, faz-se necessário uma análise mais pormenorizada de todo o período em que as cartas foram escritas.

O gráfico (1), a seguir, mostra a distribuição do imperativo subjuntivo (de *você*) e indicativo (de *tu*) ao longo de mais de 100 anos (1840-1981) de produção escrita dos missivistas analisados:

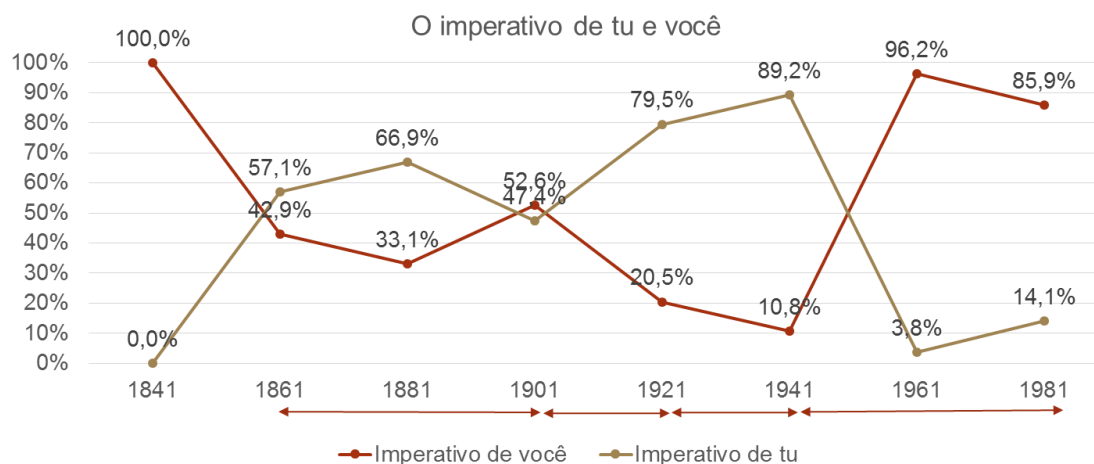


Gráfico 1 Imperativo de tu e você ao longo dos anos

Como pode ser observada no gráfico, a simetria entre as formas identificadas na totalidade dos dados não é observada ao longo do tempo. O comportamento das formas variantes de imperativo é bastante variável em 100 anos de produção escrita. Notam-se momentos de avanço e de recuo das formas variantes. Nas primeiras décadas controladas, entre 1841 e 1860, observou-se o uso categórico do imperativo de *você*. Nos dois períodos seguintes ainda em fins do século XIX, esse comportamento se altera e prevalece o imperativo de *tu* sobre o de *você*: 57,1% contra 42,9% na década que começa em 1861 e 66,9% contra 33,1% na década seguinte. Embora o comportamento dessas variantes no início do século XX apresente equilíbrio – 52,6% de imperativo de *você* e 47,4% de imperativo de *tu* –, nas quatro primeiras décadas seguintes volta a prevalecer o uso das formas relacionadas a *tu* com forte crescimento em relação ao fim do século XIX: 79,5% na década de 1920 e 89,2% na década de 1930. A partir da década de 1940 há outra mudança de comportamento, agora com a crescente frequência do imperativo de *você*: seus valores superam os 80% (96,2% na década de 1960 e 85,9% na de 1980).

Partindo desses resultados ilustrados pelo gráfico, justifica-se uma análise considerando espaços temporais mais curtos, visto que a variação entre o imperativo de *tu* e de *você*, apesar do aparente equilíbrio observado nos dados gerais, apresentou grande oscilação ao longo de 100 anos.

Em síntese, é possível perceber com a análise do gráfico 1 comportamentos diferenciados. Nota-se, em um primeiro momento, i) o predomínio do imperativo de *tu* em fins do século XIX; ii) a coexistência das duas formas na virada do século XIX para o XX; iii) uma ascensão do imperativo de *tu* nas primeiras décadas do século XX; e iv)

um decréscimo muito forte do imperativo de *tu* a partir da década de 1940, quando o imperativo de *você* passou a imperar nas cartas analisadas.

É importante destacar ainda que os resultados aqui apresentados referentes ao imperativo de segunda pessoa do singular se alinham a alguns outros estudos que analisam as formas de *tu* e *você* na posição de sujeito, como Souza, (2012) e Machado (2011). Uma certa similaridade entre o nosso resultado com o imperativo que mostramos no gráfico 1 e os resultados dos dois trabalhos feitos com materiais documentais distintos poderia confirmar uma correlação entre os fenômenos. Os gráficos a seguir mostram os resultados de Machado (2001) obtidos a partir de peças teatrais e, em seguida, o trabalho de Souza (2012) que também analisou cartas pessoais:

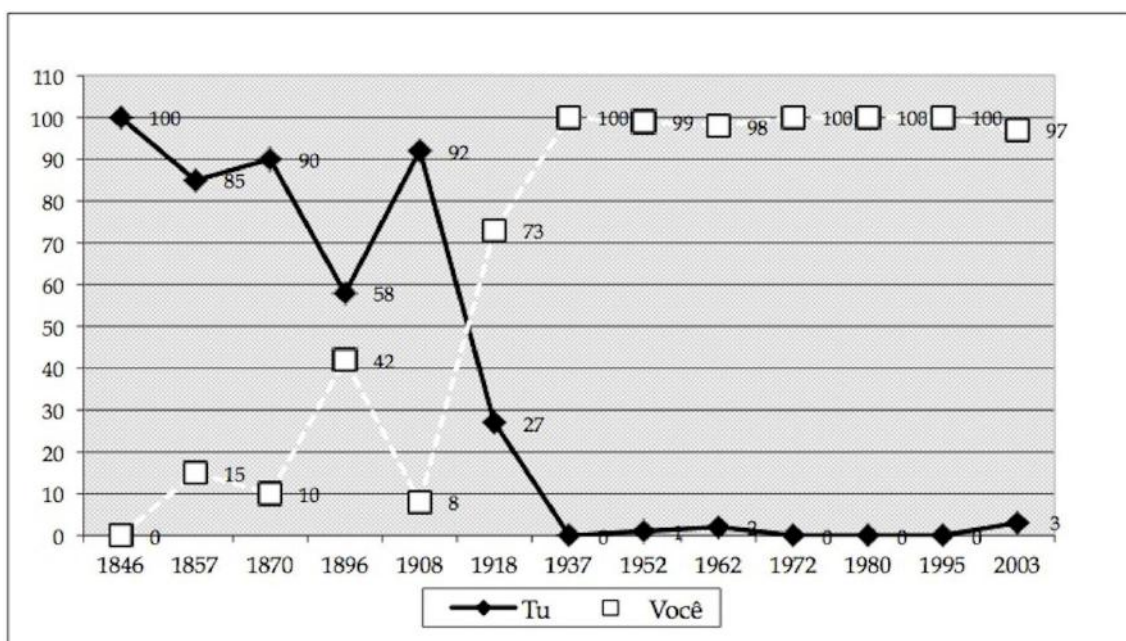


Gráfico 2 *Tu e você ao longo do século XIX e XX - Extraído de Machado (2011)*

O gráfico 2 foi extraído de Machado (2011) que fez um estudo utilizando 29 peças teatrais brasileiras, analisando as diferentes formas de tratamento dos interlocutores e comparando-as às peças portuguesas. O trabalho da autora mostrou que o pronome *tu* tinha frequência predominante em relação a *você* até meados da década de 1930 em peças teatrais brasileiras. A partir deste período, conforme mostra o gráfico 2, a frequência de *você* aumenta significativamente. Como se vê, embora o delineamento das curvas de Machado (2011) não seja idêntico ao visto com o imperativo, há algumas semelhanças: predomínio de *tu* (fins do XIX), variação entre as formas a partir dos anos de 1930 e

incremento de *você* a partir de então. Na sequência será apresentado o gráfico 3, adaptado de Souza (2012), em que esses três grandes momentos ficam bastante mais claros:

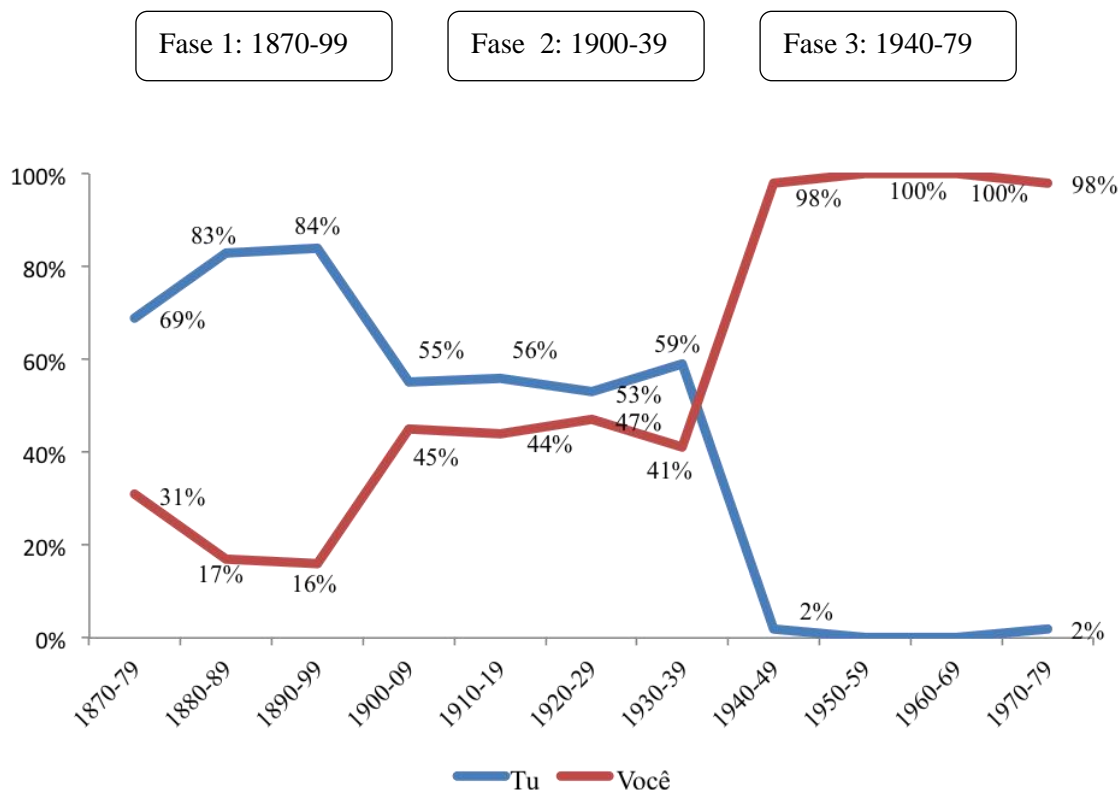


Gráfico 3 Tu e você ao longo do século XIX e XX - Adaptado de Souza (2012)

Souza (2012), diferentemente de Machado (2011), fez um mapeamento dos pronomes *tu* e *você* na posição de sujeito ao longo de 100 anos – 1870 a 1970. Os dados de imperativo não foram considerados pela autora. Souza (2012) utilizou 354 missivas escritas por pessoas que nasceram no Rio de Janeiro ou que viveram a maior parte da vida no estado, a fim de mapear as ocorrências das formas de segunda pessoa do singular como sujeito. Conforme pode ser observado no gráfico (3), adaptado a partir Souza (2012), nota-se claramente a existência de 3 fases distintas de mudança. A primeira vai de 1870 a 1890, a segunda, de 1900 a 1930 e a terceira compreende as décadas de 1940 a 1970.

No primeiro corte temporal proposto, a autora defende que as formas pronominais *tu* e *você* não eram necessariamente variantes, pois não eram utilizadas nos mesmos contextos discursivos-pragmáticos. O pronome *você* ainda estava muito associado à forma de tratamento cerimonioso *Vossa Mercê*. O emprego de *você* apenas ocorria ao

lado de *tu* numa mesma carta quando havia uma motivação sociopragmática para o seu emprego: o remetente dirigia-se a seus amigos e parentes majoritariamente empregando *tu* e o uso de *você* ocorria, por exemplo, na mesma carta apenas para atenuar pedidos, reclamações e ordens, funcionando como "estratégia de discurso reportado na referência ao interlocutor" como no exemplo citado por Lopes et al (a sair):

- “*aqui se falla muito que Você está ganhando dinheiro como advogado, que hé muito procurado, que tens conferencias com os homens mais notaveis, qe hé muito consultado sobre negocios do Brasil enfim que tens brilhante posição, nada disto me admira*” (século XIX)

Já na segunda fase proposta por Souza (2012), as duas formas começam a ocorrer em uma mesma carta e no mesmo contexto de uso. No gráfico 3 fica nítida a coexistência das formas pronominais de 2SG em variação com frequências relativamente próximas.

Por fim, a terceira fase, que se inicia a partir dos anos 1940, teria outra mudança de comportamento com o uso de *você* suplantando o emprego de *tu*. Destaca-se que tal mudança já havia sido apontada por Duarte (1995). A autora localizou, em peças teatrais por volta dos anos de 1930, o emprego mais efetivo do pronome *você*, estabelecendo-se, primeiramente, na posição de sujeito. Souza (2012) aponta que *você*, nesse período, passou a ocupar todos os espaços discursivos pragmáticos em que antes eram ocupados por *tu*. Observação semelhante foi identificada no estudo de Rumeu (2008) em que a autora, através de um estudo com cartas pessoais de uma mesma família, afirma que, por volta de 1920 a 1940, *você* passa a ser mais produtivo que *tu* na posição de sujeito.

Embora os estudos de Machado (2011) e Souza (2012) se refiram ao emprego do tratamento de 2SG na posição de sujeito e as análises tenham sido feitas com bases em *corpora* e propostas diferentes, ambos mostram resultados similares no que diz respeito à mudança da frequência de *tu* e *você* entre finais do século XIX e no decorrer do século XX.

Aparentemente a variação dessas formas pronominais não está atrelada ao gênero textual do material analisado, mas sim à mudança em curso na língua – nesse caso, no quadro pronominal de 2SG do português brasileiro. Partindo da relativa similaridade encontrada nesses dois estudos com o que foi observado nos nossos resultados do imperativo mostrados no gráfico 1, pretende-se responder a algumas questões:

1) A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa – de *tu* e de *você* – ao longo do século XX acompanhou as mudanças ocorridas no quadro pronominal de 2SG a partir do incremento de *você* na posição de sujeito por volta das décadas de 1930-1940 como apontam diferentes estudos (DUARTE, 1995; SOUZA, 2012; RUMEU, 2008; entre outros)?

2) O emprego do imperativo de *tu* e de *você* tem uma evolução independente das formas do paradigma de *tu* e *você*, ou seja, o uso desse modo verbal teve um desenvolvimento à parte nesse processo de implementação de novas formas de segunda pessoa no Brasil?

4.1. Os resultados do imperativo subjuntivo (de *você*) e indicativo (de *tu*): panorama geral dos grupos de fatores selecionados por fase

Para dar conta dessas questões optamos por apresentar nossos resultados tendo em vista a rodada geral com todos os dados reunidos e rodadas parciais organizadas a partir de subamostras por quatro períodos históricos. Para a separação desses períodos foram levados em conta três aspectos. O primeiro deles foi a distribuição de frequência das formas imperativas de *tu* e de *você* mostradas no gráfico 1, ou seja, agrupamos por quatro fases as décadas que apresentavam comportamento equivalente. O segundo aspecto, como mencionado, refere-se, principalmente, à proposta defendida por Souza (2012) para as formas de tratamento de 2SG na posição de sujeito. Assim como a autora, estamos tentando comprovar que o comportamento das formas variantes não foi o mesmo ao longo de 100 anos de produção escrita de nossos missivistas: houve momentos com predomínio das formas do paradigma de *tu*, outros em que a variação entre *tu* e *você* é mais nítida e uma etapa em que *você* prevalece. O terceiro foi o fato de o período ou década da carta ter sido selecionada na rodada geral como grupo de fatores relevante.

Sendo assim, como apontado anteriormente, propomos neste trabalho fazer uma análise que leve em conta a diferença do comportamento das formas imperativas de 2ª pessoa do singular variantes ao longo do tempo. Para tanto, os resultados serão discutidos tendo em vista as seguintes fases:

Fase 1 (de 1861 a 1900): ligeiro favorecimento do imperativo de *tu*;

Fase 2 (de 1901 a 1920): coexistência entre as formas variantes imperativas de *tu* e de *você*;

Fase 3 (de 1921 a 1940): forte predomínio do imperativo de *tu*;

Fase 4 (de 1941 a 1980): aumento do uso do imperativo de *você*.

Pretendemos, desta forma, verificar quais são os fatores relevantes em cada período analisado, visto que, aparentemente houve certo paralelismo entre o comportamento das formas imperativas de 2SG e o emprego de *tu* e *você* na posição de sujeito. A partir dessas considerações, queremos verificar se realmente a expressão do imperativo subjuntivo (de *você*) e indicativo (de *tu*) acompanha às mudanças observadas no quadro pronominal de 2ª pessoa do singular do português brasileiro.

A partir dessas considerações, apresentamos a seguir um quadro resumitivo com os grupos de fatores selecionados nas rodadas gerais e nas rodadas parciais correspondentes a cada fase. Para facilitar a comparação dos resultados indicamos com cores diferentes os grupos selecionados para destacar em que fase foram selecionados. Separamos também os grupos de fatores de natureza linguística dos extralinguísticos. Na última linha, indicamos os valores totais dos dados de cada rodada por fase:

	Rodada Geral	Fase 1 (1861-1900)	Fase 2 (1901-1920)	Fase 3 (1921-1940)	Fase 4 (1940-1981)
Fatores Linguísticos	Paralelismo discursivo	Paralelismo discursivo	Paralelismo discursivo	Paralelismo discursivo	Paralelismo discursivo
	Conjugação verbal	Conjugação verbal	Conjugação verbal	Conjugação verbal	Regularidade do verbo
	Tipo de oração	Regularidade do verbo	Tipo de oração	Tipo de oração	Número de sílabas do verbo no infinitivo
	Regularidade do verbo			Regularidade do verbo	
			Número de sílabas do verbo no infinitivo		
Fatores Extralinguísticos	Período	—	Gênero do remetente	—	Parte da carta
	Gênero do remetente			Gênero do remetente	
Total de dados	Subjuntivo 387/787 49,2%	Subjuntivo 52/149 34,9%	Subjuntivo 88/171 51,5%	Subjuntivo 51/249 20,5%	Subjuntivo 184/209 88%
	Indicativo 400/787 50,8%	Indicativo 97/149 65,1%	Indicativo 83/171 48,5%	Indicativo 198/249 79,5%	Indicativo 25/209 12%

Quadro 7 - Fatores linguísticos e extralinguísticos selecionados

Como pode ser visto no quadro 6, os grupos selecionados tanto na rodada geral quanto nas parciais vão se repetindo ao longo das fases. Assim, entre os fatores linguísticos na rodada geral estão o *paralelismo discursivo*, *conjugação verbal*, *tipo de oração* e *regularidade do verbo* e, com relação aos extralinguísticos, *período* e *gênero do remetente*. O grupo *paralelismo discursivo* foi selecionado em todos os interstícios, enquanto a *conjugação verbal* foi selecionada nas três fases mais longínquas (1, 2 e 3). *Regularidade do verbo* também aparece em três fases: a mais antiga (fase 1) e as duas mais recentes (3 e 4). Os grupos *tipo de oração* e *número de sílabas do verbo no infinitivo* ocorrem, respectivamente, nas fases mais recentes, ou seja, fase 2, 3 e 4. Com relação aos fatores extralinguísticos, nas fases só aparecem *gênero do remetente* (fases 2 e 4) e *parte da carta* – núcleo, saudação final ou *post scriptum* – (fase 4). Observando os grupos selecionados no quadro (4) notamos que as questões linguísticas se mostraram mais relevantes que as extralinguísticas. Serão apresentados, assim, os resultados referentes à rodada geral, a fim de que seja observado o comportamento do fenômeno analisado ao longo do período e, na sequência, apresentaremos em uma única tabela os resultados de

cada fase para facilitar a comparação. Vale lembrar que toda a análise aqui apresentada tem o *imperativo subjuntivo*, ou seja, referente a *você* como valor de aplicação nas rodadas estatísticas.

4.2. Paralelismo discursivo

4.2.1 – Resultado geral com todos os dados

O primeiro grupo de fatores selecionado foi o paralelismo discursivo, que foi controlado para observar se formas paralelas ocorrem em uma mesma sequência textual. Tal grupo foi testado em outros trabalhos, como Scherre (2002, 2001), Sampaio (2001) e Cardoso (2009), entre tantos outros. No nosso caso específico, a hipótese que sustenta a análise do grupo é a de que formas imperativas têm como precedentes formas similares. Em estudo com base em histórias em quadrinhos, Scherre (2001, p. 12) aponta que formas imperativas indicativas precedidas por imperativo indicativo (de *tu*), como “*Volta o filme, Mônica! Volta*”, apresentaram os pesos relativos mais altos (.81). Quando o antecedente é distinto, por exemplo, um imperativo subjuntivo (de *você*) antecedido por imperativo indicativo e vice-versa, o peso relativo seria desfavorecido. Esse resultado de Scherre (2001) está bem próximo ao que encontrou Cardoso (2009, p.129), com pesos relativos referentes ao imperativo de *você* e de *tu* com formas precedentes similares. Com esses resultados, os autores mostram que há interferência da forma imperativa precedente na forma subsequente, confirmando o paralelismo discursivo. Assim, imperativos subjuntivos (ou de *você*) favorecem a ocorrência de imperativo *similar* (de *você*), enquanto os indicativos, os de *tu*.

Esse grupo de fatores refere-se ao controle restrito do uso de formas imperativas que ocorrem nas missivas. Foram controladas, por isso, apenas formas imperativas, excluindo-se outros modos verbais. Adotando a proposta de Scherre (2001), o paralelismo previa os seguintes fatores: (i) ocorrência isolada ou única da forma variante de imperativo em uma carta, como em (1); (ii) primeira ocorrência de imperativo em uma série, como ocorre com a forma *Recommende-me*, em (2), seguida por outra forma imperativa do imperativo de *tu* (*Pede*); (iii) ocorrência de imperativo de *você* subsequente a uma primeira ocorrência de imperativo de *você*: em (3) teríamos *ande, apanhe sol, se*

alimente bem (ocorrências de imperativo de *você* antecedidas por *Passeie* que seria a primeira ocorrência da série); (iv) ocorrências de imperativo de *tu* subsequentes a uma primeira ocorrência de imperativo de *tu*, como em (4): *ouve* (imperativo de *tu*) antecedido por *Sê* (primeira ocorrência):

- 18) Minha filha, adeus, **pede** a Nosso Senhor Misericordia. (Carta 25-PF-23-06-1909)
- 19) **Recommende**-me mto ao bom Pe Alberto. Péde na Sta Missa sempre por mim, pelas mas mais caras intenções. (Carta 29-PF-29-03-1920)
- 20) Passeie, **ande**, **apanhe** sol, se **alimente** bem, **coma** bem muita gordura, **tome** o fosforo da homeopatia, se sentires algo **vá** ao Dr. Belo (EB-20-01-1980)
- 21) Sê bom menino, **ouve** muito o que a tua mamae te disser, **estuda** bem nas horas do collegio, **brinca** bastante no resto do dia, e não deixes de querer bem. (Carta 01-VO-22-12-1879)

Mais do que comprovar se há realmente uma tendência geral de formas similares ocorrerem juntas, como mostraram vários trabalhos desde Schiffrin (1981), Scherre & Naro (1991), entre tantos outros, a análise do *paralelismo discursivo*, no nosso caso, visava a identificar se as formas imperativas de *tu* e/ou de *você* eram mais frequentes quando havia na carta outra forma igual precedente. Portanto, o controle desse grupo estava relacionado também à existência, ou não, da homogeneidade/uniformidade de tratamento: aspecto bastante recorrente entre letrados influenciados por modelos conservadores de escrita.

Alguns trabalhos já apresentaram alguns resultados no que diz respeito a esse aspecto da uniformização no tratamento com referência à segunda pessoa. Lopes (2008), por exemplo, analisou o paralelismo formal quanto ao emprego de *tu* e *você* como estratégias de tratamento. Em análise de missivas escritas por diferentes remetentes a Rui Barbosa, a autora buscou evidenciar a reorganização do quadro pronominal do português brasileiro com a inserção de *você*, a partir da variação dessa forma pronominal com *tu* observando as diferentes posições sintáticas. Os resultados a que chega Lopes (2008, p. 279) mostram que já em cartas oitocentistas ocorria a *mescla de tratamento*, embora a frequência da forma pronominal *você* ainda não fosse superior a *tu*, conforme apontam também estudos de Rumeu (2008), Marcotulio et alli (2007) e Barcia (2006). A autora destaca ainda que *você* ocorria preferencialmente precedida a formas relacionadas à 3ª pessoa formal, no caso, formas do paradigma de *você*: preposição + *você*, *seu*, *lhe*, *imperativo subjuntivo*, etc, o que demonstra que, apesar de haver variação nos pronomes utilizados, o paralelismo do tratamento era bastante recorrente no século XIX. Os

contextos morfossintáticos, segundo Lopes (2008, p. 280), em que *você* era mais produtivo incluíam pronome sujeito, complemento preposicionado e o modo verbal imperativo.

Partindo dos resultados dos trabalhos discutidos e da hipótese de que formas do mesmo paradigma tendem a ocorrer em sequência, no caso, o imperativo de *tu* ou de *você* seriam preferencialmente antecedidas por formas similares, observam-se na tabela a seguir os valores correspondentes à rodada geral com todos os dados:

Grupo	N/T	Frequência	P.R.
Paralelismo discursivo			
Ocorrência isolada	75/139	54%	.615
Primeira ocorrência da série	91/205	44,4%	.467
Ocorrência precedida de imp. de <i>você</i>	183/209	87,6%	.828
Ocorrência precedida de imp. de <i>tu</i>	35/234	15%	.173
Total	384/787	48,8%	---

Tabela 2: Rodada geral: paralelismo discursivo (valor de aplicação *você*)

Os resultados da rodada geral com todos os dados apresentados na tabela do grupo *paralelismo discursivo* revelam uma maior ocorrência de imperativo de *você* quando há dados da mesma forma verbal anteriormente expressos na carta. Assim, 183 ocorrências de 209 de imperativo de *você* ocorreram precedidas de imperativo referente à mesma forma pronominal, com 87% de frequência. Além disso, o peso relativo desse fator já demonstra o favorecimento de imperativo subjuntivo (de *você*) quando antecedido de um imperativo similar.

Outro contexto que favoreceu o imperativo de *você* foi a ocorrência isolada da forma imperativa. Obtivemos 54% de frequência e peso relativo de (.615) nesse contexto. Esse resultado confirma o que fora observado por Scherre (1998) e Cardoso (2009), visto que formas imperativas de *você* favorecem a ocorrência desse mesmo imperativo na sequência discursiva. Por outro lado, a presença de imperativo de *tu* desfavoreceu a

ocorrência de imperativo de *você*, como atestam não só o número de ocorrências como a frequência de dados e o peso relativo: 35 de 234, 15%, e .173.

Com base nos resultados gerais do grupo *paralelismo discursivo*, pode-se perceber que a hipótese quanto à uniformidade no tratamento condiz com o apresentado na tabela, visto que as ocorrências de imperativo de *você* são favorecidas em cartas em que há dados referentes à mesma forma pronominal e desfavorecidos em missivas em que há imperativo de *tu*. Vale ressaltar, no entanto, que tal comportamento já era esperado pelo fato de o *corpus* deste trabalho ser constituído por textos escritos, modalidade que, em termos gerais, apresenta maior proximidade com a norma escrita. É importante salientar ainda que os missivistas desta amostra eram, em sua maioria, pessoas bastante letradas e pertencentes às camadas sociais mais elevadas e ilustres e, por isso tendiam a utilizar uma escrita que obedecia ao padrão de uniformização do tratamento nas cartas.

4.2.2 – Resultado por fase postulada

Além desse grupo ser selecionado na rodada geral, como mostramos, o *paralelismo discursivo* foi considerado relevante pelo programa estatístico *Goldvarb X* em todas as subamostras relativas as fases como mostra a tabela 3:

Grupo	Fase 1 > <i>tu</i>	Fase 2 <i>tu ~ você</i>	Fase 3 > <i>tu</i>	Fase 4 > <i>você</i>
Ocorrência isolada	11/24 – 45,8% 0.258	14/22 – 63,6% 0.641	19/58 – 32,8% 0.823	22/26 – 84,6% 0.265
Primeira ocorrência da série	14/44 – 31,8% 0.488	28/45 – 62,2% 0.613	12/70 – 17,1% 0.459	37/46 – 80,4% 0.244
Ocorrência seguida de imp. de <i>você</i>	19/28 – 67,9% 0.815	36/42 – 85,7% 0.857	13/19 – 68,4% 0.929	115/120 – 95,8% 0.716
Ocorrência seguida de imp. de <i>tu</i>	08/53 – 15,1% 0.258	10/62 – 16,1% 0.148	7/102 – 6,9% 0.224	10/17 – 58,8% 0.128
Total	52/149 34,9%	88/171 51,4%	51/249 20,4%	184/209 88%

Tabela 3: Paralelismo discursivo: rodadas parciais (valor de aplicação *você*)

A tabela (3), referente ao grupo *paralelismo discursivo*, apresenta as rodadas parciais divididas por fases. Com relação às frequências gerais de cada fase, as fases (1) e (3) apresentam maior ocorrência de imperativo de indicativo (> *tu*), a fase (2) apresenta equilíbrio de frequência das variantes (*tu ~ você*) e na fase (4) há mais imperativo subjuntivo (> *você*). Considerando as ocorrências seguidas de imperativo de *você*, todas as fases apresentam alto peso relativo (acima de .800) de favorecimento dessa forma e frequências superiores a 50%. Assim, temos na fase (1) .815 de peso relativo e 67,9% de frequência; na fase (2), .857 de peso relativo e frequência de 85,7%; na fase (3), .929 de peso relativo e frequência de 68,4%; e na fase (4), .716, 95,8%. Por outro lado, formas de imperativo de *tu* desfavorecem a ocorrência de imperativo de *você*, como pode ser observado nos pesos relativos das fases (1) .258, (2) .148, (3) .224, .128. As ocorrências isoladas apresentaram desfavorecimento ao imperativo de subjuntivo nas fases (1) e (4), com pesos relativos de .258 e .265 e favorecimento, nas fases (2) e (3), com pesos relativos de .641 e .823, respectivamente. A primeira ocorrência da série apresentou um leve favorecimento ao imperativo de *você* na fase (2), com peso relativo de .613 e, nos demais períodos, tal valor apresentou número inferior a .5.

Tais resultados já confirmam a nossa hipótese referente à uniformidade de tratamento nas cartas, em sua maioria, escritas por pessoas de famílias ilustres com maior domínio dessa modalidade. Constatamos, assim, que, como já visto em outros trabalhos, (SCHERRE, 2001; CARDOSO, 2009), o imperativo indicativo e subjuntivo favorecem à ocorrência subsequente de imperativos similares de *tu* e de *você*, respectivamente.

4.3. Conjugação verbal

4.3.1 – Resultado geral com todos os dados

Além da questão do paralelismo discurso, anteriormente mencionado, alguns estudos, como o trabalho de Alves (2009, p. 10), consideram a relevância da conjugação verbal na análise das formas variantes de imperativo. Com base em um *corpus* formado a partir de diálogos de quadrinhos, o autor observa que a forma imperativa associada a *tu* ocorre com mais frequência que à relacionada a *você* em verbos de primeira conjugação. Em seus resultados obteve peso relativo de .58 para imperativo indicativo com verbos terminados em –ar. Em contrapartida, os verbos de segunda e terceira conjugação tendem

a favorecer a ocorrência do imperativo de *você*. Alves (2009, p.10) mostra pesos relativos bem baixos para o imperativo indicativo: .20 para verbos em *-er* e .31 para verbos terminados em *-ir*. Scherre (2002, p. 206-207) aponta também, com base em resultados de diferentes estudos sobre o tema, que o imperativo de segunda e terceira conjugações, formas menos gerais e, portanto, mais marcadas – tendem a favorecer o imperativo de *você*. Trabalhos como os de Cardoso (2009) e Scherre (2007) fazem uma associação entre as conjugações dos verbos imperativos com questões referentes à regularidade verbal, paralelismo fônico e número de sílabas dos verbos. Tais aspectos serão retomados mais adiante.

Considerando as discussões e resultados obtidos em diferentes estudos sobre o imperativo à luz do *Princípio a Marcação* (Givón, 2001), espera-se que as formas desse modo verbal associadas a *tu* sejam mais produtivas nos verbos mais gerais e frequentes na língua, ou seja, nos de primeira conjugação, pois esses têm maior número tanto em termos de *types* – frequência de um padrão particular – como em *tokens* – frequência de ocorrências de uma unidade (BYBEE, 2003, p. 604) –, sendo as formas menos marcadas. As demais conjugações, por sua vez, seriam mais marcadas e desfavoreceriam o imperativo indicativo (de *tu*). Isso ocorreria porque, segundo alguns gramáticos – Bechara (2009) e Cunha & Cintra (1985) – o imperativo só tem formas próprias em *tu* e *vós*, tendo todas as demais pessoas sido copiadas do modo subjuntivo, como ocorre com a forma *você* que não existia no latim. Com o espraiamento de *você* como variante de *tu*, o imperativo subjuntivo também se torna recorrente, como uma forma mais marcado. Os verbos mais gerais, menos marcados e, por isso, mais frequentes – estruturalmente menos complexos segundo o *Princípio da Marcação* –, portanto, ocorreriam de fato com o imperativo mais usual desde sua origem (o indicativo de *tu*) enquanto as conjugações mais marcadas estariam associadas ao imperativo-subjuntivo (de *você*) que é uma estratégia historicamente supletiva de imperatividade.

Partindo dessas premissas gerais sobre a relação entre conjugação verbal e marcação, apresentamos os resultados do segundo grupo de fatores selecionado na rodada geral e nas rodadas parciais na tabela (4) a seguir:

Grupo	N/T	Frequência	PR
Conjugação verbal			
1ª conjugação	237/485	48,9%	.437
2ª conjugação	127/255	49,8%	.657
3ª conjugação	20/47	42,6%	.287

Tabela 4: Rodada geral: conjugação verbal (valor de aplicação *você*).

A tabela (4) mostra que as frequências não apresentaram significativas diferenças entre formas imperativas associadas ao indicativo e ao subjuntivo tendo, por isso, valores percentuais bem próximos nos verbos de primeira (48,9%) e de segunda conjugações (49,8%). Pode-se observar ainda que, embora o imperativo de *você* não seja absoluto em nenhum dos valores apontados na tabela, essa forma é favorecida em verbos de segunda conjugação, com peso relativo de (.657), enquanto a primeira e terceira conjugações tiveram pesos relativos menores, respectivamente, (.437) e (.238).

Os resultados gerais referentes à conjugação verbal corroboram, parcialmente, a hipótese de que verbos da conjugação menos marcada (a primeira) desfavoreceriam a ocorrência do imperativo subjuntivo, enquanto as conjugações mais marcadas, aqui apenas a segunda, favoreceriam o imperativo subjuntivo (de *você*). Os verbos de terceira conjugação, mais marcada entre as três, não confirmou a hipótese inicial, pois desfavoreceu o imperativo subjuntivo.

Aparentemente, a análise isolada da conjugação verbal não nos pareceu tão elucidativa, pois nesse grupo estão reunidos verbos regulares vs. irregulares, verbos monossílabos vs. polissílabos; verbos muito frequentes vs. verbos excepcionais, etc. Parece relevante, assim, levar em conta se o comportamento identificado na quantificação geral se refere sempre aos mesmos itens verbais (*types*), ou seja, ao mesmo verbo que ocorre da maneira regular. Dito de outra forma, as frequências identificadas estão associadas aos mesmos verbos que se repetem na amostra ou a itens verbais diversificados? Que itens verbais das três conjugações apareceram mais frequentemente em nossa amostra? Por que os resultados da terceira conjugação (mais marcada) não corroboraram completamente as hipóteses iniciais postuladas por Alves (2009) e Scherre (2007) em termos do peso relativo? Houve alguma influência da natureza do *corpus* neste resultado ou do uso de estruturas fixas por alguns de nossos missivistas? O número de ocorrências (*tokens*) de cada *type* foi sempre o mesmo ao longo do período analisado?

Para tentar elucidar essas questões, foi feito um levantamento dos itens verbais distintos de cada conjugação identificados no *corpus*. Vejamos a quantificação dessas formas nas tabelas a seguir com todos os dados analisados:

1ª Conjugação				2ª Conjugação				3ª Conjugação			
Ind. (de tu)	Oco.	Sub. (de você)	Oco.	Ind. (de tu)	Oco.	Sub. (de você)	Oco.	Ind. (de tu)	Oco.	Sub. (de você)	Oco.
1 <i>Manda</i>	50	<i>Aceite</i>	59	Recebe	38	Diga	29	Pede	12	Vá	7
2 <i>Aceita</i>	35	<i>Mande</i>	37	Vê	19	Veja	20	Vai	6	Peça	3
3 <i>Abrança</i>	16	Vire	25	Diz	13	Receba	19	Vem	2	Venha	2
4 <i>Beija</i>	16	<i>Abençoe</i>	10	Sê	13	Escreva	13	Previne	2	Decida	2
5 <i>Dá</i>	14	<i>Dê</i>	8	Escreve	12	Faça	8	Ouve	2	Saia	1
6 <i>Rasga</i>	10	<i>Abrace</i>	6	Faz(e)	3	Creia	7	Segue	1	Permita	1
7 <i>Espera</i>	9	<i>Envie</i>	6	Lê	3	Responda	4	Consente	1	Ouçã	1
8 <i>Recomenda</i>	9	<i>Reze</i>	6	Responde	3	Leia	3	Cinge	1	Durma	1
9 <i>Continua</i>	8	<i>Avise</i>	4	Exerce	2	Resolva	2			Dirija	1
10 <i>Fala</i>	8	Deixe	4	Oferece	2	Queira	2			Conclua	1
<i>Conta</i>	7	Pense	4	Agradece	1	Esqueça	2	Total	27	Total	20
<i>Abençoa</i>	6	<i>Recomende</i>	4	Bate	1	Venda	1				
<i>Lembra</i>	6	<i>Tome</i>	4	Crê	1	Tenha	1				
Cumprimenta	3	Trate	4	Dispõe	1	Recomenda	1				
<i>Envia</i>	3	Compre	3	Esquece	1	Disponha	1				
<i>Guarda</i>	3	Continue	3	Faz	1	Coma	1				
Pergunta	3	<i>Desculpa</i>	3	Põe	1	Bate	1				
<i>Trata</i>	3	Fique	3	Tem	1	Apareça	1				
Apresenta	2	Imagine	3	Esconde	1	Agradeça	1				
<i>Avisa</i>	2	Leve	3	Total	128	Total	127				
Conserva	2	<i>Beije</i>	2								
<i>Desculpa</i>	2	Comunique	2								
Fortifica	2	<i>Lembre</i>	2								
Prepara	2	Passeie	2								
<i>Procura</i>	2	<i>Procure</i>	2								
<i>Reza</i>	2	1 ocorrência de: alimente, ande, apanhe, assine, calcule, chame, coloque, confie, confirme, console , consulte, conte , copie, cuide, entregue , envie , estude , focalize, gaste, guarde , largue, olhe , pegue, rasgue , releve, repare, telefone , volte									
<i>Telefona</i>	2										
Toma	2										
1 ocorrência de: ama, aproveita, assegura, brinca, consola , desfruta, entrega , estuda , imagina, informa, mostra, observa, olha , perdoa, presta, queima, resigna, responde, trabalha											
Total	248	Total	237								

Tabela 5: Formas imperativas na amostra geral segundo a conjugação verbal: frequências de tipo e de ocorrências

Os comentários referentes à tabela 5 serão feitos tendo em vista os resultados relativos a cada uma das três conjugações, observando sempre as frequências quanto ao tipo de verbo e quanto ao número de ocorrências.

Na **primeira conjugação**, as diferenças entre tipos de verbos (*types*) e o número de ocorrências (*Tokens*) não é tão relevante se for considerada a totalidade dos dados, mas se percebe uma sutil diferença quantitativa entre o imperativo indicativo e o subjuntivo, ou seja, houve um leve predomínio do primeiro sobre o segundo nos verbos de conjugação menos marcada (1ª): 248 dados de indicativo contra 237 de subjuntivo. Ressalte-se, por exemplo, que se forem levados em conta os 10 primeiros verbos mais frequentes, as ocorrências do indicativo superam as de subjuntivo: 175 de indicativo contra 165 de subjuntivo.

Considerando a diversidade de verbos (*Types*) com apenas uma ocorrência, prevaleceram na amostra geral dos verbos de 1ª conjugação as formas no subjuntivo (de *você*). Quer isso dizer que o imperativo mais marcado (subjuntivo) apresentou mais verbos distintos. Foram 20 verbos diferentes com 1 dado cada para o indicativo e 28 para o subjuntivo.

Com relação aos diferentes verbos, temos na lista geral 53 verbos no subjuntivo e 48 no indicativo. Desse número identificaram-se 22 verbos que ocorreram exclusivamente no indicativo e 27 no subjuntivo. A variação do imperativo se deu em 24 verbos.

Na **segunda conjugação**, considerada mais marcada que a primeira, as diferenças entre tipos de verbos (*types*) e o número de ocorrências (*Tokens*) é praticamente a mesma entre o indicativo e o subjuntivo. Foram 128 ocorrências no indicativo com 18 formas distintas e 127 no subjuntivo com 19 formas distintas. No que se refere aos 10 verbos mais frequentes, há coincidência em 7 formas verbais (*receber, ver, dizer, escrever, fazer, ler, responder*) que também apresentam formas variantes no subjuntivo. As formas exclusivas do indicativo foram: *ser, exercer* e *oferecer*. Na lista dos subjuntivos, os verbos exclusivos foram: *querer* e *resolver*. Se levarmos em conta os 10 primeiros verbos mais frequentes, as ocorrências do indicativo superam as de subjuntivo: 175 de indicativo contra 165 de subjuntivo.

Com relação aos diferentes verbos, temos na lista geral 19 verbos no subjuntivo e 18 no indicativo. Desse número identificaram-se 5 verbos que ocorreram exclusivamente no indicativo e 6 no subjuntivo. A variação do imperativo se deu em 13 verbos.

Na **terceira conjugação**, a mais marcada, em princípio, que as duas primeiras, houve, contrariamente ao que se esperava, predomínio de formas indicativas: 27 ocorrências de indicativo contra 20 de subjuntivo. Em relação aos tipos de verbos, não se identificaram diferenças significativas. Têm-se 8 verbos no indicativo e 10 no subjuntivo. Os 03 verbos que apresentaram variação (*pedir, ir e vir*) constituem verbos bastante usuais na fala cotidiana para atos diretivos que marcam ordem propriamente dita. Ressalta-se que com relação aos verbos com apenas uma ocorrência, nota-se a presença de verbos específicos, semanticamente mais precisos, pouco usuais na fala e presentes mais regularmente na escrita monitorada. Estão nesse caso: *cingir, consentir, prevenir, permitir, decidir, etc.*

Em síntese, com esse quadro geral das frequências de tipo e de ocorrências na totalidade dos dados, tem-se o seguinte:

- 1) Apesar das diferenças não serem tão relevantes nos verbos de **primeira conjugação** que apareceram na amostra, os tipos de verbos que ocorrem no imperativo subjuntivo (mais marcado) são ligeiramente mais numerosos que no imperativo indicativo (menos marcado).
- 2) Na totalidade dos dados de **segunda conjugação**, identificou-se forte variação das formas imperativas indicativas e subjuntivas tanto em termos de *types* (distintos verbos) quanto em *tokens* (número total de ocorrências).
- 3) Em termos dos tipos de verbos e das ocorrências, a **terceira conjugação**, assim como a segunda, não apresentou resultados muito elucidativos se for levada em conta a totalidade da amostra em 100 de produção escrita de nossos missivistas.

4.3.2 – Resultado por fase postulada

Identificados esses aspectos gerais, vejamos se na distribuição por fase os resultados quantitativos de frequência mostram, ou não, comportamento tão regular como observado até agora. Como mencionado anteriormente, a conjugação foi selecionada em

três das quatro fases. A tabela a seguir reúne esses resultados para facilitar a análise contrastiva em termos de período histórico:

Grupo Conjugação verbal	Fase 1 > <i>tu</i>	Fase 2 <i>tu</i> ~ <i>você</i>	Fase 3 > <i>tu</i>	Fase 4 > <i>você</i>
-AR	36/104 – 34,6% 0.361	48/85 – 56,5% 0.596	36/163 – 22,1% 0.238	117/133 – 88%
-ER	16/36 – 44,4% 0.839	37/77 – 48,1% 0.452	14/74 – 18,9% 0.927	51/59 – 86,4%
-IR	–	3/9 – 33,3% 0.118	1/12 – 8,3% 0.546	16/17 – 94,1%
Total	52/140 – 37,1%	88/171 – 51,4%	51/249 – 20,4%	184/209 – 88%

Tabela 5: Rodada parcial: conjugação verbal (valor de aplicação imperativo de *você*)

Com relação à conjugação verbal, nas rodadas parciais, esse grupo foi selecionado nas três primeiras fases com exceção da última. Optou-se por apresentar os resultados de todas as fases para fins de comparação entre os períodos analisados.

Nas fases históricas 1 (1861- 1900) e 3 (1921-40) em que o imperativo de *tu* superava o imperativo de *você*, a hipótese se confirmou, pois as formas verbais de 2ª conjugação (terminação em –ER mais marcada) favoreceram o imperativo de *você* (imperativo-subjuntivo) com pesos relativos mais altos (.839 e .927), respectivamente. Os verbos de 1ª conjugação (menos marcado) desfavoreceram o imperativo-subjuntivo. Os pesos relativos foram de .361 e .238 nessas duas fases. Esses resultados vão ao encontro do que fora observado por Scherre (2007) e Alves (2009) em suas análises sincrônicas: conjugações mais marcadas favorecem o imperativo-subjuntivo e as menos marcadas o imperativo-indicativo. Destaca-se ainda o comportamento observado na fase 3 (1921-40). Naquele momento histórico, como vimos, o imperativo de *tu* se sobrepunha ao de *você*. Os resultados apresentados na tabela mostram que com verbos de 3ª conjugação (-IR) -- a mais marcada das três conjugações -- também houve favorecimento do imperativo-subjuntivo com peso relativo de .546.

Na fase 2 (1901-20), período de equilíbrio na frequência entre imperativo de *tu* e de *você*, observamos o oposto do encontrado nos períodos (1) e (3), pois a forma associada ao subjuntivo é ligeiramente favorecida na 1ª conjugação, com peso relativo de .596 e desfavorecida na 2ª e 3ª conjugações, com .452 e .118. A fase 4 (1941-80), em que o imperativo de *você* foi mais frequente que o de *tu*, as ocorrências são elevadas (acima de 80%) em todas as conjugações.

Esses resultados aparentemente mostram que esse grupo de fator estrutural (conjugação) se mostrou relevante no passado atuando da mesma maneira que no presente, principalmente entre os missivistas que empregavam mais imperativo de *tu*.

Vejamos agora a partir desses resultados quantitativos gerais que formas verbais ocorreram em cada fase, observando se o tipo de verbo e/ou o número de ocorrências atuaram de alguma forma.

4.3.2.1 - Frequência de tipo e de ocorrências nas 4 fases postuladas: resultados dos verbos de 1ª conjugação

No quadro a seguir, apresentam-se as formas verbais identificadas na amostra, separando os tipos de verbo (*types*) e as ocorrências de cada um (*tokens*) pelas fases postuladas. Para facilitar a comparação dos resultados, optou-se por apresentar na primeira coluna de cada fase a forma verbal no infinitivo e as colunas seguintes foram subdivididas pelas duas variantes de imperativo estudadas³. O número que aparece ao lado de *Ind.* e *Sub.* corresponde ao total de ocorrências da variante imperativa em cada fase. Os verbos foram ordenados por ordem decrescente (do mais frequente para o menos frequente) e depois por ordem alfabética. A indicação com (*) sinaliza que cada forma verbal que consta na célula apresentou uma ocorrência. Foram feitos 3 quadros tendo em vista as conjugações. O quadro a seguir corresponde à primeira conjugação:

³ Ind. = Imperativo-indicativo e Sub.= Imperativo-subjuntivo.

1ª Conjugação											
Fase 1 (> tu)			Fase 2 (tu~você)			Fase 3 (> tu)			Fase 4 (> você)		
Abraçar	Ind.	11	Mandar	Ind.	8	Mandar	Ind.	39	Beijar	Ind.	4
	Sub.	3		Sub.	11		Sub.	12		Sub.	∅
Dar	Ind.	11	Aceitar	Ind.	4	Aceitar	Ind.	22	Abraçar	Ind.	3
	Sub.	∅		Sub.	17		Sub.	18		Sub.	∅
Aceitar	Ind.	8	Contar	Ind.	4	Rasgar	Ind.	10	Lembra	Ind.	3
	Sub.	8		Sub.	∅		Sub.	1		Sub.	∅
Beijar	Ind.	7	Continuar	Ind.	3	Esperar	Ind.	9	Abençoar	Ind.	1
	Sub.	2		Sub.	∅		Sub.	∅		Sub.	9
Abençoar	Ind.	4	Avisar	Ind.	2	Recomendar	Ind.	9	Dar	Ind.	1
	Sub.	∅		Sub.	∅		Sub.	∅		Sub.	7
Continuar	Ind.	5	Conservar	Ind.	2	Falar	Ind.	7	Desculpa	Ind.	1
	Sub.	1		Sub.	∅		Sub.	∅		Sub.	1
Apresentar	Ind.	2	Cumprimentar	Ind.	2	Beijar	Ind.	5	Olhar (1 tipo)	Ind.	1
	Sub.	∅		Sub.	∅		Sub.	∅		Sub.	∅
Fortificar	Ind.	2	Dar	Ind.	1	Abraçar	Ind.	3	Virar	Ind.	∅
	Sub.	∅		Sub.	1		Sub.	∅		Sub.	2
Mandar	Ind.	2	Enviar	Ind.	1	Guardar	Ind.	∅	Aceitar	Ind.	1
	Sub.	6		Sub.	1		Sub.	∅		Sub.	7
Perguntar	Ind.	2	Tomar	Ind.	1	Dar	Ind.	2	Mandar	Ind.	∅
	Sub.	∅		Sub.	1		Sub.	∅		Sub.	8
Tratar	Ind.	2	Ama, aproveita, assegura, lembra, mostra, procura (6)	Ind.	1	Enviar	Ind.	2	Avisar	Ind.	∅
	Sub.	1		Sub.	∅		Sub.	1		Sub.	4
Contar	Ind.	1	Compre, comunique, confirme, console, desculpe, imagine, volte (7)	Ind.	∅	Preparar	Ind.	2	Enviar	Ind.	∅
	Sub.	1		Sub.	1		Sub.	∅		Sub.	4
Estudar	Ind.	1	Total	Ind.	37	Rezar	Ind.	2	Pensar	Ind.	∅
	Sub.	1		Sub.	48		Sub.	∅		Sub.	3
Tomar	Ind.	1				Telefonar	Ind.	2	Deixar	Ind.	∅
	Sub.	2					Sub.	∅		Sub.	3
Arrumar, Brincar, Consolar, Cumprimentar, Desculpar, Desfrutar, Resignar, Trabalhar (8)	Ind.	1*				Conta, continua, entrega, imagina, informa, lembra, observa, perdoa, pergunta, presta, procura, queima, trata (13)	Ind.	1	Levar	Ind.	∅
	Sub.	∅					Sub.	∅		Sub.	3
Calcular, Comunicar, Confiar, Consultar, Continuar, Deixar, Esperar, Lembrar, Procurar, Recomendar, Reparar (11 tipos)	Ind.	∅				Abençoe, compre, desculpa, fique (4)	Ind.	1	Continuar	Ind.	∅
	Sub.	1*					Sub.	∅		Sub.	2
Total	Ind.	68				Total	Ind.	127	Ficar	Ind.	∅
	Sub.	36					Sub.	36		Sub.	2
									Imaginar	Ind.	∅
									Sub.	2	
									Passear	Ind.	∅

	Sub.	2
	Ind.	∅
Rezar	Sub.	2
	Ind.	∅
Tratar	Sub.	2
	Ind.	∅
Abrace, alimente, ande, apanhe, assine, chame, coloque, compre, copie, cuide, entregue, focalize, gaste, guarde, largue, olhe, pegue, procure, releve, telefone, tome (21 tipos)	Sub.	1
	Ind.	1
	Ind.	8
		1
		1
Total	Sub.	7

Legenda da tabela: Ind. = Imperativo-indicativo (de *tu*), Sub. = Imperativo-subjuntivo (de *você*).

Tabela 6: Lista de palavras por fases (1ª conjugação)

A tabela (6) apresenta a frequência dos dados referentes à 1ª conjugação tanto no imperativo indicativo, quanto no subjuntivo. A separação por fases objetiva observar que tipo de frequência (*types* ou *tokens*) melhor elucidada a diferença de comportamento identificada nos quatro momentos históricos controlados.

Dada a grande dimensão da tabela (6), repetiremos aqui a parte correspondente à fase 1 para facilitar a leitura da tabela. Na sequência apresentamos os resultados correspondentes:

4.3.2.1.1 - Frequência de tipo e de ocorrências de imperativo nos verbos de 1ª conjugação: fase 1 (1861-1900):

1ª Conjugação - Fase 1 (> tu)	Imperativo	Oco.
Abraçar	Ind.	11
	Sub.	3
Dar	Ind.	11
	Sub.	∅
Aceitar	Ind.	8
	Sub.	8
Beijar	Ind.	7
	Sub.	2
Abençoar	Ind.	4
	Sub.	∅
Continuar	Ind.	5
	Sub.	1
Apresentar	Ind.	2
	Sub.	∅
Fortificar	Ind.	2
	Sub.	∅
Mandar	Ind.	2
	Sub.	6
Perguntar	Ind.	2
	Sub.	∅
Tratar	Ind.	2
	Sub.	1
Contar	Ind.	1
	Sub.	1
Estudar	Ind.	1
	Sub.	1
Tomar	Ind.	1
	Sub.	2
Arrumar, Brincar, Consolar, Cumprimentar, Desculpar, Desfrutar, Resignar, Trabalhar (8 tipos de verbos)	Ind.	1*
	Sub.	∅
Calcular, Comunicar, Confiar, Consultar, Continuar, Deixar, Esperar, Lembrar, Procurar, Recomendar, Reparar (11 tipos de verbos)	Ind.	∅
	Sub.	1*
Total	Ind.	68
	Sub.	36

Legenda da tabela: Ind. = Imperativo-indicativo (de tu), Sub. = Imperativo-subjuntivo (de você).

Tabela 7 Ocorrências e tipos de verbos de 1ª conjugação da fase 1

Na primeira fase que, como mencionamos anteriormente, predominou o imperativo de *tu*, tal variante do imperativo foi majoritária em verbos de 1ª conjugação tanto em termos de tipos de verbos (*types*) quanto em termos de ocorrências (*tokens*). A frequência global de ocorrências (*tokens*) de imperativo indicativo é bem superior as de subjuntivo, com 68 dados, contra 36. Com relação aos distintos itens verbais na 1ª conjugação (*types*), o imperativo-indicativo também foi predominante. Foram identificadas, como consta da tabela (7), 12 tipos de verbos de 1ª conjugação diferentes que só apresentaram formas no imperativo-indicativo, somando um total de 30 ocorrências: *dar, abençoar, apresentar, fortificar, perguntar, arrumar, brincar, consolar, cumprimentar, desculpar, desfrutar, resignar, trabalhar*. No subjuntivo, foram apenas 11 tipos distintos (*calcular, comunicar, confiar, consultar, continuar, deixar, esperar, lembrar, procurar, recomendar, reparar*). Estes últimos tiveram, contudo, apenas uma ocorrência cada, evidenciando seu caráter eventual e esporádico no período em questão. Ainda houve 09 formas verbais de 1ª conjugação que apresentaram variação entre o uso do imperativo-indicativo e o subjuntivo, vencendo novamente o imperativo-indicativo nos dois tipos de frequência. As formas são: *abraçar, aceitar, beijar, continuar, mandar, tratar, contar, estudar, tomar*. Os itens verbais mais frequentes no geral foram *abraçar* e *dar* com 11 ocorrências cada um como imperativo-indicativo (*abraça* e *dá*).

Em termos quantitativos, nota-se, **em síntese**, que o imperativo-indicativo foi majoritário com verbos na primeira conjugação nas cartas escritas por missivistas no final do século XIX tanto em termos de frequência de tipo verbal quanto em termos do número de ocorrências. Esses resultados, mais uma vez, confirmam as hipóteses de Scherre (2001) e Alves (2009) para dados sincrônicos: verbos de 1ª conjugação favorecem o imperativo-indicativo.

Em termos qualitativos, há outros aspectos a comentar. A forma *aceitar*, por exemplo, apresentou o mesmo número de ocorrências na fase 1 para as duas formas variantes: 8 para indicativo (*aceita*) e 8 para subjuntivo (*aceite*). Em todos os exemplos, a forma *aceite* aparece na seção de despedida da carta como uma expressão cristalizada típica que se caracteriza como uma tradição discursiva recorrente no modelo epistolar. A maior parte das ocorrências de *aceite* ocorreu nas cartas de João Pedreira do Couto Ferraz escrevendo para sua filha religiosa, embora haja dados em cartas de Antônio Cupertino à sua esposa Elisa. As cartas de ambos os missivistas apresentaram, em sua maioria, uniformidade no tratamento no que diz respeito à posição de sujeito, mas, tratando-se de imperativo, percebemos que tais remetentes alternaram entre as formas imperativas

empregadas, como se vê no exemplo (10) em que há imperativo de *tu* (*beija*) e de *você* (*abraçe*). Há ainda em as formas fixas de despedida com o verbo no imperativo subjuntivo *aceite*, como apontam os exemplos de (5) a (9):

- 22) **Acceite** o coração e a benção – saudades, e expressóns de profunda amizade de teu Pae estremoza (PF-07-02-1877)
- 23) **Acceite** saudes do Espinola e todos de casa de sua Mai mto ama (carta 05-CA-19-10-1881)
- 24) **Acceite** muitas saudades minhas e beija por mim os meninos (Carta 14-CA-20-2-1886)
- 25) **Acceite** saudades de todos de ca (carta 10-VO-22-01-1885)
- 26) **Acceite** um abraço do teu marido (Carta 20-CA-12-3-1886)
- 27) Amina por mim teus filhos , **beija** tua mãe e **abraçe** a Mimi e Mina , tudo em nome do amo e Pae extremoso Pedreira (PF-30-08-1885)

O fato de esses missivistas do século XIX apresentarem uniformidade no tratamento com predomínio de *tu* e do imperativo-indicativo, aliada à constatação de que em alguns contextos motivados houve o emprego do imperativo-subjuntivo é mais um argumento para comprovar a hipótese de Rumeu (2008) e de Souza (2012) de que, em fins do século XIX, as formas *tu* e *você* não eram verdadeiramente variantes de 2SG.

4.3.2.1.2 - Frequência de tipo e de ocorrências de imperativo nos verbos de 1ª conjugação: fase 2 (1900-1920)

1ª Conjugação - Fase 2 (<i>tu~você</i>)	Imperativo	Oco.
Mandar	Ind.	8
	Sub.	11
Aceitar	Ind.	5
	Sub.	17
Contar	Ind.	5
	Sub.	∅
Continuar	Ind.	4
	Sub.	∅
Avisar	Ind.	2
	Sub.	∅
Conservar	Ind.	2
	Sub.	∅
Cumprimentar	Ind.	2
	Sub.	∅
Dar	Ind.	1
	Sub.	1
Enviar	Ind.	1
	Sub.	1
Tomar	Ind.	1
	Sub.	1
Ama, aproveita, assegura, lembra, mostra, procura (6)	Ind.	1
	Sub.	∅
Abraçar	Ind.	∅
	Sub.	2
Recomendar	Ind.	∅
	Sub.	3
Reze	Ind.	∅
	Sub.	4
Compre, comunique, confirme, console, desculpe, imagine, volte, trate (8)	Ind.	∅
	Sub.	1
Total	Ind.	37
	Sub.	48

Tabela 8 Ocorrências e tipos de verbos de 1ª conjugação da fase (2)

A segunda fase histórica se caracteriza pela variação equilibrada entre o imperativo de *você* e de *tu*. Com os verbos de 1ª conjugação, a frequência de ocorrências (*token*) foi ligeiramente superior para as formas associadas ao subjuntivo, 48 contra 37. Embora haja essa superioridade do imperativo-subjuntivo no que se refere ao número de ocorrências, em termos da diversidade de tipos de verbos, o imperativo-indicativo se

mostrou mais produtivo: 11 itens verbais distintos apresentaram apenas formas no imperativo-indicativo (*contar, continuar, avisar, conservar, cumprimentar, amar, aproveitar, assegurar, lembrar, mostrar, procurar*). Para o imperativo-subjuntivo foram apenas 7 verbos distintos, todos com apenas uma ocorrência cada (*comprar, comunicar, confirmar, consolar, desculpar, imaginar e voltar*).

As ocorrências de imperativo de *você* em um momento histórico em que o tratamento no PB ainda apresentava frequência significativa de *tu* fez com que fôssemos olhar para as formas verbais destacadas na tabela (8). Assim, observamos que nas missivas que compõem esse período que compreende a fase 2, há uma alta ocorrência das formas *aceite* e *mande* . Todas as ocorrências de *aceite* , como já comentado antes, ocorrem na seção de despedida da carta caracterizando-se, assim, como uma tradição discursiva do modelo epistolar, como as vemos no exemplo (14).

- 28) Lembro a você o dinheiro do Dr Moreira tambem a lavagem do roupão, e elle não póde ir viver a custa de você . Não deve elle olhar pa o ordenado. diz você ; mas tambem é precizo que ganhe para o indispensavel . Elle é inteligente esperto e trabalhador e em pouco tempo estará senhor do negocio. **Mande dizer-me** que ordenado elle póde perceber agora , para resolvermos isso quanto antes . Receba com a Roza , e o netinho mtos abraços nössos em seus seu pae mto amigo (Carta 05-AA-25-3-1911) (carta de vc)
- 29) Não recebemos carta sua pedindo legumes, agora para a Semana Santa com certeza voce deve querer. | em todo caso, não mando, sem voce pedir . A cesta ainda não veio. | Sem mais por hoje, peço aceitar com os outros mtas saudades de todos. | Para si, a bencam e um beijo da mai mto amiga | Helena | **Mande dizer** como vão passando. (Carta 22-AA-17-04-1916)
- 30) Como vae o negocio? As vendas tem sido boas ou tambem ahi sentem o reflexo da crise? Que ordenado estás percebendo? Quando foi augmentado pela última vez? E o Edgard? **Mande-me** deste as mesmas informações. Se souberes, diga-me exactamente ha quanto tempo estão ahi na casa, e os ordenados com que entraram. Por estes dias preciso escrever á Eurico a respeito d'um pedido do Horacio, que deseja ir para ahi, tomar conta d'uma Secção que, me informou , foi criada para artigos de automoveis. (Carta 11-AA-04-08-1913D)
- 31) **Mande me** a direcção para a fazenda onde Você vai passar as ferias. | Sabe quem vem dar-nos o retiro, este anno? | Adeus, **accite** o mais affectuoso abraço (14 de dezembro de 1919. Maria Elisa Pedreira de Castro Abreu Magalhães.)
- 32) E você, m. filha de meu coração como tem passado? estás sempre alegre ? conservas aquelle genio animado , meigo e carinhoso , com que tua mãe tanto se encantava ? És cada vez mais feliz pelo | grande sacrificio q fizeste, em deixar tua familia por amor do Esposo Divino ? Ah! minha tão amada filha , que riquissima corôa Elle te está preparando ? | E como está o excellent Sacerdote teu Director?

Com o maior fervor rezo por elle. Não tens tido alteração em tua saude? estás gorda ou magra ? quanto pezas ? Si tiver balança ahi peza, e **manda-me dizer**, sim? | Leonor te manda muitas lembranças e diz q brevemente te escreverá, dando noticias minuciosas novas. Que queres que te mande pela festa do Natal? **manda-me dizer**. (Carta. 19-PF-27-11-1914)

Os exemplos (28), (29) e (31) são fragmentos retirados de cartas em que o escrevente utiliza apenas *você* como forma de tratamento na posição de sujeito e, em (30), o tratamento empregado apresenta variação entre *tu* e *você*. É importante destacar, ainda que, das 11 ocorrências do verbo *mandar* nessa fase (2), 6 deles aparecem conforme a expressão mostrada nos exemplos (28) e (29): *mande dizer*. Isso parece apontar que tal uso do imperativo nessa expressão, constitui, na verdade, uma construção fixa. Em (30) e (31) observamos a ocorrência do verbo *mandar* no imperativo de *você* acompanhado do pronome *me*. Trabalhos como os de Scherre et al. (2000, p. 207) mostram que a presença dos pronomes clíticos *se* e *me* favorece à forma de imperativo subjuntivo. Isso ocorre porque em uma sentença como *escreve-me* (imperativo de *tu*) em vez de *escreva-me* (imperativo de *você*) a frase pode ser entendida como um imperativo ou como uma sentença afirmativa em que o sujeito não aparece preenchido. Isso poderia justificar o uso do verbo *mandar* no imperativo de *você*.

Apesar de o verbo *mandar* prevalecer no imperativo-subjuntivo (de *você*) na construção fixa *mande(-me) dizer*, encontramos 3 dados da mesma construção com o imperativo de *tu*, como consta no exemplo (32). Todos esses dados, no entanto, foram produzidos pela mesma escrevente, Zélia Bulhões Pedreira de Castro Abreu Magalhães, uma senhora que escrevia para a filha religiosa, cujas cartas só apresentavam a forma pronominal *tu* na posição de sujeito. A razão para tal expressão aparecer no imperativo indicativo, nesse caso, parece motivada somente pelo tratamento utilizado predominantemente na carta, ao contrário do que ocorre com o imperativo subjuntivo em que parecem co-ocorrer outras motivações além da forma pronominal empregada.

A fase (2), embora apresente equilíbrio de frequência das formas imperativas de *tu* e de *você*, parece ser um período em que o uso da forma associada ao subjuntivo ainda está muito relacionada a construções fixas do modelo epistolar. Como a fase anterior, a ocorrência de imperativo ainda está atrelada a questões de tradições discursivas referentes ao gênero carta, mas percebemos ainda que a uniformidade do tratamento empregado na missiva é um aspecto importante na escolha de uma forma verbal imperativa ou outra. Isso talvez nos sugira que as formas imperativas de 2SG acompanharam as mudanças no uso das formas pronominais *tu* e *você* na posição de sujeito.

4.3.2.1.3 - Frequência de tipo e de ocorrências de imperativo nos verbos de 1ª conjugação: fase 3 (1920-1940):

1ª Conjugação - Fase 3 (> tu)	Imperativo	Oco.
Mandar	Ind.	39
	Sub.	12
Aceitar	Ind.	22
	Sub.	18
Rasgar	Ind.	10
	Sub.	1
Esperar	Ind.	9
	Sub.	∅
Recomendar	Ind.	9
	Sub.	∅
Falar	Ind.	7
	Sub.	∅
Beijar	Ind.	5
	Sub.	∅
Abraçar	Ind.	3
	Sub.	∅
Guardar	Ind.	3
	Sub.	∅
Dar	Ind.	2
	Sub.	∅
Enviar	Ind.	2
	Sub.	1
Preparar	Ind.	2
	Sub.	∅
Rezar	Ind.	2
	Sub.	∅
Telefonar	Ind.	2
	Sub.	∅
Conta, continua, entrega, imagina, informa, lembra, observa, perdoa, pergunta, presta, procura, queima, trata (13)	Ind.	1
	Sub.	∅
Abençoe, compre, desculpa, fique (4)	Ind.	1
	Sub.	∅
Total	Ind.	127
	Sub.	36

Tabela 9 Ocorrências e tipos de verbos de 1ª conjugação na fase (3)

A fase 3, assim como a fase (1), apresenta maior frequência tanto de tipo (*type*) quanto de ocorrência (*token*) para o imperativo de *tu* nos verbos de 1ª conjugação. Dentre a frequência de tipo de imperativo de *tu* há de 23 itens verbais distintos que não ocorrem no

imperativo de *você* (*esperar, recomendar, falar, beijar, abraçar, guardar, dar, preparar, rezar, telefonar, contar, continuar, entregar, imaginar, informar, lembrar, observar, perdoar, perguntar, prestar, procurar, queimar e tratar*). Já no imperativo de *você* observamos apenas 4 verbos distintos que só ocorrem nessa forma imperativa: *abençoar, comprar, desculpar e ficar*. Vale ressaltar ainda que dentre os verbos que apresentam as duas formas variantes analisadas (*mandar, aceitar, rasgar e enviar*), os três primeiros têm o maior número de ocorrências para o imperativo indicativo. Além disso, *mandar* e *aceitar* também apresentam a maior produtividade entre os verbos no imperativo de *você*. Os exemplos a seguir ilustram um pouco o comportamento desses verbos nas missivas desse período.

33) Se fores a festa da Primavera **manda-me dizer** se estava boa eu peso-te para ires, com Antoninho por que elle vai mais n^o namores muito sim. vai no Domingo na minha casa pode ter auguma carta para voce que eu vou escrever no sabado e boto as fotografias mais não a mostre a minha mãe a queles que nois tiramos juntos sim. (Carta 02-MJ-23-09-1936)

34) Recomendação aos teus e dois beijos para a Hilda, diga a ela que esta zagado com ela por ela ter me mandado só um beijo, tão pequena e já tão egoista como a mãe , espera-me domingo dia 20 no primeiro trem no que chega ahí as 7 ou 8 horas , só não irei se chover . Deste teu amado uma tonelada de beijos. Jayme O. Saraiva Sinto-me envergonhado de te escrever a lapis mas se te enfastiares de minhas letras **manda-me dizer**, porque eu então não escreverei mais, mas tu podes escrever quantas cartas tu queiras por dia porque para mim é uma alegria. do teu saudoso Jayminho muitas saudades . (Carta 02-JM-22-09-1936)

O verbo *mandar*, como mostra a tabela (9), apresenta 39 ocorrências, sendo 25 da construção *manda-me dizer* produzidas por um casal de noivos (16 da mulher e 9 do homem), nos anos de 1936-1937. O tratamento empregado por ambos alterna entre *tu* e *você*, como podemos observar nos exemplos (33) da noiva e (34) do noivo: nas cartas do homem predomina *tu*, e nas da mulher, *você*.

Com relação ao verbo *aceitar*, tanto a forma imperativa subjuntiva quanto a indicativa só ocorrem nas despedidas da carta, como visto nas fases anteriores. Trata-se, portanto, de um tipo de construção prototípica do modelo epistolar. Ao contrário das fases anteriores, no entanto, percebemos uma forte variação entre o imperativo de *tu* e de *você*, mostrando que talvez, nesse período, essas formas sejam de fato variantes, já que passam a ser produtivas no mesmo tipo de construção – a forma *aceita* apresenta 22 ocorrências e *aceite*, 18. Todas as ocorrências da forma *aceita*, identificadas nessa fase (3), foram

produzidas somente nas cartas desse casal de noivos que não eram membros de nenhuma família ilustre e notoriamente letrada.

O período que compreende a fase (3) parece ser o momento em que as formas imperativas analisadas passam a se alternarem no uso, demonstrando o alargamento no uso de *você* nesse modo verbal. Além disso, podemos perceber que nessa fase aparecem construções com comportamento formulaico formado a partir de imperativo de *tu*, algo que até era o que se observava nos períodos anteriores. Podemos ressaltar ainda que a falta de uniformidade no tratamento mais presente na amostra da fase 3 também no imperativo evidencia que, a partir dessa fase, as formas associadas ao subjuntivo e ao indicativo passaram a ocorrer nos mesmos espaços funcionais como formas efetivamente variantes.

4.3.2.1.4 - Frequência de tipo e de ocorrências de imperativo nos verbos de 1ª conjugação: fase 4 (1940-1980):

1ª Conjugação - Fase 4 (> <i>você</i>)	Imperativo	Oco.
Beijar	Ind.	4
	Sub.	∅
Abraçar	Ind.	3
	Sub.	∅
Lembra	Ind.	3
	Sub.	∅
Abençoar	Ind.	1
	Sub.	9
Dar	Ind.	1
	Sub.	7
Desculpa	Ind.	1
	Sub.	1
Olhar (1 tipo)	Ind.	1
	Sub.	∅
Virar	Ind.	∅
	Sub.	25
Aceitar	Ind.	∅
	Sub.	17
Mandar	Ind.	∅
	Sub.	8
Avisar	Ind.	∅
	Sub.	4
Enviar	Ind.	∅
	Sub.	4
Pensar	Ind.	∅
	Sub.	3
Deixar	Ind.	∅
	Sub.	3

Levar	Ind.	∅
	Sub.	3
Continuar	Ind.	∅
	Sub.	2
Ficar	Ind.	∅
	Sub.	2
Imaginar	Ind.	∅
	Sub.	2
Passear	Ind.	∅
	Sub.	2
Rezar	Ind.	∅
	Sub.	2
Tratar	Ind.	∅
	Sub.	2
Abrace, alimente, ande, apanhe, assine, chame, coloque, compre, copie, cuide, entregue, focalize, gaste, guarde, largue, olhe, pegue, procure, releve, telefone, tome (21 tipos)	Ind.	∅
	Sub.	1
Total	Ind.	18
	Sub.	117

Tabela 10 Ocorrências e tipos de verbos de 1ª conjugação na fase (4)

O último período analisado, fase 4, apresenta comportamento oposto ao observado na fase anterior (3) tanto em termos de frequência de *token*, quanto de *type*, visto que o imperativo subjuntivo é mais produtivo que o indicativo. Com relação aos tipos de verbos distintos que só ocorrem no imperativo de *tu* temos apenas 04 itens distintos: *beijar*, *abraçar*, *lembrar* e *olhar*. Já de imperativo de *você*, houve 35 verbos distintos que apresentaram apenas a forma subjuntiva: *virar*, *aceitar*, *mandar*, *avisar*, *enviar*, *pensar*, *deixar*, *levar*, *continuar*, *ficar*, *imaginar*, *passear*, *rezar*, *tratar*, *abraçar*, *alimentar*, *andar*, *apanhar*, *assinar*, *chamar*, *colocar*, *comprar*, *copiar*, *cuidar*, *entregar*, *focalizar*, *gastar*, *guardar*, *largar*, *olhar*, *pegar*, *procurar*, *relevar*, *telefonar* e *tomar*.

Em termos qualitativos, o item mais frequente foi *virar* que ocorreu 25 vezes no subjuntivo (*vire*). Os dados a seguir ilustram alguns casos:

35) Lembranças de Maria, recomendações nössas a Yolanda e | Avise-me logo que receber, (**vire**).

36) Quanto a fundação de São Carlos do Pinhal está absolutamente consolidada, deixe-me adquirir os seus livros, claro q. não vou pagar-lhe os já oferecidos, mas os que a mim”formidavel” maquina de trabalho forem publicados | **vire** (Carta -04-04-1972)

Tanto em (35) como em (36) o imperativo de *você vire* aparece sempre na mesma construção, sendo um item que ocorre destacado do texto e sempre da mesma maneira. Isso pode indicar que talvez as ocorrências de imperativo subjuntivo apresentem maior tendência a construções fossilizadas e que apresentam a mesma forma, não sendo admitido, por isso, a outra variante de imperativo de *tu*. Assim, ao que parece, ao menos com relação a *vire*, não poderíamos considerá-lo de fato uma forma em que poderia ocorrer a variante, visto que não parece se tratar de um caso de alternância.

Apesar disso, a fase 4 (1941-80), pelas frequências de ocorrência (*token*) e de tipo (*type*) que apresenta, parece nos mostrar que o imperativo de *tu* passou a ter um uso mais específico nessa amostra de cartas pessoais, visto que o uso se limitou a itens verbais típicos do modelo epistolar, como *beija*, *abraça* e *lembra*. Se antes, nas fases 1 (1861-1900) e 2 (1901-20), o que se via era o imperativo de *você* marcando construções fixas, na fase 4 (1941-80) observamos que a forma associada a *tu* aparece em dados mais fossilizados. Retomaremos a discussão desses dados na seção que apresenta os padrões de regularidade dos verbos. Podemos destacar, por enquanto, que a forma imperativa subjuntiva aumentou em termos de frequência, assim como o uso de *você* na posição de sujeito, por volta dessa época correspondente à fase 4 (1941-80), – Souza (2012), Duarte (1995) – passou a ocupar o espaço funcional antes preenchido por *tu*.

4.3.2.2 - Frequência de tipo e de ocorrências nas 4 fases postuladas: resultados dos verbos de 2ª conjugação

Os verbos terminados em –er apresentam uma frequência bem menor se comparados aos de 1ª conjugação, fato já esperado, uma vez que, junto com os verbos de 3ª, são considerados os verbos mais marcados. Esperava-se que a produção dessa forma verbal fosse menos produtiva, como podemos ver na tabela a seguir:

2ª Conjugação											
Fase 1 (> tu)			Fase 2 (tu~você)			Fase 3 (> tu)			Fase 4 (> você)		
Dizer	Ind.	8	Ser	Ind.	8	Receber	Ind.	27	Ver	Ind.	3
	Sub.	5		Sub.	∅		Sub.	1		Sub.	9
Ser	Ind.	5	Escrever	Ind.	8	Ver	Ind.	15	Bater	Ind.	1
	Sub.	∅		Sub.	3		Sub.	3		Sub.	1
Receber	Ind.	4	Receber	Ind.	8	Dizer	Ind.	6	Escrever	Ind.	1
	Sub.	4		Sub.	8		Sub.	6		Sub.	5
Escrever	Ind.	1	Fazer	Ind.	4	Escrever	Ind.	3	Esquecer	Ind.	1
	Sub.	4		Sub.	∅		Sub.	1		Sub.	1
Dispor (1 tipo)	Ind.	1	Dizer	Ind.	3	Ler	Ind.	3	Recebe	Ind.	1
	Sub.	∅		Sub.	8		Sub.	∅		Sub.	8
Ver (1 tipo)	Ind.	∅	Responder	Ind.	8	Oferecer	Ind.	2	Agradecer (1 tipo)	Ind.	1
	Sub.	1		Sub.	3		Sub.	∅		Sub.	∅
Total	Ind.	20	Ver	Ind.	3	Responder	Ind.	1	Dizer	Ind.	∅
	Sub.	16		Sub.	8		Sub.	1		Sub.	10
Exercer	Ind.	2	Esconder, fazer, pôr, responder (4 tipos)	Ind.	1	Agradecer, crer (2 tipos)	Ind.	∅	Fazer	Ind.	∅
	Sub.	∅		Sub.	∅		Sub.	∅		Sub.	8
Ter	Ind.	1	Agradecer, crer (2 tipos)	Ind.	1	Total	Ind.	∅	Crer	Ind.	∅
	Sub.	1		Sub.	1		Sub.	1		Sub.	2
Resolver	Ind.	∅	Total	Ind.	60	Ler	Ind.	60	Quer	Ind.	∅
	Sub.	2		Sub.	2		Sub.	14		Sub.	2
Crer	Ind.	∅	Quer	Ind.	∅	Aparecer, comer, dispor, vender (4 tipos)	Ind.	∅	Total	Ind.	∅
	Sub.	2		Sub.	2		Sub.	1		Sub.	8
Esquecer, ler (2 tipos)	Ind.	∅	Total	Ind.	40	Total	Ind.	40	Total	Ind.	8
	Sub.	1		Sub.	37		Sub.	14		Sub.	51

Tabela 11: Ocorrências e tipos de verbos de 2ª conjugação por fases

Diferentemente do observado com os resultados da primeira conjugação, esperávamos, por hipótese, o favorecimento do imperativo subjuntivo (de *você*) com formas verbais da segunda conjugação. Lembramos ainda que a análise por fase visa a observar a distribuição das formas imperativas ao longo desses momentos históricos que apresentaram comportamento diferenciado em relação às variantes imperativas: fase 1 (1861- 1900): ligeiro favorecimento do imperativo de *tu*; fase 2 (1901-20): coexistência entre imperativo de *tu* e de *você*; fase 3 (1921-40): forte predomínio do imperativo de *tu*; fase 4 (1941-80): aumento do uso do imperativo de *você*.

A fase 1 (1861- 1900) apresentou frequência de ocorrências (*token*) de imperativo de *tu* um pouco superior à do imperativo de *você*, 20 contra 16. A frequência de tipo (*type*) também mostrou favorecimento no uso de imperativo de *tu*, com 02 verbos distintos que ocorreram somente nessa forma: *ser* e *dispor*. Entre os tipos de itens distintos que ocorrem somente no imperativo *você*, temos apenas um verbo: *ver*. Os verbos que apresentaram variação foram: *dizer*, *receber* e *escrever*. O primeiro apresentou predomínio de indicativo (*diz* – 8 dados e *diga* – 5 dados), o segundo apresentou equilíbrio (4 dados para

recebe e 4 para *receba*) e o último, predomínio de subjuntivo (*receba/recebe* – 4 dados cada).

Como podemos observar na tabela (11), as formas de imperativo de *tu* e de *você* na 2ª conjugação apresentam verbos prototípicos do modelo epistolar, como *escrever*, *dizer*, *receber*. Ainda com relação ao tipo de ocorrência, observamos o uso recorrente da forma relacionada ao indicativo, *sê*, e, por isso, tornou-se necessário buscar tais dados a fim de tentar elucidar esse uso. Nos exemplos a seguir, destacamos fragmentos em que o uso da forma *sê* mostrou-se produtiva:

37) **Sê** sempre um bom menino: dize-me tambem se te adiantas no estudo do Ingles. Dize a ella que se-trate seriamente, e dize - da parte do meu vô vô, (carta 06-VO-11-02-1883)

38) **Sê** por conseguinte muito obediente a teus superiores, porque assim o manda | Nosso Senhor. Obedecendo a elles obedeces a Deus. Mais tarde terás em S. Paulo non est potestas nisi a Deo. Depois muito applicado em teus estudos, com methodo e perseverança. Se encontrares outros mais intelligentes não te incomodes com isso, mas. **Sê** feliz no santo temôr de Deus. Meus respeitosos cumprimentos a meo Compadre o Sr Padre Superior e a teus mestres e recebe um beijo e abraço do teu Antonio. (carta 07-PF-16-07-1879)

Todas as ocorrências da forma imperativa associada ao indicativo *sê* seguem exatamente o mesmo modelo apresentado nos exemplos (37) e (38) e são utilizadas pelos escreventes Christiano Ottoni aos seus netos e João Pedreira Ferraz à sua filha religiosa. O que podemos observar acerca desses dois missivistas é que se tratam de pessoas de uma idade mais avançada com forte domínio e contato com a modalidade escrita. Em função disso, era de se esperar que utilizassem formas conservadoras em suas missivas e maior uniformidade no tratamento empregado, como é o caso da forma *sê* referente a *tu*, pronome utilizado majoritariamente por tais escreventes. Além disso, como pode ser observado nos exemplos, essa forma imperativa remete sempre a um aconselhamento para as pessoas a que se destina a carta. No exemplo (37), o avô, Christiano Ottoni, como em muitas missivas, sempre aconselha o neto como proceder nos estudos e em (38), Pedreira Ferraz diz como a filha deve proceder com relação à vida religiosa – aspecto que talvez justifique o uso dessa forma por esse missivista. Se forem retirados os dados de *sê* da contagem, percebemos um certo equilíbrio de ocorrências de imperativo subjuntivo e indicativo na fase analisada, confirmando a hipótese inicial.

É importante ressaltar, no entanto, que não só motivações discursivas parecem atuar na escolha do escrevente do imperativo de 2SG, pois o uso de formas associadas a *tu* estão não só em conformidade com o tratamento da época – também referente a esse pronome – como também em concordância com a uniformidade da escrita dos missivistas analisados nesse período – indivíduos com domínio dessa modalidade textual. Assim, como observamos na fase 1 (1861- 1900) da primeira conjugação, há aspectos discursivos e linguísticos que influenciam no uso na escolha da forma imperativa nas cartas desse período.

Na **fase (2) (1901-20)** houve equilíbrio em relação à frequência de ocorrência (*token*) e de tipo (*type*) quanto ao emprego das variantes imperativas em verbos de segunda conjugação (-er). O número de ocorrências foi 40 para o imperativo de *tu* e 37 para o imperativo de *você*. Considerando os tipos de verbos distintos, que ocorrem apenas no imperativo de *tu*, temos um total de 03 verbos (*ser*, *fazer* e *exercer*) com 14 dados. Para o imperativo de *você* temos 04 verbos distintos, mas um número menor de ocorrências – 6 dados assim distribuídos: *resolver* (2), *crer* (2), *esquecer* (1) e *ler* (1). Todas as ocorrências do verbo *ser* apareceram em contextos similares aos já observados na fase anterior, como podemos ver a seguir.

39) Venho te pedir pois, por amor de Jesus e Maria, pela soblimidade da tua dignidade | de Padre, pelo exemplo que tens que dar a teus irmãos e por amor de tua mãe, que offerece sua vida n'esta tua intenção, que no meio d'esse mundo em que vives, d'esses penitentes, " que tenhas a maior reserva que puderes, tracta com caridade e agrado digno e reservado, só o que fôr necessario para fazer-lhe bem, e tem cuidado em não fazer preferencias, meu filho, que sejas bem igual para todos. Dá-lhes, fóra do confessorario só o tempo indispensavel para algum negocio | O mais quanto a direção espiritual | só no Confessionario, sim? para que ninguem repare; e quanto às visitas, cuidado meu filho, *sê prudente* , *sê prudente*. (Carta 20-PF-06-07-1919) (carta de *tu*)

O exemplo (39) é similar ao que observamos em (37) e (38), visto que se trata de um texto com tom religioso. Assim, como os exemplos anteriores com o verbo *ser*, o (39) foi destinada à mesma pessoa, filho da missivista, Zélia Bulhões, que era casada com Jerônimo, autor das cartas exemplificadas anteriormente. Percebemos que a construção com o verbo *ser* parece estar relacionada à uma tradição discursiva (KABATEK, 2006), uma vez que todas as ocorrências apresentam um uso bastante semelhante na produção escrita ou de pessoas mais velhas ou de pessoas bastante ligadas ao meio religioso como é o caso da família Pedreira e Ferraz.

Seguem os dados do verbo *receber*:

40) Nunca te esqueças da nossa Leonor, sim? até ella alcançar o q tanto deseja. Teu P. Pedreira vae indo sem novidade. Tia Joanninha queria muito ir commigo te visitar, mas agora está doente dos olhos, o que sente muito. | Adeus, filho querido do meu coração **recebe** mil carinhos, bençãos, orações e todo o extremo possível de tua mãe que te ama com a maior ternura em Jesus, por Jesus e para Jesus. (Carta 18-PF-27-11-1912) (carta de *tu*)

41) Ontem e hoje tivemos bom tempo; só a serrano. O frio é somente pela noite e mais pela madrugada. | **Receba** com seus irmãos muitos abraços e saudades nössas. (Carta 26-AA-08-06-1917) (carta só *você*)

O item verbal correspondente a *receber* aparece tanto em ocorrências de imperativo indicativo, quanto de subjuntivo, com o mesmo número de ocorrências (8 dados cada um). Todas as ocorrências desse verbo no imperativo aparecem sempre na seção despedida das cartas, o que aponta para um uso cristalizado desse item nesse gênero textual. Além disso, todas as ocorrências de *receba* (imperativo de *você*) foram em missivas em que *você* era mais frequente, enquanto *recebe* ocorreu majoritariamente nas cartas de indivíduos que só utilizavam o pronome *tu*. No exemplo (40), temos uma carta da missivista Zélia escrevendo para a filha e, ao longo de todo o texto, a escrevente só utiliza a forma *tu*. Todas as ocorrências desse verbo nessa forma de imperativo indicativo foram produzidas pelo casal da família Pedreira, Zélia e Jerônimo, que apresenta uso uniforme de *tu* em todas as cartas. Já o exemplo em (41), Júlio Avelar escreve ao filho, Alarico Land Avelar, e utiliza em toda a carta em que foi retirado o fragmento a forma de tratamento *você*, até mesmo no imperativo *receba*. Todas as formas de *receba* (imperativo de *você*) foram produzidas pelo casal da família Land Avelar que utilizam a estratégia de *você* como o tratamento empregado em suas missivas.

Na fase (2), assim como visto na (1), ou seja, no período correspondente a 1861-1920, a forma de tratamento utilizada na carta parece influenciar diretamente na escolha imperativa por parte do missivista nos verbos de 2ª conjugação. Dessa forma, o indivíduo que utiliza *você* como forma de tratamento tende a optar pelo imperativo subjuntivo e aquele que usa majoritariamente *tu*, o imperativo indicativo. Ainda assim, percebemos algumas motivações discursivas no uso de alguns itens verbais, como ficou evidente no caso do verbo *ser* que ocorreu majoritariamente como *sê* em cartas de pessoas mais velhas e/ou remetentes influenciados pelo discurso religioso.

O terceiro período correspondente à **fase 3 (1921-40)** apresentou uma frequência de ocorrência (*token*) bem maior de imperativo de *tu* (60) do que de *você* (14). Observando as frequências de *type*, temos 6 verbos distintos que só ocorrem no imperativo de *tu* com um total de ocorrências (8 dados): *ler* (3), *oferecer* (2), *esconder* (1), *fazer* (1) e *pôr* (1). Já as ocorrências de itens verbais somente no imperativo de *você* apresentam menor diversidade de formas e de ocorrências – *agradecer* (1) e *crer* (1). O comportamento do imperativo da fase 3 (1921-40) mostra assim predomínio do imperativo de *tu* principalmente quanto à frequência de ocorrências e não de tipos. Os verbos mais produtivos no imperativo de *você* – *dizer* (6), *ver* (3), *receber* (1) e *escrever* (1) – ocorrem também no imperativo de *tu* -- *dizer* (6), *ver* (15), *receber* (27), *escrever* (3) --, mas a proporção da forma associada ao indicativo é muito superior que a de subjuntivo – à exceção de *dizer*, que tem ocorrência igual em ambos (6 dados). Os exemplos a seguir mostram os verbos com variação de uso no imperativo:

42) Adeus, | **recebe** o mais terno e affectuoso abraço de tua irmã que te deseja todo o bem. (Carta-19-03-1924, Maria Elisa Pedreira.) (carta de *tu*)

43) **Receba** deste teu noivinho de todo o coração muitos beijos e abraços (carta 11-JM-06-10-1936) (carta *mista*)

44) Quando fôres a casa de titia Mimi, abraça-a por mim, e **dize** -lhe qu recibi hontem sua carta, sinto muito sua ultima doença q u e felizmente passou e breve lhe escreverei. (Carta – 08-12-1922, Maria Elisa Pedreira)(carta de *tu*)

45) Só duas palavras para te mandar estas cartas de João Maria. **Vê** como nosso irmão se conserva fervoroso e que noticias optimas de Fernando ou antes de ambos. (Carta – 29-10-1922 - Maria Elisa Pedreira)(carta de *tu*)

Os exemplos (42), (44) e (45) foram retirados das cartas de Maria Elisa Pedreira, filha religiosa de Jerônimo e Zélia. Todos os dados ocorreram em cartas que tinham como estratégia tratamental a forma *tu*. Percebemos, assim, que os imperativos que ocorrem nas cartas dessa missivista apresentam uniformidade de acordo com o pronome empregado – no caso *tu* – e isso talvez tenha enviesado os números que aparecem nas ocorrências de imperativo indicativo. Além disso, todas as formas do verbo *dizer* que aparecem nas

cartas são de *dize* acompanhadas de um pronome oblíquo *me* ou *lhe*, o que parece ser uma construção fixa associada ao modelo de escrita de carta, como se observa em (43).

Com relação ao verbo *receber*, as ocorrências são principalmente nas cartas do casal de noivos, Jayme e Maria, em que a estratégia pronominal utilizada no tratamento é, quase que categoricamente em toda essa amostra, de formas que variam entre *tu* e *você*. Nessas cartas, como aponta o exemplo (44), a forma imperativa mais utilizada é a associada a *tu*, mas há ocorrências também do imperativo de *você*.

Pode-se dizer, assim, que a fase 3 apresenta diferenças no uso do imperativo empregado nas cartas, visto que não há uma uniformidade no uso da forma utilizada – se referente a *tu* ou a *você* – ao longo de toda missiva, principalmente nas do casal de noivos, Jayme e Maria.

A **fase 4 (1941-80)** apresentou maior frequência de ocorrência (*token*) de imperativo de *você* em relação ao de *tu*, 51 e 8, respectivamente com verbos de 2ª conjugação. Somente o verbo *agradecer* apresentou uso exclusivo no imperativo de *tu* com apenas 1 ocorrência. Quanto ao imperativo de *você*, houve maior diversidade de formas (9 verbos e 28 ocorrências – *dizer, fazer, crer, ler, querer, aparecer, comer, dispor* e *vender*). Observando a frequência de tipo, já podemos perceber que o imperativo de *você* passa a ocorrer com diferentes verbos, o que parece indicar que, nessa fase, a forma associada ao subjuntivo parece ser a escolha natural do escrevente. O item verbal mais usado foi *dizer* (10 dados) no imperativo de *você*, conforme exemplo em (46).

46) Avise-me logo que receber, leia e **diga**-me sinceramente, o que você acha. (Carta-22-09-1966)

No exemplo (46) há ocorrência da forma imperativa *diga* em uma carta com uso exclusivo de *você* como forma de tratamento. Ao contrário do que observamos na fase anterior que houve variação entre *diz/diga*, na fase (4) (1941-80) tal item verbal só ocorreu na forma subjuntiva, acompanhando o pronome utilizado ao longo da amostra que compõe esse período. Nessa fase, por isso, percebemos o uso majoritário de imperativo de *você* em relação a de *tu*, convergindo com o que tem se apontando sobre o aumento da frequência de formas relacionadas a *você* no PB.

Em síntese, as formas imperativas que ocorreram com verbos de segunda conjugação apresentaram um comportamento distinto ao longo das quatro fases. Alguns

itens verbais, por exemplo, o verbo *ser*, ocorrendo como *sê*, foram analisados como formas um tanto arcaizantes em relação ao português atual e interpretados aqui como ocorrências associadas ao perfil social do missivista. Nas três primeiras fases, predominaram as formas imperativas associadas a *tu* em termos no número de ocorrências o que contradiz uma das hipóteses iniciais de que os verbos de segunda conjugação seriam mais marcados favorecendo o imperativo mais marcado (de *você*). Somente na fase mais recente, o comportamento se alterou com maior uso do imperativo de *você* em termos de frequência de ocorrência. Quanto à frequência de tipos verbais que ocorreram em todas as fases (*receber, dizer, ver, escrever*), notamos uma variação de comportamento no que se refere à frequência seja como imperativo de *tu* seja como imperativo de *você*. No geral, as frequências desses itens variaram acompanhando a forma empregada pelo missivista na carta em cada fase: uso predominante de *tu*, uso de *você*, uso de *você/tu*. A análise combinada da conjugação verbal associada aos padrões de regularidade do verbo poderá esclarecer melhor o resultado observado, pois dentro do grande grupo formado por verbos de 2ª conjugação há formas verbais com maior ou menor paralelismo fônico como discutiremos na seção específica do grupo de fatores (regularidade verbal).

Vejamos na sequência a análise dos verbos de 3ª conjugação nas quatro fases.

4.3.2.3 - Frequência de tipo e de ocorrências nas 4 fases postuladas: resultados dos verbos de 3ª conjugação

3ª Conjugação											
Fase 1 (> <i>tu</i>)			Fase 2 (<i>tu~você</i>)			Fase 3 (> <i>tu</i>)			Fase 4 (> <i>você</i>)		
Ir	Ind.	3	Pedir	Ind.	7	Pedir	Ind.	4	Seguir (1 tipo)	Ind.	1
	Sub.	∅		Sub.	2		Sub.	∅		Sub.	∅
Pedir	Ind.	2	Ouvir (1 tipo)	Ind.	∅	Ir	Ind.	3	Ir	Ind.	∅
	Sub.	∅		Sub.	1		Sub.	∅		Sub.	6
Cingir, ouvir, prevenir (3 tipos)	Ind.	1	Total	Ind.	7	Consentir, ouvir, prevenir, vir (4 tipos)	Ind.	1	Decidir	Ind.	∅
		∅		Sub.	3		Sub.	∅		Sub.	2
Total	Ind.	7				Permitir (1 tipo)	Ind.	∅	Vir	Ind.	∅
	Sub.	∅					Sub.	1		Sub.	2
						Total	Ind.	8	Concluir, dirigir, dormir, pedir, sair (5 tipos)	Ind.	∅
					Sub.		1	Sub.		1	
									Total	Ind.	1
										Sub.	9

Tabela 12: Ocorrências e tipos de verbos de 3ª conjugação por fases

A tabela (12) apresenta os resultados das formas imperativas que ocorreram em verbos de terminação –ir, conjugação essa considerada mais marcada e que, por isso,

apresenta um número inferior de dados em relação à 1ª e 2ª. É importante salientar que, por conta desse caráter marcado dessa conjugação, alguns dos verbos que aparecem nesse período são muito incomuns e só ocorrem uma vez, como *cingir*, *prevenir*, *permitir*, *consentir* e *concluir*. O verbo *pedir* ocorreu em todas as fases, o que remete à ideia de que possa ser o único dessa conjugação relacionado ao gênero epistolar.

Na **fase 1 (1861- 1900)**, não houve nenhum dado de imperativo de *você* e a frequência de ocorrências (*token*) foi de 7 dados nos verbos de 3ª conjugação para o imperativo de *tu*. Foram identificados apenas 4 tipos de verbos (*ir*, *pedir*, *cingir*, *ouvir*, *prevenir*), os dois primeiros tiveram mais de duas ocorrências, enquanto os 3 últimos só ocorreram uma vez cada.

Dentre os exemplos que ilustram a ocorrência dos verbos dessa fase, podemos destacar alguns aspectos que reiteram o postulado de que em fins do século XIX *você* e *tu* não eram formas necessariamente variantes. No exemplo ilustrado em (31), de fato houve a presença explícita da forma *você*. Trata-se de um único caso em uma carta do vovô Ottoni a seu neto. Nas demais cartas, o que se percebe é que formas relacionadas a *você*, quando aparecem, estão escritas como *V*, que, dado a época e os escreventes, pode estar mais associada ao tratamento *Vossa Mercê*. Os exemplos (47) e (49) ilustram tal caso. Nessas cartas, o remetente usa praticamente formas do paradigma de *tu* (*pede* (*tu*), *teu*, *tua*, *te*) e eventualmente faz uma referência um tanto indireta (**sendo provável ...que V tenha recebido**) com o tratamento *V*. O exemplo (48) foi retirado de uma carta destinada a Rui Barbosa de um remetente que só fez uso de *tu* ao longo de todo o texto e que apresenta um discurso bastante rebuscado, por isso a presença do verbo *cingir*, no imperativo.

47) **Pede** a Deos meu Filho pela saúde de teu Pae | Reconheço q a ma existência é necessaria ao bem dos nossos. | Depois d'amanhã tua Ama e Tua Baroneza e Fama exultam a hospedar-se em nossas casa por uma semana | Desta vez como não foi remetida ou recém mandada por mim a caixinha de encomendas q | tua Mãe mandou pa forcejar a Rozinha tem havido demora sendo provavel q a esta ora já V tenha recebido. | Pelo teu Pae remetto os picos das tuas apólices – as quaes em breve serão augmentadas com 5 que a lembrança do bom filho nosso amo deixou-te carta 07-PF-16-07-1879) (carta mista)

48) Não te desvires, meu amigo, n'esse | teu inexperiente entrar do mundo: cultiva | as relações de poucos amigos, mas escrupulosamente | escolhidos entre os moços que te parecerem | mais graves, e estudiosos: - **cinge-te** | o mais que poderes aos teus

livros, que são amigos insuspeitos, verdadeiros e uteis. (CR, 02-04-1886) (carta só de tu)

49) Esta é para ser lida, quando tiveres algum lazer, ou hora vaga, nestas vespas de festas e de hospedagem. Sinto até por isso, desde que podia ajuda-los e os acompanhar nesses actos, o impossivel de estar com V agóra. | **Vae** a festa, aliás a vossa a ausencia póde ser motivo de reparo, quando todos reconhecem no meu filho o sucessor dos nobres donos da Santa Fé. (Carta 04-PF-11-08-1877)

50) Mas não deixo de escrever-te tambem, não so porque quero bem a ambos, mas para que voce tambem va adquirindo gosto por estas communicacoes, que servem de exercicio para vir a escrever bem. | **Sê** bom menino, **ouve** muito o que a tua maae te- disser, estuda bem nas horas do collegio, brinca | bastante no resto do dia, e não deixes de querer bem

O que se percebe na análise das formas imperativas que ocorrem com verbos de 3ª conjugação é bastante similar ao observado para as outras conjugações na fase (1) (1861- 1900). O fato de os missivistas desse período apresentarem uma uniformidade maior no tratamento e empregarem preferencialmente o tratamento *tu* no trato íntimo pode ter influenciado diretamente na ausência de formas imperativas subjuntivas. Por isso, embora as formas de terminação –ir, segundo hipóteses levantadas por Scherre (2001) e Alves (2009), favoreçam à ocorrência de imperativo subjuntivo, nessa fase o tratamento empregado pelos missivistas relacionado à forma *tu* determinou sobremaneira a presença do imperativo indicativo. Assim, o imperativo indicativo acabou por ser produtivo até mesmo com verbos de uma conjugação mais propícia ao imperativo subjuntivo. Esses resultados também reiteram uma das hipóteses desse trabalho sobre uma possível correlação entre o uso de variantes do imperativo e as formas empregadas na posição de sujeito: o falante/escrevente de *tu* usaria formas imperativas de *tu* (indicativo), enquanto falantes/escrevente de *você* usariam formas imperativos de *você* (subjuntivo).

Na **fase 2 (1901-20)**, começam a aparecer esparsamente os dados de imperativo subjuntivo com verbos de terceira conjugação: 7 dados de imperativo indicativo e 3 de imperativo subjuntivo. Observando a frequência de *type*, entretanto, nota-se que apenas o imperativo-subjuntivo (de *você*) apresentou formas exclusivas que ocorreram com o verbo *ouvir* –, enquanto o imperativo-indicativo (de *tu*) não apresentou nenhum registro de verbo distinto. O verbo *pedir* apresentou variação entre as variantes de imperativo com predomínio de formas indicativas (de *tu*), como apontam os exemplos a seguir:

51) **Pede** a Nosso Senhor Misericórdia. (Carta 25-PF-23-06-1909)

52) **Pede** fervorosamente a S. José, que intervenha junto do Altíssimo para que meus negócios se encaminhem (Carta 24-PF-26-01-1908)

53) **Peça** a seu Visitador em meu nome, pois já faz bem uns 14 annos que não nos vemos (São Paulo, 16 de fevereiro de 1919, Maria Bárbara Pedreira de Castro Abreu Magalhães)

Os exemplos (51) e (52) são do mesmo remetente, João Pedreira escreve à filha religiosa, empregando apenas *tu* como estratégia de tratamento. Como já visto anteriormente, esse remetente apresenta domínio da modalidade escrita e, por isso, suas cartas tendem a ser uniformes quanto ao tratamento usado. Além disso, o que se percebe é que *pedir* nesses exemplos, e em outros ao longo dos dados coletados, apresenta um uso similar em referências religiosas o que pode indicar uma tradição discursiva quanto a esse uso. Construções similares com *pedir* aparecem mais de cinco vezes considerando todas as fases.

O exemplo (53) foi retirado de uma carta de Maria Bárbara Pedreira, filha de João Pedreira e Zélia Pedreira, que apresentava somente formas relacionadas a *você*. O imperativo, nessa carta, destoando do que se encontrou no período, mas em conformidade com o tratamento empregado na missiva, é de imperativo de *você*.

O que se percebe nessa fase 2 (1901-20) é que a forma imperativa empregada está muito relacionada à forma de tratamento presente na carta. Também é importante frisar que a presença do verbo *pedir* no imperativo indicativo parece ter um uso cristalizado nas cartas desse período em certos missivistas.

Na **fase 3 (1921-40)** a frequência de ocorrência (*token*) e de tipo (*type*), como no primeiro período, são bastante equivalentes com predomínio do imperativo de *tu* com 8 ocorrências nos seguintes verbos exclusivos: *pedir*, *ir*, *consentir*, *ouvir*, *prevenir* e *vir*. Só houve um dado de imperativo de *você* com o verbo *permitir*. Os exemplos (54) e (55) ilustram as algumas ocorrências de imperativo em cartas com em que a forma de tratamento utilizada pelos missivistas é mista, ou seja, *tu* e *você*.

54) Ao chegar aqui, tia Bebinha, (**permita**-me chama-la assim) com o seu coração | boníssimo e carinhoso teve, | para comigo, aquele gesto tão | nobre em se interessar

tanto | pela minha causa que, já | antes cativado pela sua | bondade e qualidades primorosas | mais ainda me cativou. (PT-06-08-1939)

55) Com affectos abraça a irmã amiga e **pede** sua benção.

56) Deste que tão somente a ti pertence aceita mil abraços, e o dobro de beijos, para que possas ser eternamente feliz, o que te receito é o seguinte, **pede** a Deus que os anos passem depressa, e então teras a verdade casando-te com este teu apaixonado noivinho (Carta 26-JM-25-01-1937)

Em (54) temos o exemplo retirado da carta de Odecio a sua noiva Yeda em que ele faz o uso do imperativo subjuntivo do verbo *permitir*. Já nos exemplos (55) e (56) o uso que o escrevente faz dessa forma *pede* é similar as já encontradas em dados de fases anteriores, no qual se faz referência religiosa.

A **fase 3 (1921-40)**, na análise das outras duas conjugações, mostrava-se com uma aparente variação entre as formas imperativas indicativas e subjuntivas, com uso de itens verbais diferentes em ambas as formas. Aqui, no entanto, tal variação não se verificou com os verbos de terminação –ir, possivelmente em função do pequeno número de dados ou, talvez pelo fato de a terceira conjugação ser fortemente marcada e esporádica. Aparentemente os usos identificados dos verbos de 3ª conjugação estariam relacionados a formas mais cristalizadas e específicas do que fora observado nas outras conjugações, como foi o caso dos dados do verbo *pedir*.

A **fase 4 (1941-80)**, diferentemente dos períodos anteriores, apresentou uma inversão nas frequências de *types* e de *tokens*: 9 ocorrências de imperativo de *você* com a maioria dos verbos identificados (*ir, decidir, vir, concluir, dirigir, dormir, pedir e sair*) e apenas 1 dado de imperativo de *tu* com o verbo *seguir*. Esse período analisado é o momento em que o uso de imperativo de *você* é muito mais produtivo que o imperativo de *tu*, sendo usado em diferentes tipos de verbos. O imperativo indicativo, por outro lado, apresenta uma única ocorrência, citada em (57), numa carta destinada a um embaixador brasileiro, que pode até gerar interpretações duvidosas quanto ao seu caráter imperioso:

57) Meu Embaixador, pelos meus calculos, | você já leu a “xaropada”, como | diz Maria e já recebeu a lista das | “omissões”. **Segue** com esta nóva lista. | Não precisa lêr tudo novamente, só basta | lêr as folhas assinaladas. Rio – 2ª feira – 3 de Out. 66) (carta de você)

Os resultados observados com verbos na 3ª conjugação foram bastante equivalentes ao que foi discutido para a segunda conjugação. A hipótese de que a 2ª e a 3ª conjugações seriam mais marcadas favorecendo o imperativo de *você* não foi plenamente confirmada. Os usos identificados tanto em termos das frequências de tipos quanto de frequência de ocorrências das formas variantes parecem ter sido influenciadas, em alguns casos, pelo gênero epistolar e/ou pelo perfil bastante letrado de alguns de nossos missivistas que mantiveram forte uniformidade tratamental. Cabe ressaltar a presença de verbos que ocorreram em quase todas as fases, como é o caso do verbo *pedir* e o verbo *ir*. O primeiro deles ocorreu mais frequentemente com a forma *pede* (imperativo de *tu*) nas três primeiras fases. O segundo, verbo *ir*, apresentou variação ao longo do tempo: ora ocorria como *vai* (fases 1 e 3), ora como *vá* (fase 4). Também é preciso destacar a presença de verbos de 3ª conjugação pouco usuais e com valor específico, como é o caso de *cingir*, *prevenir*, *consentir*. Além desses, há outros que foram pouquíssimo frequentes (uma ocorrência em cada fase praticamente): *ouvir*, *permitir*, *concluir*, *dirigir*, *concluir*, *dormir*, *sair*.

Em síntese, como mencionado anteriormente, a análise da conjugação verbal nos deu alguns indícios, mas deve estar associada a outros aspectos relacionados aos paradigmas verbais já apontados por Scherre (2003). A autora, em seus estudos, correlaciona outros grupos que melhor esclarecem o problema da oposição entre formas verbais marcadas e não-marcadas. Incluem-se aí o tipo de oposição entre formas verbais, o paralelismo fônico e o número de sílabas do verbo na forma infinitiva. Embora nem todos esses grupos testados tenham sido selecionados, o padrão de regularidade verbal foi considerado relevante na rodada geral com nossos dados de cartas. Apresentaremos, na sequência, esses resultados para complementar e elucidar os resultados da conjugação verbal.

4.4. Regularidade verbal

4.4.1 – Resultado geral com todos os dados

O grupo regularidade verbal foi selecionado pelo programa como um fator relevante nas fases 1 (de 1861 a 1900), 3 (de 1921-40) e 4 (de 1941-80) e na rodada geral.

A hipótese que norteia esse grupo foi testada em alguns trabalhos – Cardoso (2009) e Scherre (2001; 1998) – e aponta que verbos que apresentam vogal imediatamente precedente à final [+ aberta] favorecem à ocorrência de imperativo indicativo, enquanto que se o contexto precedente tiver uma vogal [- aberta], o imperativo subjuntivo seria favorecido. Isso se explica em função da harmonização vocálica, ou seja, do paralelismo fônico na própria forma verbal que explica a manutenção de formas semelhantes em posições próximas. O paralelismo, em sentido mais amplo, discutido desde Scherre (1998, p. 11) pressupõe essa tendência do falante em buscar deixar seu discurso mais coeso e harmônico com o uso de itens gramaticais similares juntos. Tal fenômeno pode se dar no plano discursivo, como vimos, no plano mais gramatical e até fônico.

Para a questão do imperativo, a autora, com base em dados de fala, apresenta resultados que mostram que formas imperativas de 2SG com vogal do radical do verbo (precedente à *marca desinencial* de imperativo) [+ aberta] – *fala/fale*, *olha/olhe*, *espera/espere* – apresentam, respectivamente, pesos relativos acima de .600, favorecendo o imperativo indicativo, enquanto os verbos com vogal precedente [- aberta] – *manda/mande*, *tenta/tente*, *conta/conte*, *vira/vire*, *usa/use* –, desfavorecem a ocorrência dessa variante, com peso relativo abaixo de .500. Partindo dessas considerações sobre paralelismo, Scherre (2004, p. 248-249), com base em estudo de fala e escrita, acrescenta outros fatores nesse grupo dos padrões de regularidade dos verbos. Estariam nesse caso os verbos irregulares com oposição **menos marcada** entre as formas indicativas e subjuntivas do imperativo do tipo: *dá/dê*, *sai/saia*, *vai/vá*, *vem/venha*, *põe/ponha*. A tendência para a autora, nesses casos, seria do favorecimento do imperativo de *tu*. Por outro lado, nos verbos irregulares com oposição **mais marcada**, ou seja, maior diferença entre as formas variantes, como *faz/faça*, *diz/diga*, *sê/seja*, a tendência seria ocorrer preferencialmente o imperativo subjuntivo. Assim, quanto mais marcada fonicamente for a forma verbal, mais favorece a ocorrência de imperativo de *você*.

A hipótese desse grupo, portanto, versa sobre saliência fônica considerando os padrões de regularidade e as vogais anteriores às finais do item verbal. Podemos observar no quadro síntese a seguir o comportamento esperado para as formas verbais desse grupo, conforme os estudos de Scherre (200, p. 207):

Imperativo indicativo	Imperativo subjuntivo
(1) Paradigma regular menos marcado – 1ª. conjugação vogal precedente [+aberta] (<i>fala/fale; olha/olhe; espera/espere</i>)	(2) Paradigma regular menos marcado 1ª, 2ª e 3ª conjugação – vogal precedente [–aberta] (<i>manda/mande; conta/conte; tenta/tente; vira/vire; desculpa/desculpe</i>)
(3) Paradigma irregular Oposição menos marcada – (<i>dá/dê; vai/vá; sai/saia; vem/venha; põe/ponha</i>)	(4) Paradigma irregular Oposição mais marcada de 1ª, 2ª e 3ª conjugação – (<i>faz/faça; traz/traga; diz/diga; vê/veja; pede/peça; sê/seja</i>)
	(5) Oposição menos marcada - paradigma especial (<i>esquece/esqueça; corre/corra; segue/siga; sobe/suba</i>)

8 Quadro dos fatores que favorecem à ocorrência de imperativo indicativo e subjuntivo

O imperativo indicativo, assim, é favorecido nos grupos regulares e irregulares menos marcados e o imperativo subjuntivo, nos mais marcados e no grupo especial que abarca os verbos com abertura diferenciada da vogal anterior à final. Em (1), têm-se os verbos de regulares, cuja vogal precedente à final é a mais aberta – *fala/fale, olha/olhe*; em (2), os verbos regulares mais marcados – *manda/mande, conta/conte*; em (3), os verbos irregulares menos marcados, ou seja, os que não apresentam mudanças no radical do item verbal – *dá/dê; vai/vá; sai/saia*; em (4), os verbos regulares mais marcados que apresentam mudança no radical desse vocábulo – *faz/faça; traz/traga; diz/diga*; e (5) abrange os verbos que apresentam mudança na abertura da vogal anteposta à final – *esquece/esqueça, corre/corra*.

A partir desses trabalhos que já trataram sobre a saliência fônica e regularidade verbal, a tabela a seguir ilustra os resultados gerais obtidos controlando esses aspectos nas missivas analisadas.

Grupo	N/T	Frequência	PR
Regularidade do verbo / saliência fônica			
(1) Paradigma regular menos marcado vogal precedente [+aberta] – (fala/fale; olha/olhe)	37/102	36,3%	0.443
(2) Paradigma regular menos marcado vogal precedente [– aberta] – (manda/mande; conta/conte)	205/382	53,7%	0.629
(3) Paradigma irregular Oposição menos marcada – (dá/dê; vai/vá; sai/saia)	40/71	56,3%	0.555
(4) Paradigma irregular Oposição mais marcada – (faz/faça; traz/traga; diz/diga)	61/126	48,4%	0.365
(5) Oposição menos marcada - paradigma especial (esqueça; corra; corre; siga; sobe; suba, durma/dorme,)	41/106	38,7%	0.237

Tabela 13 Regularidade verbal/saliência fônica: rodada geral (valor de aplicação *você*)

Os resultados obtidos não confirmaram por inteiro a hipótese de que verbos mais marcados favoreçam o imperativo de *você*, visto que as maiores frequências e pesos relativos de dessa forma foram justamente nos subgrupos (2) e (3): 53,7%/0.629 e 56%/0.555. Além disso, o imperativo subjuntivo não foi favorecido nas formas mais marcadas de verbos irregulares, apresentando, assim, peso relativo de 0.365. A hipótese desse grupo se confirmou, no entanto, quando observamos o paradigma regular menos marcado e o especial, pois esses apresentaram pesos relativos de 0.443 e 0.237, desfavorecendo, assim, a ocorrência de imperativo de *você*.

Nessa rodada geral percebemos que não é possível estabelecer como se deu de fato o comportamento das variantes analisadas ao longo de todo o período de que vai de meados do século XIX a XX. Em função disso, fez-se necessário observar a distribuição das formas imperativas considerando as fases.

4.4.2 – Resultado por fase postulada

A tabela a seguir mostra o comportamento do imperativo de *tu* e *você* nas diferentes fases, destacando o número de dados em relação ao número total, a frequência de ocorrência e o peso relativo nos períodos em que o grupo foi selecionado. Abaixo da tabela há uma legenda para fins de leitura de como o grupo foi analisado.

Grupo ⁴ Regularidade do verbo	Fase 1 > <i>tu</i>	Fase 2 <i>tu</i> ~ <i>você</i>	Fase 3 > <i>tu</i>	Fase 4 > <i>você</i>
(1)	7/20 – 35% 0.678	9/13 – 69,2%	1/44 – 2,3% 0.266	20/25 – 80% 0.219
(2)	29/75 – 38,7% 0.691	41/76 – 53,9%	37/122 – 30,3% 0.812	98/109 – 89,9% 0.318
(3)	2/18 – 11,1% 0.117	5/7 – 71,4%	1/13 – 7,7% 0.326	23/24 – 95,8% 0.993
(4)	6/21 – 28,6% 0.182	19/42 – 45,2%	9/33 – 27,3% 0.438	27/30 – 90% 0.857
(5)	8/15 – 53,3% 0.378	14/33 – 42,4%	3/37 – 8,1% 0.042	16/21 – 76,2% 0.065

Tabela 14 Rodada parcial: grupo regularidade do verbo (valor de aplicação *você*)

A hipótese levantada para esse grupo, em consonância com o que já visto em Scherre (2004), foi confirmada na maior parte dos dados referentes a esse grupo, pois a ocorrência de imperativo de *você* foi favorecida pela presença de verbos regulares mais marcados (vogal [-aberta]) – padrão 2. Dessa forma, com relação ao grupo mais marcado do paradigma regular, temos o favorecimento do imperativo de *você* nas fases (1) e (3),

⁴ (1) Paradigma regular menos marcado – vogal precedente [+aberta] (fala/fale; olha/olhe; espera/espere)
 (2) Paradigma regular menos marcado - vogal precedente [-aberta] (manda/mande; conta/conte; tenta/tente; vira/vire; desculpa/desculpe)
 (3) Paradigma irregular Oposição menos marcada – (dá/dê; vai/vá; sai/saia; vem/venha; põe/ponha)
 (4) Paradigma irregular Oposição mais marcada – (faz/faça; traz/traga; diz/diga; vê/veja; pede/peça; sê/seja)
 (5) Oposição menos marcada - paradigma especial (esquece/esqueça; corre/corra; segue/siga; sobe/suba).

com pesos relativos de .691 e .812, respectivamente. Observando os dados referentes ao paradigma regular com a vogal [-aberta] ou [+aberta] (padrão 1), houve desfavorecimento do imperativo subjuntivo nesses verbos, com pesos relativos de .266 e .219, como esperado.

Na fase (2), momento em que os dados de imperativo mostraram variação e equilíbrio quanto ao número de ocorrências, a forma imperativa de *você* foi mais frequente nos três primeiros padrões: 1 com 69,2%, 2 com 53,9% e 3 com 71,4%. Na fase (4), o paradigma irregular mais marcado (padrões 3 e 4) apresentaram maior favorecimento ao imperativo de *você*, com 0.993 e .857, respectivamente. Vale ressaltar, no entanto, que todas as frequências nesse período são altas e os fatores com baixo peso relativo apresentam a maior produtividade de dados, com 98/109 e 89,9%, apontando, assim, para uma relação entre o a escolha de imperativo subjuntivo por parte do missivista em itens verbais regulares com vogal precedente à final [-aberta]

Apesar de os dados refletirem, no geral, o que era esperado para esse grupo, percebemos que houve alguns valores que destoaram do que havia sido postulado, visto que na fase (1) o imperativo de *você* foi favorecido no paradigma regular com a vogal mais aberta (.678) e na fase (2) apresentou uma frequência maior dessa forma. Além disso nas fases (2) e (4), os verbos irregulares menos marcados, conforme a hipótese levantada inicialmente, deveriam favorecer o imperativo de *tu*, mas como consta nos nossos resultados da tabela, favoreceram o imperativo de *você*, com frequência de 71,4% (fase 2) e peso relativo de .993 (fase 4), respectivamente. Em razão dessas divergências, das peculiaridades de nossa amostra de escrita de sincronias passadas e do comportamento diferenciado dos missivistas ao longo das quatro fases, partimos para uma análise qualitativa dos dados destacando todos os itens verbais das missivas a partir desse grupo, a fim de verificar se uma análise pormenorizada dos tipos de verbos e dos tipos de ocorrência poderá elucidar a questão, trazendo evidências mais substanciais para a descrição do imperativo nessas cartas.

4.4.2.1 - Frequência de tipo e de ocorrências nas 4 fases postuladas: resultados do padrão 1 (paradigma regular menos marcado)

As frequências de ocorrência (*token*) e de tipo (*type*) nas fases, como já visto, apresentam números diferentes. Nas fases (1) – de 1861 a 1900 e (3) – de 1921-40, o

imperativo de *tu* era a forma mais frequente, na fase (4) – de 1941-80, o imperativo de *você* foi o mais produtivo e na fase (2) – de 1901-20 a distribuição dessas variantes ocorreu com números equilibrados. Observando a questão da distribuição das unidades verbais nas fases, conforme o padrão de regularidade, temos no período (1):

Padrão 1: paradigma regular menos marcado: fase 1 (de 1861 a 1900)

– 21 *tokens* / 6 *types*

- a) Imperativo indicativo – *abraça* (9); *trata* (2); *consola* (1), *trabalha* (1)
- b) Imperativo subjuntivo – *abraçe* (4); *espere* (1), *repare* (1), *trate* (1)

Na **fase 1 (1861- 1900)**, tivemos no paradigma regular com vogal precedente à final [+ aberta] um total de 21 ocorrências (*tokens*) e 6 tipos de verbos (*type*) Nesse caso, houve a plena confirmação da hipótese, uma vez que predominaram para o padrão regular 1, formas imperativas de *tu* em termos de frequência de ocorrências: 14 dados para o imperativo de *tu* e 6 de imperativo de *você*. Quanto ao tipo, houve um relativo equilíbrio: 04 para imperativo de *tu* e 3 para imperativo de *você*. Dentre a frequência de tipo, dois verbos distintos aparecem tanto no imperativo de *tu* quanto de *você*: *abraçar* e *tratar*.

Nessa fase 1 (1861- 1900), em que o *tu* era a forma pronominal de 2SG informal predominante no sistema brasileiro, podemos perceber o reflexo desse sistema de tratamento também no imperativo, tendo, por isso, poucos dados de *você*. As ocorrências de *abraçar* na forma imperativa subjuntiva foram verificadas nas cartas da família Pedreira em que só era empregada *tu* na posição de sujeito e em carta para Rui Barbosa em que o pronome de 2SG utilizado se alternava, como podemos observar no exemplo a seguir.

58) Recebi tua carta de 26 de janeiro; | não posso compreender-te, | que necessidade | tens de viver tão triste e preocupado | com os negócios | desta terra [...] Você e a Senhora em | pouco tempo se arrependerá [...] Como passam todos os seus filhos, beijem | e **abraçe**-os por mim e Cecília que tam- | bem lhe envia abraços e ao Conselheiro a quem | peço para abraçar-o, e aceite boa amiga | muitos beijos e saudosos abraços | Da amiga sincera | Annicota. (Carta 14 – 05-03-1895)

No exemplo (58), Annicota, amiga de Rui Barbosa, envia uma missiva para ele em que o tratamento empregado em todas as posições sintáticas se alterna entre as formas *tu* e *você*. O verbo *abraçar* que aparece nessa carta parece acompanhar as formas

imperativas do fragmento, que são todas relacionadas a *você*: *beije* e *aceite*. Isso pode indicar que na verdade se trata de um paralelismo discursivo em que a missivista utilizou formas imperativas todas associadas ao subjuntivo – *beije* e *aceite* –, deixando, assim, o texto mais uniforme.

Padrão 1: paradigma regular menos marcado: fase 2 (de 1901-20)

– 13 tokens / 7 types

a) Imperativo indicativo – *conserva* (2); *mostra* (2)

b) Imperativo subjuntivo – *reze* (4); *abraçe* (2) *console* (1), *trate* (1), *volte* (1)

Na **fase 2 (de 1901-20)**, período da variação das formas imperativas, temos um número total de 13 dados, sendo 7 tipos diferentes de verbos, 2 de imperativo de *tu* e 5 de *você*. Entre essa frequência de *type*, todos os itens verbais são distintos nas variantes analisadas: *conservar*, *mostrar*, *rezar*, *abraçar*, *consolar*, *tratar* e *voltar*. Os dados desse período apontam para um peso relativo alto desse grupo – verbos menos marcados e com vogal [+ aberta] – em relação ao imperativo de *você*, o que contraria a hipótese inicial. A forma subjuntiva que mais aparece é a do verbo *rezar* e todas as ocorrências estão nas cartas de membros da família Pedreira, como ilustra o exemplo (59).

59) Depois o 3o, os quatro de theologia, o 3o anno de provação, e eis-me em 1928 voltando ao Brasil, depois de terminada esta longa formação... mas para isso eu preciso de suas orações, **reze** muito e muito pelos meus estudos. (França, 27 de dezembro de 1920, Fernando Pedreira de Castro Abreu Magalhães)

As ocorrências dessa forma imperativa de *você*, *reze*, ocorre duas vezes nesse mesmo tipo de construção conforme o exemplo anterior. Trata-se de uma carta em que o missivista utiliza somente a forma *você* na posição de sujeito e todos os imperativos são também relacionados a esse pronome. Possivelmente a forma de tratamento empregada pelo escrevente na carta e a própria construção aparentemente engessada parecem estar influenciando no fato de *reze* aparecer 4 vezes, aumentando a frequência de imperativo de *você* em verbos menos marcados e com vogal precedente à final mais aberta.

Padrão 1: paradigma regular menos marcado: fase 3 (de 1921-40)

– 44 *tokens* / 12 *types*

a) Imperativo indicativo – *rasga* (10); *espera* (9); *fala* (7); *abraça*, *guarda* (4); *prepara*, *reza* (2); *entrega*, *observa*, *informa*, *prestar*, *trata* (1)

b) Imperativo subjuntivo – *rasgue* (1)

No terceiro período, que corresponde à **fase 3 (de 1921-40)**, temos 44 *tokens* e 13 *types* – 43 ocorrências e 12 tipos de formas associadas ao indicativo –, tendo apenas um verbo que ocorre em ambos os imperativos: *rasgar*. Desses verbos distintos, 11 ocorrem apenas no imperativo indicativo: *rasgar*, *esperar*, *falar*, *abraçar*, *guardar*, *preparar*, *rezar*, *entregar*, *observar*, *informar*, *prestar* e *tratar*. Os valores dessa fase confirmam à nossa hipótese, visto que o imperativo de *você* apresentou baixa produtividade ocorrendo em apenas um dado da missivista do Rio de Janeiro, Maria Ribeiro da Costa. Essa escrevente, missivista que não parecia ter muito contato com a modalidade escrita como os outros do *corpus*, escrevia cartas que apresentavam forte influência do português popular da época. A missivista usava *você* e *tu* como formas efetivamente variantes com predomínio da primeira estratégia em relação à segunda.

Padrão 1: paradigma regular menos marcado: fase 4 (de 1941-80)

– 25 *tokens* / 11 *types*

a) Imperativo indicativo – *abraça* (4); *olha* (1)

b) Imperativo subjuntivo – *leve* (5); *reze* (3), *trate* (3); *abraçe*, *coloque*, *entregue*, *gaste*, *guarde*, *largue*, *olhe*, *pegue*, *releve* (1)

Na **fase 4 (de 1941-80)**, as frequências de *tokens* e de *type* favoreceram amplamente à forma de imperativo de *você*, com 25 e 11, respectivamente. As frequências de imperativo indicativo foram de 5 de ocorrências e 1 de tipo, não tendo, no entanto, apresentado nenhum item verbal exclusivo dessa variante. Já o imperativo de *você* apresentou 20 ocorrências e 10 unidades verbais distintas que só ocorrem nessa forma: *levar*, *rezar*, *tratar*, *colocar*, *entregar*, *gastar*, *guardar*, *largar*, *pegar* e

relevar. Nessa fase o imperativo subjuntivo foi muito mais frequente que o indicativo, apresentando ampla frequência em todos os aspectos do grupo regularidade do verbo. Apesar disso, como visto, a forma relacionada a *você* não foi favorecida nesse grupo, na análise multivariada que mensura o peso de cada fator do grupo em questão:

60) **Pegue** sua certidão de nascimento e leve-a ao tradutor juramentado O. A. Fialho (Av. Alm. Barros 90 9º andar). Chegando lá com a certidão, diga que quer a certidão traduzida para o Inglês para ser usada aqui oficialmente. (C-28-07-1970)

A trecho anterior foi retirado da carta de 1970 de um remetente que só utilizava formas de *você* na posição de sujeito. As formas imperativas acompanham o tratamento empregado na carta e ocorrem como o verbo *largar*. Esse verbo, em todas as ocasiões em que aparece nessa fase, aliás, ocorreu em cartas de missivistas que só utilizavam *você* na posição de sujeito. Ainda assim, essa fase, no que diz respeito aos verbos menos marcados, está de acordo com o que proposto inicialmente às formas imperativas nas hipóteses de Scherre. Interessante destacar o caso dos verbos do campo semântico da percepção física (*olhar*) que “servem para marcar as relações entre os participantes na comunicação”, funcionando, segundo Zorraquino e Lázaro (1999, p. 4187), como *enfocadores de alteridade*. Verbos dessa natureza, por serem muito produtivos na língua, acabam se cristalizando como operadores discursivos, pois se *dessemantizam*, deixando de indicar percepção física e passando a funcionar como sinalizadores de certas atitudes do falante em relação ao ouvinte⁵. Está, nesse caso, o verbo *olhar*, recorrente muitas vezes como um mero marcador conversacional.

61) **Olha**, não vá nos enganar outra vez (21 de setembro de 1952)

62) **Abraça** a Elza e beija a Angela Maria por mim? | Adeus!

Em síntese, observamos que para o padrão regular (1) com vogal precedente [+aberta], a hipótese foi confirmada em todas as fases praticamente, pois o imperativo de *tu* foi favorecido e o subjuntivo, desfavorecido. As interferências nos resultados que levaram supostamente ao uso do imperativo de *você* estão associadas a dois fatores. O primeiro deles diz respeito, como vimos, ao sistema de tratamento empregado pelo

⁵ Não é o objetivo dessa tese enveredar por essa discussão. Para maiores detalhes, consultar, entre outros, Zorraquino e Lázaro (1999). Marcadores conversacionales. IN: Demonte, Violeta, and Ignacio Bosque. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Espasa Calpe, 1999.

remetente. Se o remetente emprega mais formas do paradigma de *você*, o imperativo-subjuntivo pode ser levemente favorecido (vide fases 2 e 4). O outro fator refere-se à influência do tipo de frequência. No geral, os resultados foram determinados pela frequência de ocorrências, mas, na fase 2, o imperativo de *você* foi favorecido principalmente pela alta incidência da forma *reze* presente na carta de uma família de religiosos. Assim, atuou também a questão da tradição discursiva religiosa em nossa amostra de cartas. Por fim, destaca-se a presença do verbo *abraçar* nas quatro fases mais produtivo como imperativo de *tu*. Embora não possamos tirar conclusões precipitadas, foi possível perceber que certos itens verbais, por serem muito produtivos na fala e/ou na escrita, se introduziram na variedade do Rio de Janeiro com a forma de imperativo menos marcada (imperativo de *tu*). O verbo *olhar* também estaria na mesma situação, mas os dados não foram suficientes para confirmar essa hipótese em nossa amostra de cartas.

4.4.2.2 - Frequência de tipo e de ocorrências nas 4 fases postuladas: resultados do padrão 2 (paradigma regular menos marcado [-aberta])

Padrão 2: paradigma regular menos marcado [-aberta]: fase 1 (1861- 1900)

– 75 tokens / 28 types

a) Imperativo indicativo – *aceitar* (9); *beijar* (8); *continuar* (5); *abençoar* (4); *apresentar*, *fortificar*, *mandar*, *perguntar* (2); *arrumar*, *brincar*, *contar*, *cumprimentar*, *desculpar*, *desfrutar*, *estudar*, *resignar*, *tomar*, *cingir*, *prevenir* (1)

b) Imperativo subjuntivo – *aceitar* (7); *mandar* (5); *beijar*, *lembrar*, *tomar* (2); *calcular*, *comunicar*, *confiar*, *consultar*, *contar*, *continuar*, *deixar*, *esperar*, *estudar*, *procurar*, *recomendar* (1)

Com relação aos verbos regulares menos marcados, a **fase 1 (1861- 1900)** apresentou 75 ocorrências para 28 tipos de verbos. Desse total, houve maior número de ocorrências para o imperativo de *tu* (46 dados contra 29), enquanto a frequência de tipo foi maior para o imperativo de *você* (19 types de imperativo subjuntivo e 16 de imperativo indicativo). Se forem observados os verbos distintos que ocorrem apenas como uma das variantes, o imperativo de *tu* se mostrou mais produtivo: tivemos 12 verbos distintos que ocorreram somente nessa variante – *abençoar*, *apresentar*, *fortificar*, *perguntar*, *arrumar*, *brincar*, *cumprimentar*, *desculpar*, *desfrutar*, *resignar*, *cingir*, *prevenir*. Para o imperativo de *você* foram apenas 9 formais verbais: *lembrar*, *calcular*, *comunicar*, *confiar*, *consultar*, *deixar*, *esperar*, *procurar*, *recomendar*. Nos dois casos, os diferentes

tipos de verbos tinham uma frequência bastante baixa (1 ocorrência cada) e poderiam ser considerados verbos produtivos em discursos mais monitorados (*fortificar, cingir, prevenir, desfrutar*, etc).

- Padrão 2: paradigma regular menos marcado [-aberta]: fase 2 (1901-20)

– 76 tokens / 25 types

a) Imperativo indicativo – *mandar* (8); *aceitar*, *contar* (5); *continuar* (3), *avisar*, *conservar*, *cumprimentar* (2); *enviar*, *tomar*, *amar*, *aproveitar*, *assegurar*, *lembrar*, *mostrar*, *procurar* (1)

b) Imperativo subjuntivo – *mandar* (12), *aceitar* (18), *recomende* (4), *enviar*, *tomar*, *comprar*, *comunicar*, *confirmar*, *desculpar*, *imaginar* (1)

A **fase 2 (1901-20)** apresenta um total de 76 ocorrências e 25 tipos de verbos distintos, sendo, respectivamente, 35 e 15 para o imperativo indicativo e 41 e 10 para o imperativo subjuntivo. Entre essas unidades verbais distintas, 11 tipos de verbos ocorrem apenas no imperativo de *tu* – *contar*, *continuar*, *avisar*, *conservar*, *cumprimentar*, *amar*, *aproveitar*, *assegurar*, *lembrar*, *mostrar* e *procurar* – e 6 de imperativo de *você* – *recomendar*, *comprar*, *comunicar*, *confirmar*, *desculpar* e *imaginar*.

Nesse período, os verbos no imperativo de *você* foram ligeiramente mais produtivos, como previsto na hipótese. Isso se verificou, sobretudo, por causa dos verbos como *mandar* e *aceitar* que foram mais frequentes no subjuntivo. O verbo *aceitar*, aliás, em todas as ocorrências na amostra consiste em uma construção fixa usada na despedida da carta como saudação final. Nos exemplos dessa fase, tanto *mandar* quanto *aceitar* no imperativo subjuntivo ocorrem em missivas em que o sujeito ou é de *você* ou é uma alternância dessa forma com *tu*, como se verifica na carta a seguir.

63) Recebi sua carta de ontem. Sentimos mto que voce não viesse. Envio a amostra da fita para voçe me comprar as 4 peças. Se for possivel me mande até quarta feira pois preceso muito. Esta vou pedir ao Guimba para dar ao Paes Leme. Por cá nada ha de novo , vòvó continua na mesma; seu pai estes dous dias tem passado | melho , mas está ainda visivelmente abatida. O Dudy esteve tres dias com febre, mto constipado, felizmente tinhamos uma receita que Paulo deu para o Tito não foi preciso chamal-o. | Aqui ja temos tido uns dia de calor e para variar um pouco de trovoada me **mande** até quarta feira pois preceso muito. Vê se sobes no sabbado. Sem mais **aceite** saudades de todos e um beijo da mai amiga. (Carta 07-AA-11-07-1911)

A missivista Helena Land Avelar, esposa de Alarico Land Avelar, autora dessa carta, utiliza sempre formas alternadas de *você* e *tu* na posição de sujeito em todas as cartas, chegando a ter algumas apenas com aquele pronome. Nesse fragmento percebemos essas formas se alternando bem como o uso engessado de *aceite* ao final da carta.

- Padrão 2: paradigma regular menos marcado [-aberta]: fase 3 (1921-40)

– 122 tokens / 21 types

a) Imperativo indicativo – *mandar* (37); *aceitar* (20); *recomendar* (8); *beijar* (5); *enviar*, *telefonar* (2); *contar*, *continuar*, *imaginar*, *lembrar*, *perdoar*, *perguntar*, *procurar*, *queimar*, *esconder*, *prevenir* (1)

b) Imperativo subjuntivo – *aceitar* (18); *mandar* (12); *abençoar*, *comprar*, *desculpar*, *enviar*, *ficar*, *responder*, *permitir* (1)

A **fase 3 (1921-40)** apresenta um total de 122 ocorrências com 21 tipos de verbos. Entre esses vocábulos, temos no imperativo indicativo 12 tipos de verbos distintos que só ocorrem nessa forma e 6, no subjuntivo. Diferentemente do que se viu, por exemplo, na fase 1 com verbos típicos de um discurso monitorado, nessa fase 3, os verbos que aparecem como imperativo de *tu* são mais usuais no discurso menos monitorado, como *beijar*, *continuar*, *lembrar*, *perguntar*, *procurar*, *queimar*, *esconder*. Nesse terceiro período houve amplo favorecimento à ocorrência de imperativo de *você*, conforme postulado na hipótese. O que chama a atenção nesses números, no entanto, é a forma *aceitar*, que a princípio parecia uma forma fixa do imperativo subjuntivo ocorrer também associada ao indicativo. Talvez a motivação para essa mudança no uso de um verbo tão marcado nos períodos anteriores como uma construção formulaica esteja relacionado à alternância entre as formas de tratamento empregadas nesse período, comportamento esse comum aos missivistas da amostra dessa fase. Além disso, todas as ocorrências de *aceitar* no imperativo de *tu* são de cartas trocadas por um casal de noivos, no final da década de 1930, Jayme e Maria, conforme o exemplo (64).

64) Recomendações para todos os teus, beija a Hilda por mim, e para voce minha querida, deste teu querido noivinho **aceita** tantos beijos quantas foram os pingos de chuva que caíram domingo ahi. (Carta 02-JM-22-09-1936)

- Padrão 2: paradigma regular menos marcado [-aberta]: fase 4 (1941-80)

– 109 tokens / 28 types

a) Imperativo indicativo – *beijar* (5); *lembrar* (4); *abençoar*, *desculpar* (1)

b) Imperativo subjuntivo – *virar* (26); *aceitar* (18); *abençoar* (10); *mandar* (8); *avisar*, *enviar*, *pensar* (5); *deixar* (3); *continuar*, *ficar*, *imaginar*, *passear*, *alimentar*, *andar*, *apanhar*, *assinar*, *chamar*, *comprar*, *cuidar*, *desculpar*, *focalizar*, *procurar*, *telefonar*, *recomendar*, *decidir*, *concluir* (1)

A f **fase 4 (1941-80)**, por fim, que tem o imperativo de *você* como a forma mais produtiva, apresenta 109 ocorrências com 28 tipos de verbos no total. Considerando os itens verbais distintos que ocorrem apenas em uma forma, temos 2 tipos no imperativo indicativo apenas – *beijar*, *lembrar* – e 24 no subjuntivo – *virar*, *aceitar*, *mandar*, *avisar*, *enviar*, *pensar*, *deixar*, *continuar*, *ficar*, *imaginar*, *passear*, *alimentar*, *andar*, *apanhar*, *assinar*, *chamar*, *comprar*, *cuidar*, *focalizar*, *procurar*, *telefonar*, *recomendar*, *decidir*, *concluir*. O imperativo de *você* foi majoritário nos dois tipos de frequência nessa fase (4).

Além de o verbo *virar* ser muito produtivo nessa fase, *aceitar* também aparece com alta frequência. Como já comentado, todas as ocorrências de *virar* foram exatamente a mesma: o missivista utilizava a forma isolada para guiar o destinatário da carta à página seguinte, como mostra o exemplo (65):

65) [...] sempre qdo escrevia para a Ang daí colocava 1 selo de 12,50, você coloca 3, creio podes escrever em folha mais leve, afinal **vire** | o dinheiro é fácil, mas os telegrafos são ricos e gaste em coisa melhor, vá ao Banco Itaú no 2º andar na esquina da Siq. Campos com Na. Sa. de Cop. e coloque 100,00 para Jan do Rex Hambar. (Carta 22-01-1980)

Tais usos fixos dessas formas verbais podem ter inflacionado a frequência de imperativo de *você* em relação a *tu*. Por outro lado, é nessa época na amostra que temos uma maior quantidade de cartas que utilizam somente a forma de *você* na posição de sujeito, o que poderia estar influenciando no uso do imperativo de *você*.

Em síntese, com relação aos verbos do padrão 2, ou seja, os de 2ª e 3ª conjugações com vogal precedente [- aberta], nas fases (1) e (3), o imperativo de *você* é favorecido confirmando a nossa hipótese. Na fase (4) o imperativo de *você*, que é bastante produtivo ao longo de todo esse período, apresenta alta frequência, sobretudo com formas fixas que assumem o mesmo comportamento sempre, tal como *vire* e *aceite*.

A fase (2), período de ocorrências equilibradas das formas variantes, apresenta construções formulaicas com os verbos *mandar* e *aceitar* no imperativo subjuntivo em cartas mistas ou de *você* na posição de sujeito.

Enquanto na fase (1) os verbos mais monitorados ocorrem no imperativo de *tu* (*fortificar, cingir, prevenir, desfrutar*), na (3), são os menos monitorados e mais comuns que apresentam essa forma associada ao indicativo. Nesse terceiro período também percebemos um comportamento distinto em relação à fase (2) com relação às estruturas cristalizadas que passam a apresentar formas associadas ao indicativo.

A fase (4), ao contrário da (1), apresenta alta produtividade de imperativo de *você* verificada em construções fixas com os verbos *aceitar* e *virar*.

4.4.2.3 - Frequência de tipo e de ocorrências nas 4 fases postuladas: resultados do padrão 3 (paradigma irregular com oposição menos marcada)

- Padrão 3: paradigma irregular com oposição menos marcada: fase 1 (1861- 1900)

– 18 *tokens* / 4 *types*

a) Imperativo indicativo – *dar* (11); *ir* (3); *vir* (1)

b) Imperativo subjuntivo – *crer* (2)

O padrão de paradigma irregular menos marcado abrange os verbos que não apresentam mudanças muito significativas no radical do item verbal. **Na fase 1 (1861-1900)**, podemos observar que o número total de ocorrências de imperativo equivale a 18, apresentando 4 tipos de verbos, sendo 3 do imperativo de *tu* – *dar, ir, vir* – e 1 de *você* – *crer*.

Os verbos irregulares menos marcados tendem a desfavorecer a ocorrência de imperativo de *você* e foi exatamente isso que se verificou nos dados da nossa amostra. Só há, assim, dois exemplos de imperativo subjuntivo que ocorrem exatamente com o mesmo verbo e no mesmo tipo de construção, sugerindo que se trate de uma tradição discursiva, logo não seria um fragmento tão passível de alternâncias entre as variantes analisadas:

66) **Creia**-me muito sinceramente convencido do que pratiquei. [...] **Creia**-me com todos os meos velhos sentimentos de confraternidade liberal, amizade e admiração, sempre seu, meu caro amigo, Joaquim Nabuco

As duas ocorrências são da carta de um mesmo remetente, Joaquim Nabuco, que escreve a Rui Barbosa. As formas tratamentais empregadas por esse missivista na posição de sujeito alternam-se entre *tu* e *você*, portanto, já não é um remetente cujas cartas apresentem uniformidade nas formas. Embora o imperativo apresente esse dado de *creia*, não parece ser exatamente um caso de alternância, visto que só ocorre na carta de um mesmo indivíduo e ambas as construções são similares, seguidas, inclusive, do pronome oblíquo *me*.

- Padrão 3: paradigma irregular com oposição menos marcada: fase 2 (1901-20)

– 7 tokens / 4 types

- a) Imperativo indicativo – *dar* (1); *ter* (1)
- b) Imperativo subjuntivo – *ler* (2); *crer*, *dar*, *ter* (1)

Na **fase 2 (1901-20)**, temos um total 7 ocorrências com 4 tipos de verbos distintos. Dois desses itens verbais ocorrem somente no imperativo subjuntivo – *ler*, *crer*. Há poucos dados referentes a esse período não tendo, nenhum deles, apresentado uma relevante diferença no número de ocorrências em relação aos demais itens verbais. Vale destacar, no entanto, que a maioria das ocorrências foram no imperativo subjuntivo, o que contraria a nossa hipótese inicial de que verbos irregulares menos marcados favoreceriam à presença de imperativo de *tu*.

67) Leonor me escreveu tão resignada! Si ella não teve nada foi uma graça enorme. Pela carta 70 parece que está bem. **Leia**-a e depois m 'a envie. Si eu pudesse fazer alguma cousa por aquella pobre irmã! (18 de outubro de 1919- Maria Elisa Pedreira de Castro)

O exemplo (67) foi retirado de uma carta de Maria Elisa, da família Pedreira, em que a missivista utiliza apenas forma de *você* na posição de sujeito. Todas as formas imperativas que ocorrem nessa carta dela aparecem no subjuntivo e as ocorrências com o verbo *ler* nessa fase são dessa missivista, o que pode ter influenciado na suposta não confirmação da hipótese.

- Padrão 3: paradigma irregular com oposição menos marcada: fase 3 (1921-40)

– 13 *tokens* / 6 *types*

a) Imperativo indicativo – *ir, ler (4); dar (2); vir, pôr (1)*

b) Imperativo subjuntivo – *crer (1)*

O **período 3 (1921-40)** apresenta um total de 13 dados em 6 tipos de verbos. Dentre esses itens verbais distintos, apenas um ocorre somente no imperativo de *você* – *crer* – e 5 no de *tu* – *ir, ler, dar, vir, pôr*. Apesar de não haver muitos dados nesse período, pegando o exemplo de ocorrência de *crer* no imperativo subjuntivo, percebemos que se trata de uma construção similar a já vista anteriormente: *creia-me*.

68) Será possível que dei | para desconfianças! Si os dei foram | involuntarios e, **creia-me**, | o meu amôr por ti foi sempre | o mesmo cada vez cresce mais e (PT- 23-08-1939 – 2)

A carta foi retirada da amostra de um casal de noivos na qual Odécio escreve para Yedda utilizando-se de formas pronominais *tu* e *você* na posição de sujeito. A construção com o verbo *crer*, no entanto, não parece ser um caso de variação, visto que aparenta ser uma tradição discursiva comum em carta, conforme visto em períodos anteriores com exemplos parecidos com esse. Em função disso, pode-se confirmar a hipótese inicial.

- Padrão 3: paradigma irregular com oposição menos marcada: fase 4 (1941-80)

– 24 *tokens* / 8 *types*

a) Imperativo indicativo – *dar (1)*

b) Imperativo subjuntivo – *dar (7); ir (6); ler, querer, crer, vir (2), sair, dispor (1)*

A **fase 4 (1941-80)**, com relação aos itens verbais, apresentou 24 ocorrências (*token*) para 8 tipos verbais, a maioria deles (7 casos) presentes apenas no imperativo subjuntivo – *ir, ler, querer, vir, sair, dispor*. Contrariando nossa hipótese, nesse fator o imperativo de *você* mostrou-se mais produtivo do que de *tu*. Talvez uma das razões seja porque nesse período tal forma verbal, *você*, era mais produtiva na posição de sujeito, o que teria influenciado diretamente a ocorrência do imperativo relacionado a esse pronome. Observando também os dados, podemos notar que dois verbos se destacam na forma associada ao subjuntivo: *dar* e *ir*.

69) Sei, voce tem todo seu tempo tomado, | pois quando nosso neto nascer, vae ser uma | "barra", mas, peço, escreva-me e **dê** notícias | suas e de todos daí. (Carta 06-01-1980)

70) **vá** nesta | agência de viagem perto do B. Nacional e pergunte. | qual o preço do Franco para comprar e para venda | e mande-me diser, porq. a Ang vai pagar a esse | preço o dinheiro q. vou emprestar. (EB-21-01-1980)

Os exemplos acima foram retirados de uma amostra de cartas que abarca missivas trocadas por esposo e esposa, Washington e Elza, em que só se faz uso de *você* na posição de sujeito. Os imperativos nessas cartas acompanham o sujeito, apresentando, assim, um alto grau de uniformidade no tratamento empregado nas missivas. Todas as ocorrências do verbo *ir* ocorrem nessa mesma amostra, bem como a maioria dos dados do verbo *dar*. Ao que parece, o fato de os missivistas utilizarem *você* implica diretamente na escolha do imperativo subjuntivo nas cartas.

Os verbos do padrão 3, que abarcam os irregulares menos marcados conforme a nossa hipótese, favorecem o imperativo de *tu*. Confirmamos essa hipótese nas fases (1) e (3) que apresentam frequências de imperativo de *você* bem baixos. A fase (2) apresenta frequência alta de ocorrência de verbos desse padrão e a (4), embora o número de dados seja baixo em relação às demais categorias desse fator.

Podemos, no entanto, destacar que, no geral, a nossa hipótese foi confirmada, visto que o que parece ter havido foi uma influência no sistema de tratamento empregado pelo missivista. É o que percebemos na fase (2) em que a missivista que utiliza formas de imperativo subjuntivo utiliza o pronome *você* como forma de tratamento e na fase (3) em que essa forma é a predominante no período. Nas fases (1) e (3) as ocorrências de imperativo de *você* são evidentes em construções formulaicas do tipo *creia-me*, parecendo ser uma TD.

4.4.2.4 - Frequência de tipo e de ocorrências nas 4 fases postuladas: resultados do padrão 4: paradigma irregular com oposição mais marcada

- Padrão 4: paradigma irregular com oposição mais marcada: fase 1 (1861- 1900)

– 21 tokens / 5 types

- a) Imperativo indicativo – *dizer* (7); *ser* (5); *pedir* (2); *ouvir* (1)
 b) Imperativo subjuntivo – *dizer* (5), *ver* (1)

O padrão quatro corresponde aos verbos irregulares mais marcados – com mudança no radical. Na **fase 1 (1861- 1900)**, tivemos um total de 21 ocorrências com 5 tipos de verbos distintos. Com relação ao tipo de verbo, 3 deles ocorreram apenas no imperativo indicativo – *ser*, *pedir*, *ouvir* – e 1 no subjuntivo – *ver*.

Conforme a hipótese levantada, nesse fator deveria ter sido favorecida a ocorrência de imperativo de *você*, visto que se trata de verbo irregular marcado. O que observamos, no entanto, é que o imperativo de *tu* foi mais produtivo, sobretudo com os verbos *dizer* e *ser*. As construções com o verbo *ser* em toda a amostra são constituídas de formas fixas, cujo uso é similar em todas as ocorrências, como já apontando no grupo de fatores referente à conjugação. As ocorrências, desses verbos podem ser observadas nos exemplos (71) e (72)

71) Continua nos teus exercicios, e **dize**-me tambem se te adiantas no estudo do Ingles. (Carta 10-VO-22-01-1885)

72) Applica-te, brinca tambem, e **sê** sempre um bom menino: abraça-te e abençoa-te de coração. (Carta 08-VO-01-01-1885)

Os exemplos com os verbos *dizer* *ser* foram retiradas das cartas do vovô Ottoni aos seus netos. Todas as ocorrências com esses verbos são exatamente idênticas a essas, o que remete a uma ideia de tradição discursiva, visto que é uma construção que se repete ao longo da amostra. Assim, o fato de aparecer muitos dados de imperativo indicativo em um fator em que o esperado seria o imperativo subjuntivo não está relacionado meramente a uma questão de escolha do item verbal mais marcado e sim à construção usual no gênero epistolar.

- Padrão 4: paradigma irregular com oposição mais marcada: fase 2 (1901-20)

– 42 tokens / 5 types

- a) Imperativo indicativo – *ser* (8); *pedir* (7); *dizer*, *ver* (3);
 b) Imperativo subjuntivo – *dizer*, *ver* (8); *pedir* (2); *ouvir* (1)

Na **fase 2 (1901-20)**, tivemos 42 ocorrências (*token*) para 5 tipos distintos de verbos. Entre os tipos de verbos distintos, apenas uma forma ocorre no imperativo de *tu* – o verbo *ser* – e outra com o imperativo de *você* – o verbo *ouvir*, respectivamente.

Similarmente ao que ocorre na fase (1) desse fator, na fase (2) também houve o uso do verbo *ser* com o tom de aconselhamento nas cartas da família de religiosos:

73) **Sê** prudente, conserva-te n'uma posição superior de modo q ninguém ouse dizer uma palavra contra tua reputação tão santa

74) **Pede** fervorosamente a S. José, que intervenha junto do Altissimo para que meus negocios se encaminhem (Carta 24-PF-26-01-1908)

Ambas as cartas com os verbos *ser* e *pedir* são de Jerônimo Pedreira escrevendo para as filhas que estavam em um convento e o tratamento empregado nessas missivas é majoritariamente *tu*. Por isso, embora os verbos irregulares mais marcados favoreçam à ocorrência de imperativo subjuntivo (*você*), é natural que os escreventes utilizem formas imperativas relacionadas a *tu*. Além disso, como visto antes, o *ser* ocorre na amostra sempre em um tom de conselho em que um indivíduo mais velho se refere a um mais jovem a fim de indicar a postura que esse deve assumir. Já o verbo *pedir* sempre aparece relacionado a um discurso religioso, ou seja, é um tipo de construção que, nessa amostra, parece estar associada com a fé exercida pelos escreventes e por isso fez-se o uso do imperativo indicativo, em vez de subjuntivo.

- Padrão 4: paradigma irregular com oposição mais marcada: fase 3 (1921-40)

– 33 *tokens* /5 *types*

a) Imperativo indicativo – *ver* (14); *dizer* (5); *pedir* (3); *ouvir*, *fazer* (1)

b) Imperativo subjuntivo – *dizer* (6); *ver* (3)

Na **fase 3 (1921-40)**, tivemos um total de 33 ocorrências de dados com 5 tipos de verbos distintos. Considerando os tipos de verbos, 3 ocorrem somente no imperativo indicativo – *pedir*, *ouvir*, *fazer*. Já no imperativo subjuntivo não há nenhum dado de verbos que só ocorrem nessa forma.

75) **ve** se podes encontra commigo no sabado na minha casa que eu estou te esperando n'co fiques sangado com migo de eu te podir isto e por que as saudades sam muitas

mais beijinhos [...] manda-me dizer se a tua mãe falou de voçe chegar tarde na segunda-feira. eu te espero no sabado na minha casa **ve** se podes dar um jeitinho de ir eu te espero. (Carta 13-MJ-26-01-1937)

Todas as ocorrências do verbo *ver* (*vê*) aparecem seguidas da construção *se pode* contabilizaram nessa fase um total de 8 dados dos 14 totais, o que nos mostra que tal construção foi bastante produtiva e relevante para as frequências de imperativo de *tu* nessa fase. A maior parte desses dados – 7 – foram produzidas nas cartas de um casal não ilustre de noivos do final da década de 1930, Jayme e Maria. Nas missivas de Maria, encontramos 5 dados com essa construção de *ver* (*vê*) mais *se podes*, o que parece demonstrar que se trata de uma fórmula fixa. Vale ressaltar que essa missivista utiliza nas cartas tanto *tu* quanto *você* na posição de sujeito, mas com um volume maior dessa segunda forma. Interessante observar, contudo, que ao usar esse tipo de construção, ela faz uso do imperativo de *tu* – *ve se podes*. O que os dados parecem sugerir é que a escolha dos escreventes pelo imperativo indicativo em vez do subjuntivo, no caso do verbo *ver*, deveu-se a tal construção fixa.

- Padrão 4: paradigma irregular com oposição mais marcada: fase 4 (1941-80)

– 30 *tokens* / 4 *types*

a) Imperativo indicativo – *ver* (3)

b) Imperativo subjuntivo – *dizer* (10); *fazer, ver* (8); *pedir* (1)

No quarto período (1941-80), há 30 ocorrências de verbos no imperativo com 4 tipos distintos. Dentre esses tipos de verbos distintos, 3 ocorrem somente no imperativo subjuntivo: *dizer, fazer* e *pedir*. Nesse período os dados refletem exatamente o que propõe a hipótese para esse fator, visto que o imperativo de *você* é favorecido em verbos irregulares mais marcados. Podemos destacar entre esses itens, os verbos *dizer, ver* e *fazer*, cujas frequências são bastante altas em relação aos demais.

Considerando o padrão 4, que abrange os verbos irregulares mais marcados, a nossa hipótese era de que o imperativo de *você* seria favorecido, no entanto, só confirmamos esse comportamento na fase (4). Nos demais períodos analisados a frequência de imperativo subjuntivo apresentou valores baixos, contrariando a nossa hipótese.

O que parece ter havido nos períodos em que a hipótese não foi confirmada é que a presença de construções fixas no imperativo de *tu* parece ter influenciado no uso dessa forma verbal nesse padrão que seria de imperativo de *você*. Em (1) e (2) observamos construções no imperativo associado ao indicativo com os verbos *dizer*, *ser* e *pedir* (esse último na segunda fase), todas em contextos similares, o que parece apontar para uma TD. Conforme observado nas duas primeiras fases, o terceiro período também apresenta uma construção recorrente no imperativo indicativo – *vê se podes* –, corroborando com a ideia de que a estrutura fossilizada nessa forma explicaria essa contrariedade com a nossa hipótese.

4.4.2.5 - Frequência de tipo e de ocorrências nas 4 fases postuladas: resultados do padrão 5: oposição menos marcada - paradigma especial

Esse fator – oposição menos marcada dos verbos cuja antepenúltima vogal apresenta variação na abertura e fechamento em relação às formas imperativas – deveria apresentar, segundo a hipótese inicial, um favorecimento ao imperativo de *você*. O que se verifica, no entanto, é que ocorre exatamente o contrário em todas as fases, visto que houve favorecimento ao imperativo de *tu* ao longo de toda a amostra. Os itens verbais desse fator, assim, são prototípicos do modelo epistolar e, por isso encontram-se, em sua maioria, ao final das missivas, no espaço correspondente à saudação final, como mostram os exemplos a seguir.

76) **Receba** com a Roza, e o netinho mtos abraços nossos em seus | seu pae mto amigo (Carta 05-AA-25-3-1911)

77) Dê por mim um abraço a teu irmão e **recebe** outro do | Teu avô e amigo (Carta 06-VO-11-02-1883)

78) Quando me escrever diga-me si Você a conhece, sim? e mande-lhe um pequeno conforto na cruz que carrega a certeza de uma Oração sua ou uma missa, ella gostará muito. | **Escreva**-me. (Friburgo, 07 de Fevereiro de 1933, Maria Elisa Pedreira)

79) manda-me dizer se a tua maisinha falou au guma cousa com voce do passeio mais beijinhos para voce me **escreve** bastante que eu tam bei ti escrevo (Carta 07-MJ-05-10-1936)

Embora pelos próprios exemplos se possa observar ocorrências de um mesmo item verbal nas duas formas imperativas, o que se percebe é que o imperativo nesse grupo apresenta um comportamento favorecedor à forma indicativa. Ressalta-se ainda que, ao que parece, as ocorrências dos itens verbais desse fator acompanham a forma proeminente na fase. Mostraremos, assim, a seguir, todas as ocorrências destacadas de cada fase nesse período segundo a frequência de *tokens* e *type*.

- Padrão 5: oposição menos marcada - paradigma especial: fase 1 (1861- 1900)

– 15 *tokens* / 2 *types*

a) Imperativo indicativo – *receber* (6); *escrever* (1)

b) Imperativo subjuntivo – *receber*, *escrever* (4)

Nessa primeira fase (1861- 1900), tivemos 15 ocorrências totais, sendo apenas 2 tipos. Não há ocorrência exclusiva de nenhuma forma nas variantes analisadas, assim, os dois verbos que ocorrem – *receber* e *escrever* – aparecem em ambos os imperativos.

- Padrão 5: oposição menos marcada - paradigma especial: fase 2 (1901-20)

– 33 *tokens* / 5 *types*

a) Imperativo indicativo – *escrever*, *receber* (8); *exercer* (3)

b) Imperativo subjuntivo – *receber*, (8); *escrever* (3); *resolver* (2), *esquecer* (1)

A **fase (2)** apresentou 33 dados totais de imperativo com 5 tipos de verbos distintos que aparecem nas missivas desse período. Apenas um tipo de verbo ocorre apenas no imperativo de *tu* – *exercer* – e 2 no de *tu* – *resolver* e *esquecer*.

- Padrão 5: oposição menos marcada - paradigma especial: fase 3 (1921-40)

– 37 *tokens* / 5 *types*

a) Imperativo indicativo – *receber* (28); *escrever* (3); *oferecer* (2); *consentir* (1)

b) Imperativo subjuntivo – *agradecer, escrever, receber* (1)

Na **fase (3)**, temos um total de 37 dados de imperativo e entre essas ocorrências, 5 são tipos de verbos distintos. Em relação aos tipos de verbos, temos 2 que ocorrem apenas no imperativo indicativo – *oferecer* e *consentir* – e um no subjuntivo – *agradecer*.

- Padrão 5: oposição menos marcada - paradigma especial: fase (4) (1941-80)

- 21 tokens / 7 types

a) Imperativo indicativo – *agradecer, esquecer, escrever, seguir, receber* (1)

b) Imperativo subjuntivo – *receber* (8); *escrever* (5); *aparecer, dormir* (1)

Na **fase (4)**, por fim, temos 21 ocorrências totais de imperativo, sendo 7 os itens verbais distintos que ocorrem nesse período. Desses, 3 ocorrem apenas no imperativo indicativo – *agradecer, esquecer* e *seguir* – e 2 no subjuntivo – *aparecer* e *dormir*.

Os verbos do padrão 5, contrariando a nossa hipótese, não favoreceu o imperativo de *você* em nenhuma das fases. O que parece ter ocorrido é que os verbos típicos do modelo epistolar (*receber, escrever*) que são regulares, menos marcados e com vogal [+aberta] parece ter influenciado nesse uso predominante de imperativo de *você* em todas as fases desse padrão.

Acerca desse grupo de fator podemos destacar a influência das construções fixas, formas de TDs (tradições discursivas) no uso dos imperativos empregados, sobretudo ao associado ao subjuntivo. Além disso, é importante salientarmos que o pronome empregado pelo missivista na carta parece em alguns momentos interferir na escolha do imperativo, de modo que a tendência é que indivíduos com mais domínio da modalidade escrita, com um texto mais uniforme no que diz respeito às formas tratamentais, tendem a manter a mesma forma também no imperativo.

4.5. Tipo de oração

4.5.1 – Resultado geral com todos os dados

A forma verbal subjuntiva em uma oração matriz garante à sentença o sentido imperativo, como ilustra o exemplo (A) Scherre *et al.* (1998). Por outro lado, o uso da oração encaixada com a forma verbal subjuntiva, assegura à sentença um valor incerto associado ao desejo do enunciador com relação a algum fato que gostaria que acontecesse, como aponta o exemplo (B).

(A) **Arrume** o quarto.

(B) Quero que Pedro **arrume** o quarto

Para Mateus et al. (2003, p. 455), sintaticamente as frases imperativas podem ser diretas e indiretas. As imperativas diretas são orações independentes (matriz), e as indiretas são aquelas que ocorrem em um contexto de subordinação. Considerando o domínio discursivo, as sentenças imperativas tendem a envolver um locutor e um ouvinte. Enquanto nas diretas o ouvinte é o próprio destinatário, nas indiretas ele assume um papel de “veículo de transmissão”, sendo o elemento responsável pelo cumprimento da ação enunciada. Assim, em (C) e (D) as frases apresentam um imperativo direto, já que o ouvinte é a quem se destina a mensagem. Já em (E) o desejo enunciado pelo locutor não se destina ao ouvinte, sendo, por isso, um imperativo indireto. Vale ressaltar que essa construção com imperativo indireto não é possível com a forma indicativa, como se vê em (F). O imperativo verdadeiro, ou seja, o associado ao indicativo, para Rivero (1994, apud CARDOSO, 2009) tem como um dos seus princípios o fato de ser realizado apenas na oração independente. É importante destacar ainda que estruturas do tipo (F) abrangem um domínio de subordinação, contexto esse em que historicamente o imperativo *verdadeiro ou mais antigo* não ocorre. A alternância entre formas verbais imperativas, associadas ao indicativo e ao subjuntivo, seriam possíveis em sentenças como (G) em que tal uso variável é condicionado pelo verbo e pelo contexto sintático. Essa posição acerca desse princípio estrutural é compartilhada por Câmara Jr. (2006, p. 102), pois o autor

afirma que o imperativo se configura como um modo verbal subjuntivo, mas “sem o elo de subordinação sintática”.

(C) Pedro, **arrume** o quarto!

(D) Pedro, **arruma** o quarto!

(E) Que Pedro **arrume** o quarto!

(F) * Que Pedro **arruma** o quarto

(G) Acredito que Pedro **arrume** o quarto/ Acredito que Pedro **arruma** o quarto.

Partindo dessas considerações, o grupo de fatores referente ao tipo de oração apoia-se na hipótese de que orações isoladas/ coordenadas e matrizes tendem a favorecer o imperativo indicativo (*tu*), ao passo que as subordinadas, o imperativo subjuntivo (*você*). Assim, o grupo foi organizado tendo em vista o tipo de oração em que ocorria uma das variantes do imperativo. A forma imperativa em análise poderia ocorrer em oração isolada ou coordenada (imperativo em sequências de orações coordenadas), como em (80) e (81), respectivamente, em uma oração matriz (independente), como em (82) ou em uma encaixada (dependente), (83).

80) Aceite um abraço do teu marido | Antonico (Carta 22-CA-1-4)

81) Estes pobres bilhetes que te mando, peço-te que não mostres a ninguém, [*guarda-os contigo*], [*esconde-os sempre*] (Carta 61-JM-13-09-1936)

82) [*Avisa com certeza*] se você vem sexta feira, sim? (Carta 03-AA-05-10-1909)

83) Escreve-me sempre que puderes e [si souberes alguma noticia dos outros], [*m'as manda.*] (Pouso Alegre, 01 de janeiro de 1920, Maria Elisa)

Na rodada geral com todos os dados, o grupo tipo de oração foi selecionado. Os resultados estão na tabela a seguir:

Grupo tipos de oração	N/T	Frequência	PR
Isolada / coordenada	267/515	51,8%	0.522
Matriz	112/265	42,3%	0.443
Encaixada	5/7	71,4%	0.897

Tabela 15 Grupo tipos de oração: rodada geral (valor de aplicação *você*)

Os resultados observados na rodada geral confirmam parcialmente a nossa hipótese de que as orações encaixadas favorecem o imperativo de *você*, enquanto as demais, de *tu*. Dentre as orações encaixadas, embora o número de dados seja pequeno, houve favorecimento do imperativo de *você*, com um peso relativo de .897. As orações em que o imperativo apareceu na matriz a forma associada ao subjuntivo não foi favorecida, com peso relativo de .443, confirmando nossa hipótese. Já as orações isoladas e coordenadas apresentaram peso relativo e frequências muito próximas de .50 e 50% e esperávamos, nesse caso, predomínio do imperativo verdadeiro ou original (de *tu*).

4.5.2 – Resultado por fase postulada

Como esses dados gerais não são tão elucidativos para certos fatores do grupo mostrando diferenças relevantes quanto ao uso das sentenças nessa perspectiva sintática, separamos as ocorrências – número de dados, frequência e peso relativo – conforme a fase, considerando as rodadas parciais. Embora esse grupo só tenha sido selecionado nas fases (2) e (3), apresentaremos todos os períodos analisados para fins de comparação.

Grupo Tipo de oração	Fase 1 > <i>tu</i>	Fase 2 <i>tu ~ você</i>	Fase 3 > <i>tu</i>	Fase 4 > <i>você</i>
Isolada / coordenada	31/192 – 30,4%	60/102 – 58,8% 0.582	33/150 – 22% 0.610	134/152 – 88,2%
Matriz	21/47 – 44,7%	28/68 – 41,2% 0.378	15/95 – 15,8% 0.307	48/55 – 87,3%
Encaixada	_____	_____	3/4 – 75% 0.925	_____
Total	52/239 – 21,7%	88/170 – 51,7%	51/249 – 20,4%	182/207 – 87,9%

Tabela 16 Tipo de oração: rodada parcial (valor de aplicação *você*)

As rodadas parciais apresentam um panorama do comportamento do imperativo ao longo das 4 fases postuladas considerando o tipo de oração. O baixo número de dados de imperativo nas orações encaixadas inviabilizou resultados conclusivos, mas apontam para um favorecimento da forma associada ao subjuntivo nesse fator, com peso relativo bastante alto de .925. À exceção da fase (4), em que a ocorrência majoritária de imperativo de *você*, impulsionou todas as frequências para acima de 80%, nas demais fases, as orações isoladas / coordenadas e a matrizes não apresentaram ocorrências expressivas dessa forma em relação a de *tu*, o que indicia para a confirmação da nossa hipótese de que esses tipos de sentenças influenciam na presença de imperativo indicativo. Observando, no entanto, os pesos relativos, percebemos o leve favorecimento de imperativo de *você* nas orações isoladas / coordenadas tanto nas fases (2) quanto na (3), com .582 e .610.

Com esses valores aparentemente contrariando a nossa hipótese, buscamos, a seguir apresentar alguns exemplos retirados das cartas, a fim de perceber se haveria razões discursivas influenciando no uso da forma de imperativo subjuntivo nas sentenças isoladas / coordenadas.

85) Sem mais, | **acceite** saudades do irmão e amigo | Eurico (carta 41-AA-05-12-1910)

86) **Receba** deste teu noivinho de todo o coração muitos beijos e abraços. (carta 12-JM-24-01-1937)

A maior parte das ocorrências de orações com o imperativo isolado corresponde a exemplos do tipo (85) e (86), em que o uso da forma relacionada ao subjuntivo está relacionada ao gênero textual epistolar. Assim, verbos como *aceitar* e *receber*, usados ao final da missiva, na seção de despedida, constitui uma TD e, isso certamente inflacionou o número de ocorrências de imperativo de *você*.

No que diz respeito aos tipos de orações analisados, a fase (2) apresenta um equilíbrio na frequência de imperativo. A não confirmação da hipótese nesse caso poderia estar associada a um comportamento específico de um ou outro missivista que empregava um tratamento ou outro, influenciando assim no resultado. Já na fase (3), em que o imperativo de *tu* é mais frequente, percebemos que nas sentenças em que há construções com orações isoladas ou coordenadas, o imperativo associado ao subjuntivo tem uma baixa frequência (22%). Isso talvez mostre que não só questões discursivas influenciam no uso de um imperativo ou outro, mas também a forma predominante no período analisado. Trata-se de um aspecto a ser melhor investigado.

4.6. Número de sílabas

A proposta de análise do grupo referente ao número de sílabas do verbo no infinitivo apoia-se também nas premissas do *Princípio de Marcação* (GIVÓN, 1995), segundo a noção de frequência e complexidade cognitiva. Os itens menos marcados, segundo esse princípio, seriam os mais simples e os mais marcados, os mais complexos. O autor (GIVÓN, 1995, p. 28) apresenta três critérios para distinguir estruturas mais e menos marcadas: complexidade estrutural – construções ou itens mais marcados tendem a ter a estrutura mais complexa ou extensa; frequência – categorias menos marcadas tendem a ocorrer com mais frequência que as menos marcadas, além de apresentar traços menos salientes; e complexidade cognitiva – o uso de estruturas mais marcadas requerem mais atenção e esforço cognitivo para o seu uso.

Considerando tais aspectos, Scherre (2004), com base em estudo com língua falada, observa que a questão da extensão do verbo também seria importante para a análise do imperativo. Assim, os resultados a que chega a autora (SCHERRE, 2004, p. 247) mostraram que verbos como *olhar* e *deixar* (duas sílabas) favoreceriam a ocorrência de imperativo indicativo, com 94% e 89%, ao passo que verbos de três sílabas ou mais como *esperar* e *imaginar* apresentaram frequências mais baixas para o imperativo de *tu* 18% e 42%. Os verbos monossílabos, como *dar*, *ir*, *vir*, tiveram frequência superior a 90% de imperativo de *tu*. Considerando esses resultados, a autora aponta para a tendência de verbos de até duas sílabas favorecerem ao imperativo indicativo, enquanto os de mais de duas, o imperativo subjuntivo (SCHERRE, 2007, p. 207). Partindo desses estudos, buscamos observar o comportamento do grupo número de sílabas em nossos dados diacrônicos conforme observado nos trabalhos de Scherre.

O grupo número de sílabas do verbo no infinitivo foi selecionado na rodada parcial das fases (3) e (4), contudo, para fins de comparação, apresentaremos todos os períodos analisados com os respectivos números de ocorrência e a frequência, como mostra a tabela a seguir.

Grupo Número de sílabas do verbo	Fase 1 > <i>tu</i>	Fase 2 <i>tu ~ você</i>	Fase 3 > <i>tu</i>	Fase 4 > <i>você</i>
Monossílabo	3/22 – 13,6%	12/24 – 50%	4/30 – 13,3% 0.175	27/31 – 87,1% 0.032
Dissílabo	20/45 – 44,4%	30/59 – 50,8%	21/100 – 21% 0.726	85/96 – 88,5% 0.464
Trissílabo	25/65 – 38,5%	41/76 – 53,9%	7/85 – 8,2% 0.229	41/48 – 85,4% 0.777
Polissílabo	4/13 – 23,5%	5/12 – 41,7%	19/34 – 55,9% 0.822	31/34 – 91,2% 0.852
Total	52/149 – 34,9%	88/171 – 51,5%	51/249 – 20,5%	184/209 – 88%

Tabela 17: Grupo número de sílabas: rodada parcial (valor *você*)

Nas fases (1) e (2), em que o grupo número de sílabas não foi selecionado, não houve a confirmação clara do postulado em nossa hipótese, visto que no primeiro período as frequências de imperativo de *tu* foram superiores às de *você* e na segunda houve um equilíbrio das formas variantes. Assim, esse grupo pareceu acompanhar a tendência do que se verificava nessas fases. Já as fases (3) – com imperativo de *tu* mais frequente – e (4) – com imperativo de *você* mais produtivo – apresentaram números interessantes. No que diz respeito a nossa hipótese – verbos com de até duas sílabas favorecem o imperativo indicativo e de mais sílabas, o subjuntivo –, na fase (3) houve a sua confirmação parcial, pois os monossílabos desfavoreceram a ocorrência de imperativo de *você*, com peso relativo de .175. Além disso, o imperativo de *você* é favorecido nos verbos polissílabos, conforme o postulado. Ao observamos, no entanto, os dissílabos e trissílabos, nessa fase percebemos que o primeiro favorece o imperativo de *você* e o segundo, desfavorece, contrariando a nossa hipótese. Com relação à fase (4), a hipótese é integralmente confirmada, pois os verbos com três ou mais sílabas favorecem o imperativo subjuntivo, com peso relativo de .777 e .852, enquanto que os monossílabos e dissílabos desfavorecem essa forma, com pesos relativos de .464 e .032.

Partindo desses resultados, verificamos as ocorrências de verbos da terceira fase de duas e três sílabas, a fim de observar o que poderia ter motivado o uso das formas imperativas em desacordo com as hipóteses levantadas. Temos, assim, os seguintes verbos de duas e três sílabas da fase (3):

a) Imperativo indicativo

- Dissílabos – *mandar* (37), *rasgar* (10), *beijar*, *dizer* (5) *guardar* (4), *rezar*, *enviar* (2), *prestar*, *tratar*, *contar*, *lembrar*, *queimar*, *consentir* (1)

- Trissílabos – *receber*, (28), *aceitar* (20) *esperar* (9), *abraçar* (4), *escrever* (3), *preparar*, *enviar* (2), *entregar*, *observar*, *informar*, *perdoar*, *perguntar*, *procurar*, *esconder*, *prevenir* (1)

b) Imperativo subjuntivo

- Dissílabos – *mandar* (12), *dizer* (6), *pedir* (3), *rasgar*, *comprar*, *ficar*, *ouvir*, *fazer* (1)

- Trissílabos – *aceitar* (18), *desculpar*, *responder*, *permitir*, *enviar*, *escrever*, *receber* (1)

Observando os verbos imperativos de acordo com o número de sílabas, podemos perceber que no imperativo indicativo há três verbos que são muito produtivos: *receber*, *aceitar* e *esperar*, com 28, 20 e 9 dados, respectivamente. Esse período que corresponde à fase (3) abrange escreventes que fazem uso de formas de *tu* e *você* na posição de sujeito, ora usando uma estratégia de tratamento, ora outra. Apesar dessa alternância, o imperativo de *tu*, nessa amostra, apresenta produtividade muito superior nessa fase ao de *você* e isso parece influenciar na escolha do escrevente por formas indicativas, por isso o número elevado de verbos de três sílabas nessa categoria. Todas as ocorrências de *receber* e *aceitar* estão na seção de despedida, podendo, assim, ser considerado uma TD desse tipo de texto epistolar e, por isso, o número elevado de dados iguais. Já o imperativo subjuntivo apresenta frequência maior com os verbos *mandar*, *dizer* e *pedir*, com 12, 6 e 3 ocorrências, respectivamente. Com relação a esses verbos, parece que o fator regularidade está influenciando no uso desse imperativo de *você*, visto que se tratam de formas com a vogal precedente fechada e com uma irregularidade bem marcada.

Em suma, a hipótese referente ao número de sílaba pode ser confirmada nos nossos resultados, conforme observamos claramente na fase (4): verbos de até duas sílabas favorecendo o imperativo indicativo e o de mais sílabas, o subjuntivo. Na fase (3) a nossa hipótese se confirma nos verbos monossílabos e polissílabos, mas não nos dissílabos e trissílabos: nesses últimos os resultados contrariam à hipótese em razão de os dados ocorrerem em construções fixas e de as formas verbais apresentarem marcação de regularidade/ fechamento de vogal. As fases seguintes, que não foram selecionadas, não apresentam grandes variações quanto às formas imperativas empregadas, prevalecendo o comportamento do período em questão.

4.7. Gênero do missivista

4.7.1 – Resultado geral com todos os dados

O segundo grupo de fatores extralinguístico selecionado foi o de gênero do missivista. Antes de comentar os resultados relativos a esse grupo, vale ressaltar, contudo, que houve uma diferença significativa no número de dados de imperativo produzido por homens e por mulheres em virtude de estarmos lidando com um estudo de sincronias passadas em que as fontes documentais sobreviveram ao acaso. O fato de a maioria das mulheres não terem acesso à escolarização e/ou letramento nos períodos remotos analisados faz com que haja poucas cartas escritas por mulheres na comparação do material disponível para os homens.

Esse grupo apoia-se em resultados de alguns trabalhos como o de Rumeu (2008) que analisou a história do pronome *você* a partir de cartas de uma família de religiosos escritas ao longo do século XIX e XX. A autora mostrou que, na amostra em análise, as figuras femininas tendiam a usar a forma associada a *você* na posição de sujeito mais do que os homens. O uso de *você* pelas mulheres, segundo Rumeu (2008), estaria relacionado ao fato de essa forma pronominal ser menos íntima e invasiva, estando relacionada ainda ao tratamento original mais distante *Vossa Mercê*. O emprego de *você* entre as mulheres se justificaria assim pelo comportamento reservado que era esperado para esse gênero em fins do século XIX e início do século XX numa sociedade dominada por homens. Como um dos objetivos deste trabalho é verificar se o imperativo de 2ª pessoa do singular – de *tu* e de *você* -- acompanha as mudanças no paradigma pronominal na posição do sujeito, resolvemos testar esse grupo, a fim de observar se o comportamento de homens e mulheres nas missivas segue na mesma linha de análise.

A tabela a seguir referente à rodada geral apresenta as ocorrências, frequências e pesos relativos de todo o período analisado:

Grupo gênero	N/T	Frequência	PR
Homem	222/451	49,2%	0.559
Mulher	162/336	48,2%	0.421

Tabela 18 Gênero: rodada geral (valor de aplicação *você*)

Os números gerais não apresentam significativas diferenças em relação à frequência de imperativo, tendo, assim, números equilibrados. O peso relativo apresenta um leve favorecimento da forma imperativa subjuntiva nas cartas escritas por homens, com .559 contra .421 para as mulheres.

4.7.2 – Resultado por fase postulada

Os resultados gerais apontaram para um favorecimento da forma imperativa de *você* nas missivas dos homens, contrariando a hipótese inicial de que as mulheres seriam as principais responsáveis pelo uso dessa forma. Para elucidarmos melhor o comportamento do imperativo considerando o gênero, separamos as ocorrências, frequências e pesos relativos tendo em vista as fases analisadas que, como mencionado, têm comportamento distinto ao longo de 100 anos de produção escrita:

Grupo Gênero	Fase 1 > <i>tu</i>	Fase 2 <i>tu ~ você</i>	Fase 3 > <i>tu</i>	Fase 4 > <i>você</i>
Homem	49/138 – 35,5%	51/71 – 71,8% 0.689	22/139 – 15,8%	91/94 – 96,8% 0.794
Mulher	3/11 – 27,3%	37/100 – 37% 0.362	29/110 – 26,4%	93/115 – 80,9% 0.249
Total	52/97 – 34,9%	88/171 – 51,5%	51/249 – 20,5%	184/209 – 88%

Tabela 19 Gênero: rodada parcial (valor de aplicação *você*)

De uma maneira geral, os dados apresentados na tabela de fases do grupo de fatores gênero do missivista reflete o comportamento do imperativo ao longo de todo período analisado. É possível observar que as frequências de imperativo de *você* foram mais altas somente no último período (acima de 80% para ambos os gêneros), ao passo que nas fases (1) e (3), em que a forma indicativa foi mais produtiva, as frequências de imperativo subjuntivo apresentou valores baixos (abaixo de 40%). O imperativo de *você* foi favorecido nas cartas de homens nas fases (2) e (4), com pesos relativos de .689 e .794. Se observarmos, no entanto, as frequências e número de ocorrências da fase (4) nas cartas de homens e mulheres, perceberemos que não houve significativa diferença no uso do imperativo de *você* tendo em vista o gênero.

O que o resultado dos dados referentes ao gênero nessa amostra apresenta é de que esse fator social não parece ser decisivo na diferenciação do comportamento de

homem e mulher frente às variantes imperativas. A hipótese inicial levantada de que as mulheres seriam as que mais utilizariam a forma imperativa associada ao subjuntivo não foi confirmada na nossa amostra, o que pode levar a crer que talvez o imperativo não tenha necessariamente um uso tão atrelado a questões pertinentes à entrada de *você* na posição de sujeito.

4.8. Seção da carta

Esse grupo foi analisado de forma a observar o uso do imperativo de *tu* e de *você* nas seções das cartas – saudação inicial, núcleo, saudação, final e *post scriptum* – considerando que o modelo epistolar favorece a presença de construções linguísticas cristalizadas que funcionariam como tradições discursivas (KABATEK, 2006). A hipótese que norteia esse grupo apoia-se nas discussões feitas por Scherre (2007) e nas premissas básicas das Tradições Discursivas.

Iniciaremos resgatando o trabalho de Scherre (2007). A autora afirma que textos de natureza mais dialógicas tendem a favorecer o imperativo de *tu*, enquanto as não dialógicas, o de *você*. A autora chega a essa conclusão baseando-se na própria formação do imperativo que, por vezes, apresenta formas homônimas a de outros tempos e modos verbais, de forma que, para que a leitura imperativa fique evidente, são necessárias âncoras discursivas. O ponto de partida que a autora toma vem de uma observação de um exercício de um livro escolar em que se pede que as frases sejam passadas para 2ª pessoa do plural ou do singular do modo imperativo, a depender da pessoa que esteja empregada, conforme às sentenças indicadas. Dessa forma em frases com formas de segunda pessoa do plural, teríamos no exercício: *Abri as portas à esperança, não deixeis entrar o desânimo*. Com o exercício, a alteração para a segunda pessoa do singular deveria ficar: *Abre as portas à esperança, não deixes entrar o desânimo*. A leitura que possivelmente qualquer falante do português faria inicialmente da forma *abri* seria na 1ª pessoa do pretérito perfeito do modo indicativo. A partir disso, a autora afirma que uma frase descontextualizada, do imperativo de indicativo, plural e singular, como essa, sem nenhum reforço discursivo que deixe claro à imperatividade da sentença, juntamente com a homonímia da palavra, contribuem para uma leitura ambígua. Esse caráter homonímico, no entanto, não se verifica no imperativo subjuntivo, por isso essa forma não precisaria estar explicitamente em um discurso dialógico para que sua leitura se configurasse como uma ordem, pedido ou solicitação.

Para ilustrar esse comportamento do imperativo de *tu* e de *você*, Scherre (2007, p. 213) explicita alguns exemplos retirados de um jornal:

- CorrA, saltE, andE e deixE de fumar (*Correio Braziliense*, 25 jun. 1999. Mundo, Saúde)

- DeixE para sexta, sábado e domingo o que você poderia fazer hoje (*Correio Braziliense*, 20 nov. 2003. Cidades, p.27)

Em ambas as frases há imperativo de *você*, sendo desnecessário qualquer expressão do vocativo ou qualquer apoio discursivo para que a leitura imperativa seja feita sem dificuldade. Isso não ocorre nas sentenças a seguir de formas imperativas de *tu*.

- SAI DA FRENTE! Motorista de Brasília está cada vez mais mal-humorado (*Correio Braziliense*, 7 jul. 2002)
- OlhA o Papai Noel, Gente (*Correio Braziliense*, 16 nov. 2003, Trabalho & formação profissional)
- Vem pra Caixa você também, vem! (Propaganda da Caixa Econômica Federal)
- Faz um 21! – (Propaganda da Embratel, com um gesto imitando um telefone)

Todas as sentenças acima estão apoiadas em algum recurso que faça com que o leitor compreenda de que as frases não são assertivas e sim imperativas. Assim, na primeira frase aparece *sai da frente* dentro de um balão de fala de personagem, indicando claramente que se trata de um diálogo. Na segunda e na terceira, há a presença do vocativo *Gente* e do pronome de 2ª pessoa, *você*, indicando que se trata de sentenças imperativas. A última frase, por fim, é acompanhada de um gesto que convida o leitor a fazer uma ligação telefônica.

A autora afirma ainda que em contextos mais formais tenderia a ocorrer o imperativo de *você*, enquanto que os menos formais, o de *tu* (SCHERRE, p. 207). Partindo dessas considerações, levantamos a hipótese de que estruturas mais fixas, cuja forma parece constituir uma TD, tendem a aparecer em imperativos de *você* enquanto as que ocorrem em um contexto de maior interatividade entre os interlocutores, apresentaria imperativo de *tu*. Adaptamos a hipótese da autora tendo em vista que o *corpus* com o qual estamos trabalhando é diferente, por isso consideraremos estruturas menos dialógicas e mais formais aquelas que são reproduções de construções típicas do modelo epistolar e as mais dialógicas seriam as formas que ocorrem de maneira mais interativa entre o remetente e destinatário da missiva. Como o gênero carta apresenta uma estrutura organizacional fixa, tendo uma saudação inicial e final – nas quais, respectivamente, o emissor saúda e se despede do seu interlocutor, um núcleo – em que o assunto da carta é desenvolvido – e, às vezes, um *post scriptum* – para observações, esperamos que o imperativo de *você* ocorra nas partes mais fixas, menos dialógicas e *tu* nas menos rígidas

e mais dialógicas, conforme no quadro abaixo. Esperamos, dessa forma, que o imperativo de *você* ocorra nas partes mais fixas, menos dialógicas e *tu* nas menos rígidas e mais dialógicas, conforme no quadro abaixo.

Imperativo de <i>você</i> (menos dialógico)	Imperativo de <i>tu</i> (mais dialógico)
Saudação inicial	Núcleo
Saudação final	<i>Post scriptum</i>

9Localização na carta: menos e mais dialógico

Esse grupo de fator foi selecionado pelo programa estatístico *Goldvarb X* apenas na fase (4) – 1941 a 1980 –, período em que o imperativo de *você* era mais produtivo que o de *tu*. A tabela a seguir aponta as ocorrências do imperativo subjuntivo, bem como as frequências e os pesos relativos em todas as fases para fins de comparação. Vale ressaltar que no nosso corpus não houve ocorrência de imperativo na saudação inicial e, por isso, dividimos a missiva em apenas três partes.

Grupo	Fase 1	Fase 2	Fase 3	Fase 4
Seção da carta	> <i>tu</i>	<i>tu</i> ~ <i>você</i>	> <i>tu</i>	> <i>você</i>
Saudação final	23/75 – 30,7%	24/45 – 53,3%	23/102 – 22,5%	47/57 – 82,5% 0.456
Núcleo	27/70 – 38,6%	59/121 – 48,8%	22/110 – 20%	129/144 – 89,6% 0.518
<i>Post Scriptum</i>	2/4 – 50%	5/5 – 100%	6/31 – 16,2%	8/8 – 100%
Total	52/97 – 34,9%	88/171 – 51,5%	51/249 – 20,5%	176/201 – 87,6%

Tabela 20 Seção da carta: rodada parcial (valor de aplicação você)

O imperativo de *você* só foi levemente favorecido no núcleo, com peso relativo de .518 contra .456 das seções correspondentes às saudações iniciais e finais. As demais fases ilustram o comportamento das duas variantes considerando a localização do dado na carta nos períodos mais recuados. Podemos perceber, assim, considerando a frequência, que a nossa hipótese inicial, de que o imperativo de *você* ocorreria nas seções iniciais e finais se confirma em (2) e (4), visto que o percentual de ocorrência é acima de 50%. Nas fases (1) e (2), períodos em que o imperativo de *tu* é mais frequente, a nossa

hipótese não se confirmou. Com relação ao núcleo, apenas em (4) o imperativo mostrou-se muito frequente – comportamento típico dessa época – enquanto nas demais fases as frequências oscilaram abaixo de 50%. No *post scriptum* houve uma variação nas ocorrências de imperativo e nossa hipótese se confirmou apenas na fase (3) com frequência de 16,2%.

Os resultados desse grupo apontam para fatores além dos discursivos para justificar o uso de uma forma imperativa ou outra. Como visto anteriormente, não só a forma imperativa influencia na escolha do missivista por uma variante ou outra, mas também o item lexical em questão. Por outro lado, percebemos que no núcleo, seção da carta em que o missivista tem mais liberdade na escrita e na forma como aborda o assunto, o imperativo de *você* foi menos produtivo. Isso pode ser explicado em função não só da seção carta em que a forma imperativa ocorre, como também o grau de formalidade nessa parte da missiva que, por não ser formulaica, deixa o escrevente mais à vontade no tratamento mais intimista com seu interlocutor e isso, assim, justificaria o uso de imperativo de *tu*.

5. Conclusão

Os resultados a que chegamos a partir da análise variacionista dos dados acerca do modo imperativo associado ao indicativo e ao subjuntivo foram bastante significativos para a descrição do fenômeno em 100 anos de produção escrita. A frequência geral do imperativo de 2SG na nossa amostra foi equilibrada, com 49,2% da forma referente a *tu* e 50,8% a *você*. Como esses dados não revelaram diferença no uso das variantes analisadas, partimos para uma descrição mais pormenorizada por fases, a fim de responder a seguinte questão:

1) A expressão variável do imperativo de 2ª pessoa – de *tu* e de *você* – ao longo do século XX acompanhou as mudanças ocorridas no quadro pronominal de 2SG a partir do incremento de *você* na posição de sujeito por volta das décadas de 1930-1940 como apontam diferentes estudos (DUARTE, 1995; SOUZA, 2012; RUMEU, 2008; entre outros)?

O comportamento das formas variantes de imperativo (de *tu* e de *você*) ao longo do período analisado se mostrou distinto. Percebemos que a frequência dessas variantes oscila significativamente a depender do momento histórico contrastando com o que havíamos observado na rodada geral com todos os dados reunidos. Assim, nas primeiras décadas (1841 – 1860) observamos um uso categórico de imperativo de *você*, mas nos anos seguintes os números se invertem e o imperativo de *tu* passa a ser mais frequente, com 57,1% contra 42,9% e 66,9% contra 33,1% na década seguinte (1861 – 1881). Em 1901 há uma pequena vantagem da frequência de imperativo de *você* sobre de *tu* (52,6% e 47,4%). Nos anos seguintes, o comportamento do imperativo apresenta grandes diferenças com relação aos anos anteriores. Nos anos que vão de 1901 a 1941 a frequência de imperativo de *tu* é bem mais produtiva que de *você* (79,5% contra 20,5% e 89,2% contra 10,8%). A partir da década de 1940 há uma total inversão no uso de imperativo de modo que a forma associada ao subjuntivo passa a ocorrer majoritariamente na amostra em relação ao indicativo, respectivamente, 96,2 e 3,8 (1941 – 1961) e 85,9% e 14,1%.

Partindo dessas considerações e de trabalhos que já fizeram um mapeamento das formas pronominais *tu* e *você* no sujeito (SOUZA, 2012; MACHADO, 2011; RUMEU, 2008; DUARTE, 1995,1993), consideramos pertinente propor uma divisão do período analisado em fases com duração de mais ou menos 20 anos, tendo em vista o predomínio de uma forma sobre a outra na amostra. Assim, postulamos quatro fases por conta do

comportamento diferenciado das formas variantes de imperativo. A fase (1), que aponta favorecimento no uso de imperativo de *tu* abrange os anos de 1861 a 1980; a fase (2), em que as formas co-ocorrem em distribuição equilibrada, corresponde ao período de 1881 a 1900; a fase (3), de 1901 a 1920, apresenta maior frequência de imperativo de *tu* sobre *você*; e, por fim, a fase (4) – de 1941-81 – em que o imperativo de *você* tem frequências acima de 80%.

Esses nossos resultados de fases não foram aleatórios e se assemelham ao observado em outros trabalhos, como o de Souza (2012) e o de Machado (2011) em que as autoras observam o comportamento de *tu* e *você* na posição de sujeito. Podemos dizer assim que, com base na nossa amostra, o comportamento do imperativo de 2SG parece acompanhar as mudanças advindas com a inserção de *você* no sistema pronominal brasileiro, visto que essa nova forma pronominal suplanta *tu* por volta da década de 1930 – 1940. Podemos dizer, portanto, que há uma correlação entre o emprego do imperativo associado ao indicativo e ao subjuntivo e o percurso histórico de implementação do pronome *você* no PB. Com isso já respondemos à pergunta seguinte:

2) O emprego do imperativo de *tu* e de *você* tem uma evolução independente das formas do paradigma de *tu* e *você*, ou seja, o uso desse modo verbal teve um desenvolvimento à parte nesse processo de implementação de novas formas de segunda pessoa no Brasil?

Ficou claro, com base nos resultados do fenômeno por fases, que esse modo verbal não teve um processo diferente e desvinculado da entrada de *você* no PB, pelo menos em nosso *corpus* de cartas. Para analisar as variantes mais detalhadamente, a fim de verificar se o uso do imperativo estava condicionado a questões discursivas, linguísticas ou extralinguísticas, assim como se percebe ao observar *tu* e *você* na posição de sujeito, fizemos uma análise quantitativa e qualitativa. Para tanto, testamos alguns grupos já discutidos em outros trabalhos – Scherre (2007, 2002, 2001, 1998), Cardoso (2009), entre outros – apoiando em conceitos de frequência de *type* e *token* (BYBEE, 2010), *Princípio de Marcação* (GIVÓN, 2001) e Tradições Discursivas (KABATEK, 2006).

O único grupo selecionado tanto na rodada geral quanto em todas as parciais foi o paralelismo linguístico. Além disso, a rodada geral apresentou também como grupos relevantes para a análise: conjugação verbal, tipo de oração, regularidade do verbo, período e gênero do remetente. Já os demais, os grupos de fatores selecionados com relação aos períodos, foram os seguintes: conjugação verbal (1), (2) e (3); regularidade

(1), (3) e (4); tipo de oração (2) e (3), número de sílabas do verbo no infinitivo (3) e (4); gênero do remetente (2) e (4); e seção da carta (4).

Chegamos, assim, aos seguintes resultados quantos aos grupos analisados:

Em relação ao paralelismo discursivo, foi verificado se havia uniformização do tratamento empregado pelo missivista, ou seja, se o indivíduo usava as mesmas formas imperativas em sequência. Os resultados tanto gerais quanto específicos (por fases) mostraram que os missivistas empregavam formas subsequentes similares a anteriormente empregadas na carta. Assim, o imperativo de indicativo favoreceu à ocorrência de outra de mesma forma, assim como o subjuntivo favoreceu a presença de formas relacionadas a *você*.

No que se refere à conjugação verbal, conforme alguns trabalhos apontam – Scherre (1998); Alves (2009) –, partindo do *Princípio da Marcação* (GIVÓN, 2001), as formas imperativas indicativas prevaleceram nos verbos de conjugação menos marcada (1ª) ao passo que as subjuntivas, nas mais marcadas (2ª e 3ª). Os resultados gerais referentes à conjugação verbal corroboraram, parcialmente, a hipótese já que o imperativo de *você* foi favorecido apenas na 2ª conjugação, não tendo sido favorecido nos verbos mais marcados (3ª conjugação).

Esse grupo teve a hipótese confirmada, visto que os verbos de 1ª conjugação favoreceram de fato o imperativo de *tu*, ao passo que as demais conjugações, de *você*. Os casos que fugiram a essa regra num geral foram explicados por meio de construções fixas cristalizadas, tal como *pede e recebe*. Além disso, as formas utilizadas pelo escrevente também influenciaram, como *sê*, forma arcaizante ligada ao discurso da carta e ao caráter muito letrado do missivista.

Quanto à regularidade verbal, partimos da hipótese de que verbos mais marcados tenderiam a favorecer à forma subjuntiva, assim como os menos marcados, à indicativa. Assim, foram descritos cinco padrões: padrão 1 – verbos regulares de 1ª conjugação com vogal precedente [+ aberta]; padrão 2 – verbos regulares de 2ª e 3ª conjugação com vogal precedente [- aberta]; padrão 3 – verbos irregulares menos salientes; padrão 4 – verbos irregulares mais salientes; padrão 5 – verbos com formas subjuntivas e indicativas com vogal precedente mais ou menos aberta. Desses grupos, (1) e (3) favoreceram o imperativo de *tu* e (2), (4) e (5) favoreceram o imperativo de *você*.

Os resultados gerais não confirmaram por inteiro a nossa hipótese de que verbos mais marcados favorecem o imperativo de *você*. Além disso, o imperativo de *você* não foi favorecido nos verbos irregulares mais marcados.

As rodadas parciais, contudo, revelaram um comportamento diverso, mas, de uma maneira geral, confirmaram o esperado para o grupo. Com relação ao padrão 1 confirmamos a nossa hipótese, visto que os números destoantes nessa categoria se deveram ao sistema de tratamento empregado pelo remetente e a influência do tipo de frequência dos itens. O padrão 2 praticamente confirmou nossa hipótese, tendo ocorrido algumas imprecisões em razão da frequência de ocorrência com formas como *aceita* e de tipo com itens verbais como *fortifica*. No padrão 3, assim, como no 1, a forma de tratamento empregada pelo missivista influenciou para que os dados numéricos não corroborassem nossa hipótese que, num geral, foi confirmada também nesse fator. No paradigma 4, não houve confirmação da nossa hipótese, no entanto alguns aspectos parecem ter incidido diretamente na escolha do escrevente pela forma associada a *tu*, como construções fixas, ou seja, TDs e o perfil letrado do escrevente. O perfil 5 não teve a hipótese confirmada em função das formas de tratamento empregadas pelo missivista que, nos verbos dessa categoria, tenderam a manter a uniformização dos pronomes da carta.

Com relação, ao gênero, os dados gerais não apresentaram equilíbrio na frequência de imperativo de *tu* e de *você*. As rodadas parciais não demonstraram ser tão elucidativas, o que parece demonstrar que esse grupo não é tão relevante para fins de diferenciação no uso das formas variantes de imperativo. A nossa hipótese inicial – de que as mulheres utilizariam mais a forma imperativa subjuntiva – para esse grupo não se confirmou, embora esse resultado precise ser relativizado, visto que o número de missivistas homens é muito superior a de mulheres.

Para o tipo de oração, a hipótese era de que o imperativo de *você* seria favorecido nas orações encaixadas, enquanto as demais favoreceriam de *tu*. Na rodada geral, verificou-se que nas orações isoladas e coordenadas houve um equilíbrio na frequência e no peso relativo das variantes, o que contraria a nossa hipótese de que nesse contexto seria favorecida a forma imperativa indicativa.

Na rodada parcial, esse grupo foi selecionado nas fases (2) e (3) não tendo sido a hipótese confirmada por completo nesses períodos. O que se verificou foi que na fase (2)

formas recorrentes de *aceite* em contextos isolados contribuíram para que essa variante associada a *você* fosse produtiva, constituindo possivelmente um caso de TD. Já na fase (3), o imperativo de *tu* foi mais frequente que de *você* em contextos isolados e coordenados, confirmando nossas postulações iniciais.

Em relação ao número de sílabas, partimos também do *Princípio a Marcação* (GIVÓN, 2001) que aponta que itens mais extensos tendem a ser cognitivamente mais complexos e, por isso mais marcados, por isso verbos de até duas sílabas favoreceriam o imperativo *indicativo* enquanto os demais, o subjuntivo. Partindo de trabalhos, como Scherre (2004), os resultados apontam para a confirmação da nossa hipótese na fase (4). Na fase (3), contudo, nos verbos de duas sílabas, houve favorecimento de imperativo de *você*, enquanto no de três sílabas, de *tu*, respectivamente. Isso ocorreu em função dos itens lexicais que apareceram com alta frequência, constituindo uma TD, tal como *recebe* (imperativo de *tu* em verbo de três sílabas) e *mande* (imperativo de *você* em verbo de duas sílabas).

Quanto à seção das cartas, os resultados mostraram que fatores discursivos influenciam no uso das formas imperativas em questão. Isso pode ser visto sobretudo nos dados referentes ao núcleo, seção da carta que não favoreceram a ocorrência de imperativo de *você*. A seção da carta, como visto ao longo do trabalho deve ser considerada tomando por base também o item lexical, uma vez que formas como *aceite*, *receba*, *abraça*, típicas do modelo epistolar, podem indicar que na verdade não se trata exatamente um caso de variação, mas uma TD.

Nossos resultados apontaram para uma variação estável entre as formas imperativas associadas ao indicativo e ao subjuntivo, visto que os fatores tanto linguísticos como extralinguísticos que se mostraram relevantes no presente, atuaram da mesma maneira em tempos mais recuados. Estamos, assim, diante de um processo de variação e não de mudança, pois não houve a substituição de uma forma por outra. As formas variantes apresentaram comportamentos distintos nas fases postuladas com avanços e recuos de uma variante sobre a outra ao longo do tempo em praticamente contextos semelhantes.

O imperativo de *você* ocorreu principalmente em verbos mais marcados principalmente pela irregularidade. Já a forma imperativa de *tu*, como mostraram os resultados referentes ao tipo de verbo – regularidade, número de sílabas e conjugação

verbal – revelou-se nitidamente como forma menos marcada, pois, desde sua origem, é a forma imperativa por excelência. O imperativo de *tu*, por isso, quando em verbos marcados, ocorreu em função de questões relacionadas à natureza do *corpus*, à especificidade do item verbal e à estratégia de tratamento utilizada pelo escrevente. Por se tratar de uma amostra composta de cartas escritas por missivistas que, em sua maioria, eram indivíduos com domínio dessa modalidade, a uniformização do tratamento tendeu a ser um aspecto que os condicionou a usar o imperativo de *tu* em contextos em que o esperado seria o imperativo de *você* e vice-versa. A análise de materiais complementares pode abrir novos caminhos de investigação.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. Gramática latina. 44 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

BARROS, Enéias Martins de. Nova gramática da língua portuguesa. São Paulo: Atlas, 1985.

BASSETTO, Bruno Fregni. Elementos de Filologia Românica: História Interna das Línguas Românicas, v. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37 ed. 14. edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BAZERMAN, Charles. (2005). *Gêneros textuais, Tipificação e Interação*. São Paulo: Cortez.

BUENO, Francisco da Silveira. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. São Paulo: Edição Saraiva, 1963.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: Brian D. Joseph and Richard D. Janda (eds.), *The Handbook of Historical Linguistics*, 602-623. Oxford: Blackwell.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. (1979). História e Estrutura da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão.

CARDOSO, Daisy Bárbara Borges. Variação e mudança do imperativo no português brasileiro: gênero e identidade. 2009. 0 f. Tese (Doutorado em Programa de Pós Graduação Em Lingüística) - Universidade de Brasília

CEGALLA, Domingos Paschoal. Novíssima gramática da língua portuguesa. São Paulo:

Ed. Nacional, 1990.

CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DOMINGOS, Tânia Regina Eduardo. Pronomes de tratamento do português do século XVI: uma gramática de uso. 1ª ed., São Paulo: Annablume; Rondônia: UNIR, 2001.

DUARTE, M.E.L.. A perda do princípio ‘Evite pronome’ no português brasileiro. Tese (Doutorado em Linguística) - Curso de Pós-graduação em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos de Linguagem, Campinas. 1995.

DUARTE. “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil”. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary Aizawa (orgs.). Português brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas: UNICAMP, 1993.

FARACO, C. A. Considerações sobre a sentença imperativa no português do Brasil. D.E.L.T.A., São Paulo, v.2, n.1, p.1-15, 1986.

FARIA, Ernesto. Gramática Superior de Língua Latina. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

GIVÓN, T. The functional approach to language and the typological approach to grammar. In: Syntax. v.1. Amsterdam: J. Benjamins, 2001. p. 1-42.

GIVÓN, T. (1995). Functionalism and grammar. John Benjamins Publishing Company, Philadelphia, USA.

GUY, Gregory; ZILLES, Ana. Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

KABATEK, Johannes (n. p. b): “Sobre a historicidade de textos”, tradução de José da

Silva

Simões, *Linha d'água* (São Paulo) 17, 2005, (no prelo).

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança lingüística. In: LOBO, T. et al. (Ed.). *Para a história do português brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: Ed. da UFBA, 2006. p.505-530.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. *Lengua hablada en la Romania: Español, Francés, Italiano*. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change – Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

LIMA, C. H. da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

LIMA-HERNANDES, M.C.; RODRIGUES, A.C.S.; SPAZIANI, L. (2006) Graus de Imperatividade em Cartas Brasileiras. In: CASTILHO, Ataliba T. (org.) *História do Português Paulista*. Volume 1. Campinas: Editora da Unicamp.

LIMA, Mario Pereira Souza. *Gramática Expositiva da Língua Portuguesa para uso nas escolas secundárias*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

LOPES, C. R. S. Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX. *Alfa : Revista de Linguística* (UNESP. São José do Rio Preto. Online), v. 55, p. 361-392, 2011.

LOPES, C. R. S. ; MACHADO, A. C. M. . Tradição e inovação: indícios do sincretismo entre segunda e terceira pessoas nas cartas dos avós. In: Célia Regina dos Santos Lopes. (Org.). *Norma brasileira em construção: fatos lingüísticos em cartas pessoais do século*

XIX. Rio de Janeiro: Pós-Graduação em Letras Vernáculas/FAPERJ, 2005, v., p. 45-66.

LOPES, C. R. dos S. Retratos da variação entre você e tu no português do Brasil: sincronia e diacronia. In.: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Orgs.). Português Brasileiro II - contato lingüístico, heterogeneidade e história. Niterói: EDUFF, Volume 2, p. 55-71. 2008.

LUCCHESI, Dante. (2004). Sistema, mudança e linguagem – um percurso na história da linguística moderna: Parábola. São Paulo.

MACIEL, Maximiro. Grammatica descriptiva baseada nas doutrinas modernas. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Paulo de Azevedo e Cia.. 1931.

MARCOTULIO, L. A preservação das faces e a construção da imagem no discurso político do marquês de Lavradio: as formas de tratamento como estratégias de atenuação da polidez lingüística. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. 2008.

MARCUSCHI, Luis Antonio. (2000). Gêneros textuais: o que são e como se classificam? Recife: UFPE.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. (2003). Gramática da Língua Portuguesa. 5ª edição revista e aumentada. Lisboa: Caminho.

MENON, Odete Pereira da Silva. A indeterminação do sujeito no Português do Brasil: NURC – SP e VARSUL. In: Vandresen, Paulino (org.). Variação, mudança e contato lingüístico no Português da Região Sul. Pelotas: EDUCAT. 2006.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L.. Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação. São Paulo: 2003.

PAREDES SILVA, V. L. 2003. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: C. RONCARATI & J. ABRAÇADO (orgs.). Português brasileiro: Contato lingüístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7Letras. 160-169.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica Historica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica Expositiva – Curso Superior*. São Paulo: O Estado de São Paulo, 1923.

PEREIRA, Rachel de Oliveira. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica* / Rachel de Oliveira Pereira. – Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2016. Orientador: Célia Regina dos Santos Lopes Tese (doutorado) – UFRJ / Faculdade de Letras / programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, 2016

PERINI, Mario A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

REIS, M. S. dos. *Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo: a dimensão estilística sob um olhar funcionalista*. 2003. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

RIVERO, M. L. 1994. Negation, imperatives and the Wackernagel effects. *Rivista di Linguistica* 6.1: 39-66.

RUMEU, M. C. B. *A implementação do ‘Você’ no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: um estudo de painel*. 2008. 276f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 2v.

SANKOFF, David, SALI A. TAGLIAMONTE, and Eric Smith (2005). *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto.

SCHIFFRIN, D. (1981) Tense variation in narrative. In: *Language*. SA, 57 (1):5-62, mar.

SILVA, E. N. Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não-ilustre. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SAMPAIO, D. A. A expressão do imperativo no português do século XVI ao século XX. 2004. 273 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

SAMPAIO, D. A. 2001. Modo imperativo: Sua manifestação/expressão no português contemporâneo. Salvador: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia.

SCHERRE, Maria Marta Pereira . Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras*, v. 04, p. 01-32, 2012.

SCHERRE, M. M. P. O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. Anthony Julius Naro e a Linguística no Brasil – uma homenagem acadêmica. FAPERJ/7Letras: Rio de Janeiro, 2008. p.306-319.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva and SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. (2007) Reflexões sobre o imperativo em Português. São Paulo: DELTA, vol.23, n. spe, p. 193-241.

SCHERRE, Maria Marta Pereira . Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, v. 51, p. 189-222, 2007.

SCHERRE, M. M. P. 2002. A norma do imperativo e o imperativo da norma – Uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro. In: M. BAGNO (org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola. 217-251.

SCHERRE, M. M. P.; OLIVEIRA, H. R. de; FREITAS, V. A. de L.; JESUS, E. T.; DIAS, J. G. Restrições sintáticas e fonológicas na expressão variável do imperativo no português do Brasil. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)*, Forianópolis,

p.1333-1347, 2000.

SCHERRE, Maria Marta Pereira & FREITAS, Vera Aparecida de Lucas; JESUS, Étel Teixeira de; OLIVEIRA, Helena Rodrigues; DIAS, James Gonçalves (1998) Phonic parallelism: evidence from the imperative in Brazilian Portuguese. *Papers in Sociolinguistics*. NWAVE-26 à l'Université Laval (Québec): Nota Bene, p. 63-72.

SOTO, Eva Ucy Miranda Sa. (2001). *Variação/Mudança do Pronome de Tratamento Alocutivo: Uma análise enunciativa em cartas brasileiras*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa, Araraquara: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

SOUTO MAIOR, Ana Christina. O gênero carta – variedade, uso e estrutura. In: *Ao Pé da Letra*, p. 1-13, 2001. Disponível em: http://www.revistaaopedaletra.net/volumes/vol%203.2/Ana_Christina_Souto_Maior--O_genero_carta-variedade_uso_e_estrutura.pdf. Acesso em: 27 de julho de 2009.

SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes. (2012). *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [1968]2006/. São Paulo: Parábola